

867/3  
ANA DE CASTRO OSORIO

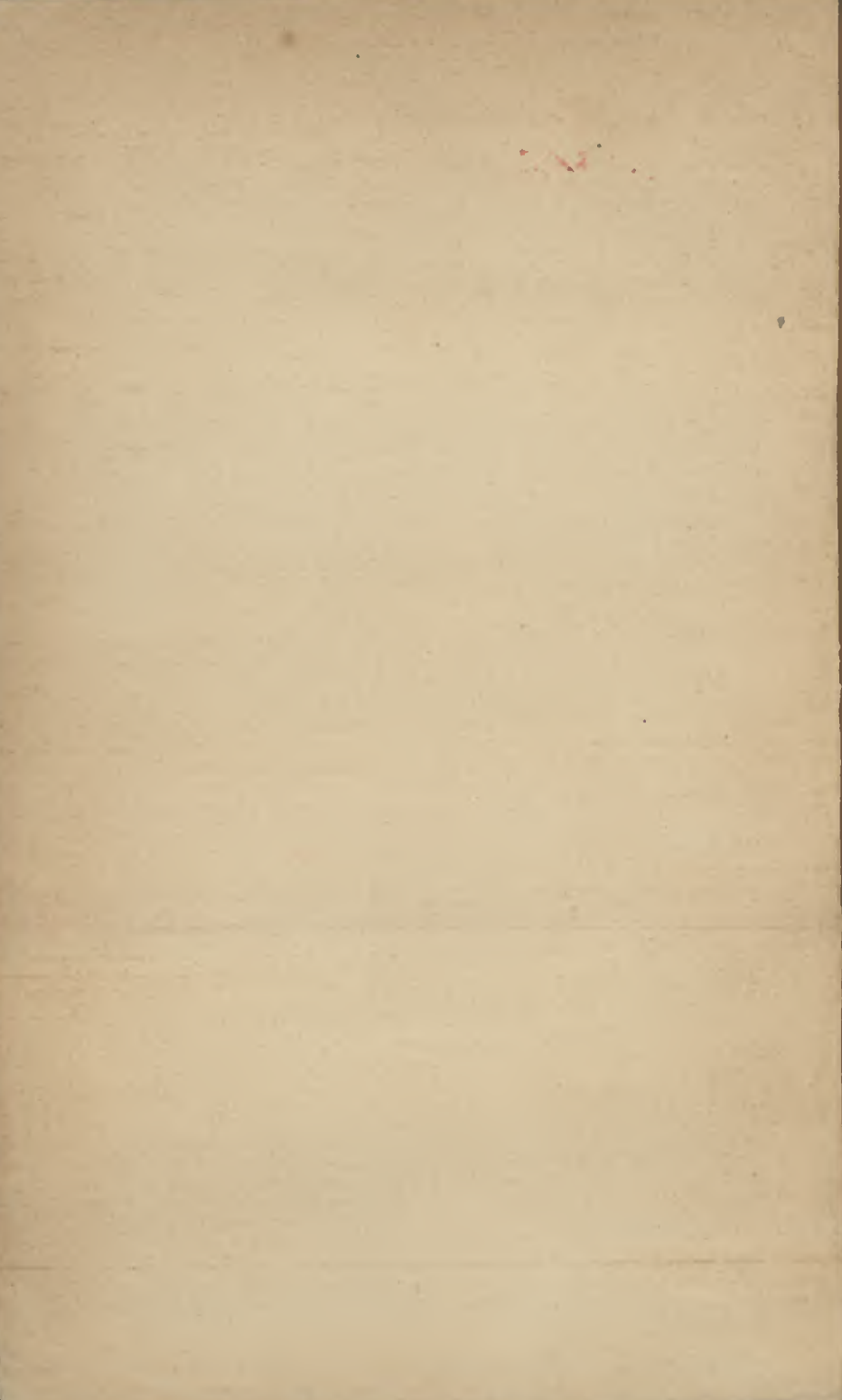
# Em tempo de Guerra

Nos soldados e ás mulheres do meu pais



LISBOA  
EDITORES: — Ventura e Companhia

—  
1918



6  
6 313

---

---

*Em tempo de Guerra*

---

---

# ANA DE CASTRO OSORIO

---

## ROMANÇOS, NOVELAS, THEATRO :

*Infelizes*  
*Ambições*  
*Quatro Novelas*  
*Bem prega Frei Tomaz...*  
*Homens nos Bastidores*  
*Mundo Novo (romance)—a saír*  
*Olim...—a saír*

## QUESTÕES SOCIAIS :

*A's Mulheres Portuguezas*  
*Festas infantis*  
*Instrucção e educação*  
*A mulher no casamento e no divorcio*  
*Varias conferencias*  
*Libertas—a saír*

## OBRAS EDUCATIVAS E LITERATURA INFANTIL :

*A minha Patria*  
*A boa mãe*  
*Uma lição da Historia*  
*Os nossos amigos*  
*Lendo e Aprendendo*  
*Para as crianças, 19 volumes (contos maravilhosos, historias, teatro)*

ANA DE CASTRO OSORIO

21762



*6315*

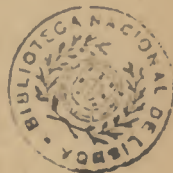
*14<sup>o</sup> de*

*96<sup>o</sup> de 1920*

# Em tempo *Des<sup>o</sup>* de Guerra

Aos homens e ás mulheres do meu país

*B. V. L.  
1855  
B. 1.*



LISBOA

EDITORES: — Ventura e Companhia

1918

E mulheres do meu país, á falha  
De braços masculinos que o cultivem,  
O vosso apêgo á terra é que a trabalha,  
E tradições sagradas nele vivem.  
Enquanto longe e ardente o homem batalha  
E faz que glórias fulgidas se avivem,  
Vais fecundando o solo bem cuidado,  
Já que é esteril teu seio abandonado.

PAULINO DE OLIVEIRA

*Das Mulheres do meu País.*

## *Antes de abrir*

---

Quando nos lembraram a publicação em volume destes artigos publicados ao correr do tempo, conforme o assunto e a emoção pelos factos provocada, aceitámos a ideia na intenção de os rever um por um, cortar e acrescentar o que melhor se harmonisasse com a plasticidade artistica do livro e da-los ao publico num todo harmonico e perfeito, como obra para o futuro.

Mas, nem o tempo o permite nesta hora de afirmação e trabalho, nem o vertiginoso desenrolar da acção, em que nos vemos envolvidos, pode consentir um paciente e demorado esforço de análise dos factos passados, quando milhares de novos assuntos reclamam a atenção e o esforço persistente dos que tomaram a peito cumprir o seu dever, neste momento decisivo para o futuro da Patria Portuguesa.

Nesta marcha acelerada em que vamos para o amanhã glorioso que antevemos, se todos os portugueses se juntarem neste simples e tão grande dever, de por acima de todos os interesses individuais, o interesse magnifico, o interesse supremo da raça, não ha o direito de parar, nem sequer de olhar para traz, para que os outros concorrentes não avancem em tropel, esmagando-nos na nossa passividade de pas-



mados, atingindo a meta, enquanto analisamos *aguas passadas*...

*Para a frente*, é o caminho e a divisa que todos os portugueses devem, nesta hora, sustentar com um brio, que não desdiga do passado que representam.

*Para a frente*, não é necessario repeti-lo duas vezes, aos soldados admiraveis que saem das arterias do corpo vigoroso da nação, como um excedente de energia e de coragem.

Mas é necessario repeti-lo dia a dia áqueles que ticam e que representam o sangue venoso, que é urgente arejar e enriquecer, para que de novo o vejamos palpitar rubro e forte no organismo desta colectividade, de que somos, cada um por si, uma molécula constituinte.

E assim, não nos reconhecendo o direito de desviar um momento a atenção do trabalho a realizar, e concordando em que será necessario, para o futuro, registar os cambiantes sentimentais provocados pelos factos de cada dia, aceitamos a ideia de fazer esta publicação de momento, com a simples revisão de provas, reservando para horas de mais calma o trabalho de arte, que nos seduz.

Acceptamos como exigencia do momento esta publicação, como vai ser feita, e oferecemos ao coração ardente dos nossos soldados, como ao criterio e ao sentimento das mulheres portuguesas, este braço de ideias e de palavras, que só tem um fim: servir e engrandecer a Pátria, que é nessa, que é o nosso orgulho, a nossa força, a nossa mais bela afirmação individual.



# *A nossa missão*

(no primeiro numero da "Semeadora,")

Ao encetar-se uma publicação periodica, visando uma determinada propaganda, é costume apresentar o seu primeiro numero embandeirado em arco, cheio de esperanças e afirmando o seu programa, como um hino de revolta que já conta o triunfo como certo.

Nós, pelo contrario, entramos serenamente na vida, sem pretensões a dirigentes, nem desejo de que nos tomem como agitadores dum movimento de reivindicação social, que está ainda bastante longe do estado moral e material da vida portugêsa.

Ao encetarmos a publicação do nosso jornal com a serenidade e a firmeza que nos dão a consciencia de cumprir um dever, sentimo-nos bem longe daqueles apóstolos que fecham os olhos á realidade e só vêem o que desejam vêr. Nós, as mulheres, bem ao contrario do que julgam os que nos prestam as qualidades e os defeitos que mais prazer lhes dão, somos, em geral, menos sujeitas a ilusões do que os homens.

Pacientes, porque a educação assim nos fez; perseverantes porque não podendo dirigir abertamente o nosso destino, é-nos forçoso aguardar as mil circunstancias fortuitas que nos auxiliem a realizar o que desejamos; habituadas a vêr a vida de fóra e a apreciá-la com as suas mentiras e as suas injustiças, de que nos fazem um crime a queixa e o protesto, adquirimos assim

uma resistencia para a luta, uma força para a propaganda que todos conhecem, mas raros reconhecem.

Nós, pessoalmente, não temos, nem nos lembra que tivéssemos jámais, a fé ardente e cega dos iluminados; antes nos parece que sentimos sempre a certeza do longo caminho a percorrer, monotona e serenamente, sem a esperança deslumbradora e consoladora de atingir o fim.

Dirigimo-nos para um futuro que não nos pertence e, como no conto para crianças, do «pequeno perdido na floresta», para que as nossas irmãs possam encontrar o trilho que tão difficilmente vamos seguindo, achamos do nosso dever ir marcando o caminho com algumas pedras brancas, que a maioria afastará com indiferença, julgando-as inuteis, mas dalgum proveito serão para as que se tiverem perdido e sofrerem do seu isolamento na intrincavel floresta da vida.

Eis o motivo porque este jornal vem para o publico, com a certeza de vida que lhe dá um grupo de pessoas que entendem de utilidade a sua publicação e da propria vontade fazem deponder a sua existencia, que embora não seja tão longa quanto é nosso desejo, será sufficiente para deixar um vinco e marcar a sua passagem na vida social da mulher portugêsa.

Não pretendemos ser orientadoras de opinião, antes, como o titulo mesmo o indica, queremos semear ideias, espalhar conhecimentos, levantar questões e apresentar problemas, que a mulher será forçada a decifrar brevemente e para os quais no nosso país está mal preparada.

Queremos, além disso, ir registando o movimento feminista que a maioria mal presente, porque a mulher portugêsa é, por educação, reservada nos seus pensamentos e timida nas suas revoltas, mas é já alguma coisa mais do que a imaginam os homens.

A nossa missão é, pois, modesta e simples,

mas temos a convicção de que é util; e isso nos basta para conscienciosamente a tomarmos como um dever sagrado a que não podemos faltar.

Neste momento de sobresalto e de duvida para a humanidade, do qual resultará uma profunda modificação nas ideias e nos costumes das sociedades de amanhã, aconteça o que acontecer, o problema da mulher ha de apresentar-se com uma nitidez e uma justiça, que não será possível arredá-lo sem solução.

Perante um estado de coisas de que não tem a responsabilidade, a mulher em todos os países tem mostrado tantas qualidades e tanta competência para o trabalho, como coragem para a luta.

Na França e na Inglaterra, principalmente, deixou de ser, como sempre foi nas grandes crises sociais, a massa inerte, sacrificada sem protesto, para mostrar pela sua iniciativa inteligente, que é um ser humano que comprehende os deveres quando reclama os direitos.

O assunto que mais preocupa o mundo, no momento actual é, sem duvida, a guerra.

Essa preocupação é tão grande, tão avassaladora, tão absorvente que todos os mais assuntos e interesses se inferiorisaram e modificaram sobre a pressão dolorosa da grande tragedia, que se impõe a todos os espiritos e não deixa indifferente nenhum dos povos, que estão mais ou menos ligados á civilização actual.

Para as mulheres de todos os países e principalmente para as dos beligerantes, a questão assume proporções que em tempo algum se constataram, vendo-se bem pelos factos que se têm dado quanto o nivel intelectual e moral da mulher subiu nos ultimos tempos com a propaganda social, que se chama feminismo.

A guerra veio encontrar a nossa questão num estado de propaganda combativa, com pouco avanço sob o ponto de visto pratico na justa par-

ticipação na vida politica e administrativa, em quasi todos os grandes países da Europa.

Mas os homens, que tanto têm desdenhado as justas pretensões femininas, tem de reconhecer forçosamente que a cooperação da mulher é preciosa e que ela é tanto mais util quanto mais consciente e mais independente é quem a dá.

Achamos, pois, que é bôa ocasião para des-empenhamos no nosso país o duplo fim de registrar o que nos outros se faz de bom e de util, e dizer o que entre nós tambem se vai progredindo e trabalhando.

Será pouco?!... E' do nosso feitio e da nossa orientação nada acharmos pouco e tudo aproveitarmos, não esmorecendo nem parando nunca no avançar das ideias.

Eis pois esboçado com simplicidade o nosso programa, satisfazendo assim a curiosidade dos que nos perguntam com certa surpresa o que vimos fazer numa ocasião destas, em que todas as questões se subalternizam perante o grande flagelo destruidor, que é a guerra como a civilização europeia a preparou.

Mas é precisamente neste momento em que a consciencia humana se encontra perturbada por uma crise que é já impotente para dominar que nós, mulheres, temos o dever de preparar o futuro, com mais justiça do que os homens prepararam o presente.



# Portugale em guerra

O nosso país está hoje oficialmente em guerra com a Alemanha e os seus aliados, embora desde o primeiro momento em que a França se sentiu ameaçada pela furia germanica, todos os portuguezes se sentissem de alma e coração com os povos, que representam a fraternidade de sangue e das tradições, que mais nos orgulham.

Frisamos propositadamente a afirmativa de que *todos* os portuguezes estão com o interesse dos nossos aliados, porque não podemos considerar dignos do nome honrado de portuguez, todo aquelle que se disser germanofilo. Ser pela Alemanha, nesta como noutras semelhantes emergencias da vida nacional, mais não denota do que ignorancia ou falta de amor patrio: Ignorancia por não verem nem compreenderem que o triunfo deste povo, que veio tarde para a conquista do mundo, e que sem escrupulo se queria apoderar do trabalho e da propriedade alheia, seria o esfacelar da nação portugueza, que só tem razão de existir, continuando a ser, como é, uma potencia colonial de primeira classe.

Riam-se embora desta afirmativa os que voluntariamente se amesquinham — num proposito humilhante, que não se coaduna de modo algum com o destino glorioso que a historia nos assinalou — a verdade incontestavel é que, segundo a propria frase de Yves Guyot: «o pequeno Portugal possui mais de dois milhões de kilometros quadrados de esplendidos territorios na Asia e na Africa, enquanto a colossal Alemanha só tem quinhentos e quarenta mil setecentos kilometros quadrados de superficie na Europa.»



E havemos de contar ainda o nosso território europeu, esta nossa linda terra estirada ao longo do Oceano, cuja posição geográfica é incomparavel e vale bem a grandeza de outros países. E havemos de contar, tambem, o Portugal insular, terras de maravilha e de encanto, que muito acrescenta á riqueza e á formosura do nosso país. E havemos de contar ainda esse prolongamento moral da Patria, que é o amor e orgulho da nossa gente, espalhada por todo o mundo, e em especial no Brasil, onde tão dentro de sua casa se sentem!...

Portugal só é pequeno na mesquinha ideia daqueles, que não tendo capacidade para fazer alguma coisa de util, querem arranjar uma desculpa para a sua propria incapacidade.

Mas não é só ignorancia, é tambem falta de amor proprio a simples enunciaçãõ de ambições imperialistas, porque elas só se podem comprehender e desculpar quando um povo pode, pela força, impôr aos outros a sua hegemonia. Ambicionar ser escravo dos mais fortes, não é procedimento de seres libertados.

Que nos importava ter feito parte de uma grande nação territorial da Europa, se não era na nossa lingua que as mães falariam ao coração dos filhos, se não eram as nossas leis as obedecidas, se não era a nossa Historia que se aprendia nas escolas; se não eram os nossos livros, a nossa arte, que comoveria os espiritos?!

O que nos consola e nos orgulha é vermos, atravez da Historia do povo portugûes, a mulher manter sempre com altivez e com nobreza o brio nacional, desde o primeiro estremeção de orgulho femenino, que fez de um modesto condado adstricto á Soberania Castelhana uma Patria de herois, até hoje em que a mulher tão dignamente aceita as responsabilidades e os sac: ilicios de uma guerra santa pela liberdade e pelo progresso, raros sendo os exemplos de defecção moral da parte do nosso sexo.



Neste momento as mulheres portuguezas, sem mais se preocuparem com as mesquinhas questões partidarias, fraternisaram immediatamente, pondo acima de todos os outros sentimentos o sentimento sacratissimo da Patria.

As mulheres da nossa raça, acostumadas a quatro seculos de conquistas e de emigração continuada, encaram este momento soléne da nossa Historia com uma serenidade bem difficil de comprehender, para quem só superficialmente nos conhece. Nem entusiasmo que denote incompreensão da hora presente, nem desânimos que nos envergonhem perante a historia das nossas avós.

Mal se pensou na mobilisação dos homens, logo as mulheres se apressaram a fazer uma espontanea mobilisação, que é o movimento mais bello, que em Portugal se tem produzido nos ultimos tempos da vida nacional.

A esse espontaneo e lindo movimento representado pela pequena Comissão Feminina *Pela Patria*, que arrostou com todos os reparos e más vontades das ideias iniciais, seguiu-se a esplendida afirmação que é a *Cruzada das Mulheres Portuguezas* que começou os seus trabalhos com a publicação duma circular, largamente espalhada no país e colonias, que prova bem aos homens, não só aos nossos patricios, como aos dos outros países, que a mulher portugueza não recuará ante nenhum sacrificio para honrar o nome de Portugal e manter a sua integridade e a sua riqueza.

Sem uma hesitação, sem um protesto, e-las que se apresentam com firmeza e com dignidade, afirmando aos homens de hoje, como as suas avós o afirmaram, por certo, aos que iam em demanda de novas rôtas e países mal entrevistos em sonhos de grandeza, que podom partir confiadamente deixando ás suas mulheres o encargo, não menos glorioso, de fazer dos seus filhos cidadãos portuguezes e de cuidar da terra, que os hade acolher e sustentar na volta.

As mulheres da nossa terra correspondendo, como teem correspondido, em todas as classes e em todas as familias, ao apelo què lhes foi feito em nome da Patria, ameaçada e ofendida por aquelles que se julgam os mais fortes, mostram como teem sido injustamente comprehendidas e injustamente tratadas pelos homens, que socialmente lhes teem criado uma situação vexante, dentro do seu proprio país.

Os estrangeiros que ainda hoje nos visitam admiram como é pequeno o numero de mulheres que exercem profissões sedentarias, tanto no commercio como no funcionarismo e outros trabalhos que de ha muito são encargos femininos em outros países; admirando, ao mesmo tempo, como algumas, principalmente as do norte, aguentam trabalhos pesadissimos, até para os proprios homens.

E' que social e historicamente falando, não ha mulher que mais e melhor merecesse a consideração do homem, seu companheiro e seu irmão, e que de facto mais desgraçada seja desde que precise procurar o pão de cada dia num trabalho que vá alem da estenuante tarefa da costura, do trabalho inferior de criada ou de operaria, do serviço de vendedeira ambulante ou de carregadora de carvão nas docas.

E' necessario que a mulher se compenetre do altissimo dever civico, que a sua missão de mãe e de educadora, lhe faz pesar sobre os hombros. O futuro está nas mãos das mulheres, estando na mão das mães, porque lá diz um poeta espanhol:

mal á sus hijos enseña  
el que á sua patria desdeña  
por pobre, mermada ó triste,  
pues en sus hijos consiste  
que sea grande ó pequena.

Ora nós temos uma fé absoluta no futuro de Portugal, porque o passado nos autoriza a confiar plenamente nas mulheres da nossa raça.

## Ação feminina

---

O *Mundo*, anunciando a regularidade da nossa colaboração, afirmava que trataríamos especialmente da politica feminina.

Ora se para nós a palavra *politica* tivesse o significado que ordinariamente se lhe dá no nosso país teríamos imediatamente protestado, porque na hora presente, perante a Patria que reclama todo o nosso amor e todos os sacrificios, não ha senão uma politica digna deste nome que é aquella que une todos os portuguezes no mesmo odio ao inimigo e na mesma fé na victoria da nossa causa, que é a afirmação do valor da nossa grande raça e a confirmação do nosso belo destino historico.

Essa politica afirma-se no esforço, no trabalho e no sacrificio da hora presente, como se enobrece preparando o individuo para o triunfo e para a luta de amanhã. Eis o motivo porque temos sempre tratado, especialmente do trabalho da mulher, como dos seus direitos e, sobretudo, dos seus deveres, nesta hora tragica em que o nosso sexo em todo o mundo se sente impellido para uma vida absolutamente diversa daquella que era, ainda hontem, o sonho comodista da maior parte.

Esta guerra, com o seu aspecto brutal e impiedoso de flagelo inconsciente da natureza, veio modificar por completo a estrutura moral das sociedades de amanhã, que ninguem pode prever como se adaptarão ao novo estado de coisas, mas que se hão de adaptar o melhor possivel, não

haja a menor duvida, porque é da condição humana que assim suceda.

O nosso dever consiste hoje em nos armarmos e prepararmos moral e materialmente para entrar na luta, trabalhando todos para que o nosso país cumpra com honra o dever que a História claramente lhe indicava.

Foi assim pensando que ha pouco mais de um ano se formou, pela admiravel iniciativa da sr.<sup>a</sup> D. Elzira Dantas Machado, a associação que se chamou muito propositadamente a *Cruzada das Mulheres Portuguesas*, porque esse titulo abrangge, duma maneira larga e patriótica, todas as formas de proceder e de sentir que tenham por fim honrar o nome que todas usamos com orgulho, de portuguesas, e auxiliar o país no sacrificio, que a todos é pedido, mas que uns sofrem duma maneira mais pesada do que outros.

As mulheres portuguesas, comungando no mesmo amor á sua terra e no mesmo orgulho da sua raça, libertadas de interesses e paixões mesquinhas, teem todas lugar dentro de uma agremiação dividida e subdividida em comissões que para si escolhem a missão que está mais em harmonia com as suas faculdades de trabalho, e dentro dos limites larguissimos dos seus deveres de patriotas, teem toda a independencia de proceder.

Desta fôrma o país conta com as suas mulheres, como as mulheres contam com a Patria em que se integram duma forma nobilissima na hora amarga dos sacrificios.

Se houve mulheres em Portugal, que não tinham comprehendido o seu papel neste primeiro ano de preparação para a guerra, em que tantos sacrificios já foram pedidos ao povo e tantos ele já fez numa admiravel disciplina e compreensão perfeita dos seus deveres, tenhamos esperança de que essa ignorancia já não existe agora e todas se unirão no mesmo fim, que faz dos



portugueses irmãos, todos com os olhos postos na bandeira, simbolo da Patria.

O trabalho das mulheres portuguesas esta apenas esboçado nas suas linhas geraes; cumpre agora a cada uma de per si escolher a forma como deve pagar á Patria a divida que contraiu, pelo simples facto de nascer portuguesa pelo sangue ou de o ser pelo coração, mobilizando-se voluntariamente de uma forma que corresponda ao heroismo dos homens.

Ponhamos os olhos nesse admiravel movimento das mulheres francesas, das italianas, e sobretudo das inglesas, oferecendo-se sem hesitação para o trabalho que a Patria reclama, cada uma cumprindo o seu dever individual sem se preocupar com o que faz a vizinha, a amiga ou a inimiga.

Mas como nesta hora toda a acção dispersa é enfraquecedora, as inglesas submetem-se a uma disciplina de conjunto que dão esse admiravel espectáculo que os jornaes dia a dia veem registando.

Ainda o telegrama seguinte dava ao mundo a nitida e clara expressão do character da mulher inglesa:

«*Londres, 3* — Apesar de não ter feito nenhum apêlo directo, a secção das mulheres do «bureau» do serviço nacional recebeu, nestes tres ultimos dias, 15.000 pedidos femininos. O correio de sabado, pela manhã, trouxe-lhe 2.000 e, naturalmente, hade trazê-los mais numerosos durante o dia. Os pedidos veem dos meios mais diversos, tanto dos mais ricos como dos mais pobres, e manifestam extremamente vivo, o desejo de servir o Estado».

E esta é a nossa politica feminina: pôr de parte sentimentalismos piegas e deprimentes e pela consciencia individual da responsabilidade colectiva afirmar de uma maneira clara, precisa,

iniludível que a raça humana não se compõe de duas espécies moralmente antagonicas, mas simplesmente de individuos com interesses e paixões igualadas perante o amor da Patria; e para se honrar esta é preciso, acima de tudo, trabalho e consciencia do dever que em si propria contem cada hora que passa.

Ha dias publicaram os jornais um telegrama de Roma, que deve ter feito sorrir com desdem grande numero de homens superiores da nossa terra, partindo do principio estabelecido entre nós de que os homens são todos os superiores... pelo menos das suas proprias companheiras.

O telegrama era o seguinte :

«*Roma.* — O sr. Sacchi, ministro da justiça, apresentou á camara um projecto de lei estabelecendo a igualdade legal absoluta dos dois sexos e revogando todas as leis precedentes em sentido contrario».

E ahi fica a gente apavorada só em pensar o que diriam certos intellectuais do nosso Parlamento se um ministro se lembrasse em Portugal de apresentar qualquer coisa que de longe se parecesse com igualdade de direitos entre os seres humanos que formam o conjuncto da mesma especie.

Aquelas paredes que ouviram tantos protestos e tantas palavras aggressivas e inuteis, quando se falou em direitos politicos para a mulher — que a Constituição aliás lhe não nega — ou pelo menos alguns que estabelecessem o principio, embora em condições restrictas, o que não ouviriam, senhores ! se tal *barbaridade* fosse levada



na carteira de um ministro com o nome e com a responsabilidade do membro do governo italiano?!!

O que ouviriam?!... Mas nós já o sabemos pelo que em tempo foi dito sobre a incompetência da mulher portugueza para administrar os fundos de uma associação de beneficência.

Já o sabemos, também, pelo protesto, de que nos informaram, feito ha dias por um senhor deputado, porque, apesar de toda a rotina que oficialmente nos esmaga, alguns, bem poucos e inferiores empregos publicos, tem sido dados a mulheres!

E' que não ha pais no mundo em que a mulher seja, de facto, menos respeitada na sua condição de individuo consciente e autonomo do que é este nosso, que aliás ás mulheres tanto deve através da sua historia de oito seculos de lutas e quatro de emigrações e aventuras continuadas, que deixaram a terra portugueza sob a influencia incontestavel, e ainda hoje bem evidente, da mãe educadora, mais ainda do que da mulher amorosa.

Mas o amor da mãe é por sua propria essencia abnegado, esquecendo-se de si mesma para tudo generosamente conceder ao filho, sem pensar que ele é homem como os outros, como o pai de quem ás vezes lhe veem as mais sangrentas ofensas.

A mulher, que é apenas mãe, entrega-se a esse amor exclusivista, que á força de desinteresse e dedicação chega a ser egoista, porque o filho é o seu sangue e a sua alma que triunfa, revendo-se numa obra que é sua e para beneficiar a qual todas as injustiças parecem justas.

E, desta forma, a mulher chega á situação absurda de ser ela propria que prepara a tragica situação em que se encontram tantas vezes as suas filhas e as suas irmãs perante o egoismo, ás vezes inconsciente, do homem que chega a tomar o aspecto aggressivo do animal de presa

quando a mulher avança um passo na conquista do pão de cada dia.

Hora a hora a situação vai-se agravando e em cada momento que passa mais aumenta o numero de mulheres que olham angustiadas para o dia de amanhã, e perguntam com desespero o que poderão ganhar com o seu trabalho... e que trabalho consentirão os homens em deixar-lhes?!...

Vendo com pavor a situação da mulher portuguesa é que uma das secções da «Cruzada» encarregada da «Propaganda e Organização de Trabalho», tem o plano de fazer criar escolas profissionais e agricolas por todo o país, pretendendo levar as mulheres para o labor do campo, metódica e patrioticamente orientado, de molde a não sentir a falta de braços para a cultura.

Porque a hora presente não é para exhibições mal cabidas nem para sentimentalismos ridiculos e muito menos para protestos e retaliações que nada adiantam.

A Patria reclama o trabalho inteligente e disciplinado de todos os seus filhos, e as mulheres precisam de mostrar que são capazes de produzir riquezas e mostrar coragem e energia, tanta — pelo meaos — como as mulheres dos outros países, convencendo os homens de que a Patria hade prosperar e vencer todas as difficuldades da hora presente contando com as suas filhas, tanto como conta com os seus filhos.

\*

\*

\*

De dia para dia, como reflexo do que se passa nos outros países, a questão feminina cria interesse em Portugal, onde as ideias vão chegando, sempre um pouco atrasadas, e ás vezes de tal modo truncadas, que mal as conhecemos,

tendo o habito de seguir o seu caminho em sociedades similares.

Hoje é considerado já natural e até louvável, o que ha bem pouco tempo, menses apenas, era nesta nossa sociedade mal despertada do somno monastico, um crime de opinião... jacobina.

Quando no principio da guerra um pequeno grupo de senhoras, pensando autonomamente e julgando-se no direito humano de ter opiniões pessoais, começou a trabalhar pela honra da Patria, de modo a dar a sua cota de esforço para a propaganda, que desde logo considerou como nossa a causa dos aliados, esse grupo, na sua qualidade de guarda avançada, sofreu sem trepidar, o embate aggressivo de toda esta sociedade que as ideias liberaes difficilmente penetram, tão grande é a parte de bolór e de poeira que lhes dá a apparencia desbotada de velhas coisas do bric-á-brac artistico, tão espessa é a maquiagem aristocratica, que faz da mais anémica costureira que trabalhe para uma grande dama, uma autentica princesa... dos contos do *Carnet mondain*.

Mas tudo isso passou. A guerra, a grande niveladora, chegou finalmente ao conhecimento e ao coração das mulheres portuguezas, que veem partir os homens da sua raça, não já para essas *ridiculas* guerras de Africa onde a brincar com pretts se morre duma azagaiada ou de uma bala fornecida pelos *bondosos* alemães (*que nunca nos fizeram damno*) ou se arrebenta de sede diante de um *caldo* escuro e sem filtração possível, que se tirou do charco onde os animais se dessedentam.

Essas guerras *sem importancia*, onde se morre a tremer de febre com o sangue numa chama ardente e os olhos esbrazeados a rever a terra linda de Portugal; essa guerra quasi *infantil*, onde os soldados portuguezes teem soffrido estoicamente o frio da montanha, a cacim-

ba da noite, as chuvas torrenciais da tempestade e o sol como caustico a empolar a pele resequida, não chegavam verdadeiramente a comover a mulher portugêsa, tão habituada estava ela ha quatro seculos de lutas e sofrimentos dos homens em terras adustas das colonias.

Hoje, finalmente, todos os corações batem unisonos no mesmo entusiasmo e na mesma fé; a mulher portugêsa deixou de ser esse bloco passivo e deccrativo que fazia da nossa sociedade um organismo cataleptico, em que as classes inactivas eram mais numerosas do que as que trabalhavam pela riqueza colectiva. Vimos com prazer, e até com orgulho, como as mulheres da nossa terra correram alvoroçadamente para a rua pondo-se em comunicação simpatica com toda a gente, fazendo triunfar a ideia, que desde o principio defendemos, de que a mobilisação portugêsa era geral e ás mulheres cumpria, tanto como aos homens, dar á Patria o seu trabalho sem um momento de cobardia ou de hesitação.

As mulheres portugêsas, que até hoje teem vivido enclausuradas dentro de preconceitos, ignorando a vida, sem um ideal, sem um fim, ou uma iniciativa propria, vão finalmente estar em comunicação directa com a grande alma sentimental, heroica e sofredora do povo, por intermedio dos seus soldados! Pena é que nesta hora, amargurada e grande, tão numerosa seja a percentagem de analfabetos entre o povo, que durante sete anos de Republica não conseguiu ainda lavar dessa mancha, porque assim muitos soldados só indirectamente poderão comunicar com as suas gentis e generosas mães.

Ah! como a saudade dos homens de campo evocará a linda paisagem portugêsa, fazendo reflectir as senhoras cultas sobre o interesse que para elas temos reclamado a todas as mulheres da nossa raça!



Mas... a par deste movimento feminino da ultima hora, tão impetuoso e tão simpatico, daquelas que não tem os encargos materiais da vida, ha paralelamente um outro, que precisamos estudar, daquelas que não podem viver sem trabalhar para o seu proprio sustento e são a maioria sofredora que é necessario amparar e levar a bom caminho.

Valorizando esse movimento sentimental feminino, agora provocado pela efectivação da nossa entrada na guerra europeia, que tem em vista aliviar os males que a guerra acarreta, tendo como meio de acção a caridade que pede e a caridade que dá, existe uma corrente feminina impetuosa, que reclama o direito de viver, reclamando o direito ao trabalho.

A mulher já em pais nenhum do mundo pôde ser hoje tão sómente aquella poetizada figura das lendas medievais, que abre a arregaçada onde o pão se converte em flores e as flores em pão para os mendigos, conforme a oferta e a procura que os generosos sentimentos dos homens, arbitros e senhores da vida economica, o entendem determinar.

A Patria, que é como quem diz a sociedade, espera hoje das suas mulheres mais alguma coisa, que é trabalho e iniciativa.

Da triste inutilidade que é para a miseria social o exercicio infecundo da caridade traduzida em esmola, já o povo na sua intuitiva comprehensão da verdade tinha dado uma ideia na frase mil vezes repetida em cada dia por todos os que precisam e por todos os que veem a inutilidade do seu esforço para diminuir o mal:— quem precisa precisa sempre, e quem dá não pode dar sempre.

E se ha na sociedade portugêsa muitas senhoras cuja desafogada existencia decorre sem preocupações economicas, assegurada pelo trabalho masculino ou por fortuna propria, ha uma tremenda maioria que a sociedade hoje em-

purra para o trabalho sem lho indicar nem garantir.

Essa multidão, cada vez mais dolorosamente aumentada, só reclama o direito de viver, que é o direito de todos os que se encontram defronte da existencia com necessidades iniludiveis e sem meios de as satisfazer.

Compreendendo e pesando bem a dolorosa situação, que o estado de guerra não provocou mas veio mostrar escancaradamente áqueles que só veem as coisas quando é já impossivel fechar os olhos á luz, ha tambem uma consciante minoria que pensa muito, sériamente no cumprimento do dever que a Patria a todos reclama nesta crise, que pode ser o inicio de uma existencia melhor ou o fim sem nobresa de uma sociedade que não encontra em si propria a força para reagir.

E' evidentemente ingrata, sob o ponto de vista da estectica sentimental do nosso povo, a acção, que forçosamente tem de ser lenta, paciente e cheia de astrictos, revestida duma energia que se não manifesta na exteriorisação das forças, mas tão sómente na convicção irredutivel de que se está com a verdade e com a justiça, e que se ha de conseguir o fim previsto, sejam quaes forem os obstaculos.

E que esses obstaculos são formidaveis bem o compreendem todos, sabendo que eles se formam, como as dunas do litoral, de preconceitos tenazes como as areias que o vento arrasta vergastando as que teem a coragem de lhe opôr resistencia. Obstaculos que lhe criam os que abertamente hostilizam as ideias libertadoras do individualismo nobilitante e tambem áqueles que, por incompreensão e espirito de rotina, preferem toda a miseria conhecida ao incerto dum improvisto, por mais belo que a razão lho mostre.

Essa espinhosa missão consiste muito especialmente em criar trabalho que valorise a hora



presente e dar á mulher a consciencia do seu proprio valor para a defesa e progresso da Patria.

Porque esta guerra não se ha de vencer sómente com o ferro e com o fogo, mas com o trabalho que produz energia, que é o oiro, sem o qual não ha pão, nem progresso, nem vida. Será essa a maior desculpa que a historia encontrará á sua pavorosa violencia e duração.

Coube, naturalmente, em Portugal essa missão ao grupo que desde a primeira hora se encontrou ao lado da Patria, para a auxiliar neste momento perturbado da sua existencia, e que se intitula a «Cruzada das Mulheres Portuguôsas».

A acção desta já hoje poderosa organização feminina, que exerce a sua patriótica iniciativa em quasi todo o país, não pôde ser apreciada sob a fôrma espectacular e talvez mais agradável aos olhos superficiaes, duma simples instituição de caridade, porque ella é acima de tudo uma organização de trabalho e de assistencia.

Ora uma das fôrmas porque esse trabalho se ha de exercer num futuro proximo é criando em todo o país o ensino agricola feminino e as organizações de character social e pratico, que tinham feito a riqueza e o orgulho da Belgica como da Holanda, Dinamarca e quasi todos os outros países civilisados.

Criar pela propaganda a convicção de que o trabalho intelligente das mulheres é indispensavel á Patria e dar-lhe pelas escolas profissionais e agricolas a maneira de o exercer, eis o duplo fim que se tem em vista.

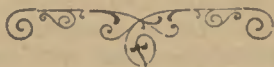
Portugal, país agricola sem agricultura, necessita de dar á terra, a quem rouba os braços dos homens para pegarem em armas contra o inimigo da Patria, o esforço intelligente das mulheres que nela trabalham em todo o país, nem sempre nas mais leves tarefas.

Não ha hoje país nenhum que não tente a intensificação da cultura agricola, para pedir á

terra o alimento que escasseia pela difficil importação; só no nosso se consóme o tempo em protestos e retaliações sem uma acção energica e fecunda nesse sentido.

Para evitar este mal, dando á sua propaganda o entusiasmo e o amor á terra, que é a força da acção feminina, conseguiu a secção da «Cruzada», que disso está especialmente encarregada, a criação de uma colonia agricola feminina no posto de Alcobaça, completada com o desenvolvimento do asilo distrital de Leiria, que existe na vila e que rapidamente se adaptará a uma escola profissional feminina, podendo abrigar mais de 100 crianças, filhas ou parentas de soldados, quando agora apenas recebe 26 meninas.

Esta primeira instituição será, sem duvida, o modelo para outras que em todos os distritos do país se organisem rapidamente, conforme a urgencia do momento, contando a «Cruzada» para esta grande obra com a boa vontade de todas as sub-comissões e com o auxilio de todos os nossos patricios, que encontrando-se fóra de Portugal, e em contacto com sociedades que melhor sabem valorisar o trabalho, compreenderão logo que a melhor fôrma de compensar a Patria das energias que se desviam da cultura da terra é criar-lhe o amor que tenha fundas raizes no coração das mulheres, que a hão de cultivar e valorisar, quando bem dirigidas na sua acção persistente.



# *Libertação feminina*

---

Depois de andarmos largos anos pela vida e de nos termos habituado a tudo ver e tudo compreender, ha coisas que difficilmente aceitamos sem negarmos que a intelligencia seja um dom natural do ser humano, por assim dizer a sua caracteristica.

E uma dessas coisas que deparamos a cada passo e que nos faz sempre involuntariamente sorrir, para não chorarmos de piedade, é ouvir uma mulher proclamar a sua indiferença perante as questões que interessam o seu sexo; é ouvir uma mulher confessar a sua plena acquiescencia á forma social, que a considera legalmente uma pobre mulher tutelada; é ver como se sente bem dentro de sociedades que a não consideram como individuo consciente e autonomo, mas como um simples complemento da existencia masculina.

E é de piedade que sorrimos, sem discutir, por que a culpa desta aberração provém da asfixia moral que os fortes tem imposto aos fracos, que os zeros tem imposto á unidade, que os egoistas tem imposto aos generosos, atravez dos tempos.

Sob a forma brutal das leis civis, sob a forma espiritual e suggestiva das religiões, ou sob a forma hipocrita de sentimentos, que elegem discricionariamente as favoritas entre a multidão de escravas, esta asfixia moral tem vindo durante seculos a retardar a marcha da civilização, desequilibrando as sociedades, que não podem ser perfeitas sem serem harmonicas.

O homem, querendo impôr a sua absoluta autoridade e o seu direito de senhor, não fortaleceu o seu reino, antes prolongou na terra o imperio da injustiça e da revolta.

Injustiça que nem todas sentem, porque a educação as preparou para uma vida de egoismo e de servidão; revolta moral que nem todas tem, porque a rebeldia que se não apoia no sofrimento material é uma nobre faculdade que não cabe em cerebros estreitos, nem habita almas egoístas.

E no entanto nós vemos, nesta hora alta da civilização, em que os homens de todo o mundo se mobilizam e morrem pela defesa da liberdade, que a mulher está a seu lado, que a mulher é individuo, é pensamento, é coração que abriga proprias paixões e toma o facho symbolico dos dirigentes morais, em muitos países.

Na propria Alemanha, em que o bruto imperio da força lhe impunha como unicos deveres os quatro K K proclamados pelo Cesar, como significado estreito da sua vida — *crianças, cozinha, vestidos e jardins* — ali mesmo uma voz de mulher se levantou, unica a protestar, que foi a de Rosa Luxemburgo.

E nós vimos essa coisa admiravel duma voz de mulher se erguer a protestar contra a tirania militarista, quando os proprios sabios, enjaulados na sua sciencia, não podendo elevar o espirito alem dos horizontes estreitos da ambição politica, escavaram nas ideias como toupeiras, procurando as raizes para prejudicar a vida.

A Russia quando todes um momento a julgaram libertada, reconheceu o que devia ás mulheres, que prepararam a revolução dos espiritos contra a escravidão do czarismo, e um dos primeiros gestos do ministro da justiça, apoiado pela Dama, foi chamar da Siberia, onde estava deportada e estreitamente vigiada ha trinta e cinco anos, a grande e respeitada revo-



lucionaria Brechkovskaia, chamada a *mãe da revolução* entre os seus companheiros de ideal.

Na America, dizem-nos as ultimas noticias particulares e os proprios jornais que nos enviam cheios de gravuras, o sentimento patriótico intensifica-se na mulher e, desde a primeira hora de perturbação guerreira, elas foram encarregadas de todo o serviço da administração da marinha de guerra, para os homens poderem cumprir o seu dever nos navios. Com o uniforme especial percorrem as ruas, chamando os homens ao alistamento voluntario, formando-se logo um regimento especial para a mobilização agricola, que é a grande honra dos países em que as mulheres sabem compreender as necessidades do momento actual.

Este movimento libertador, que prepara a mulher para uma nova e mais nobre existencia, não se manifestou sómente na Europa e na America, mas reflectiu-se nos países asiaticos, até na misteriosa e enigmatica China.

Para se compreender o que foi o movimento revolucionario que surpreendeu o mundo e derubando o imperialismo muitas vezes secular abriu a China á convivencia intima da civilização europeia, bastaria saber-se que entre os revolucionarios mortos em Cantão muitos eram mulheres.

Para se compreenderem certos factos é preciso saber-se que nas escolas chinas, até nas de Macau, os livros escolares tem lições patrioticas dirigidas ás mulheres, preparando-as para um futuro libertador e grande.

A traducção destas lições, que a nesso pedido foi feito pelo illustre poeta dr. Camilo Pessanha, mostram melhor do que as nossas palavras o espirito libertador que percorreu o mundo, como uma aurora de luz para a mulher.

Quem conheceu a China ha vinte ou trinta anos e agora a visite, mesmo sem nenhuma preoccupação de estudo sociologico, nota imedia-

tamente que a sua vida exterior mudou, o que demonstra que é outra a vida na familia acarretando naturalmente as mudanças politicas e historicas, que são as que ferem os olhos e o espirito das multidões superficiais.

A China era uma grande civilização imobilizada em fórmulas que a não tornavam simpatica e compreensivel aos outros povos; mas como os outros povos lhe eram indifferentes ou odiosos, não se preocupava absolutamente nada com a ideia que faziam da sua maneira de ser ou proceder.

Mas se o isolamento individual é quasi impraticavel no meio duma sociedade que se agita e vive da ligação de interesses, embora aparentemente contraditorios, muito mais impossivel de manter se torna o isolamento duma nação, que contem dentro dos seus limites muitos milhões de criaturas que sentem, pensam e se revoltam contra o que pretende contrariar a grande aspiração de conhecer e progredir, até onde a intelligencia humana ainda não pode ultrapassar.

Se a China tivesse atingido a perfeição moral absoluta, como talvez o tenham julgado os seus filosofos e escrito os seus poetas e os seus sabios, era possivel amortalhar-se no silencio e resolver-se a penetrar na morte com a resignada crença de quem da vida já não espera nenhuma alegria nem compensação.

Mas o que individualmente tem sido praticado, pela mulher votada ao seu senhor e moralmente compelida a segui-lo na morte; pelo servidor que se suicida para acompanhar o soberano ao reino problematico das sombras; ou pelo místico que despreza a vida material e deseja apressar o goso de eternas delicias; é absolutamente impossivel de conseguir de quatrocentos milhões de criaturas, que têm de sofrer o inevitavel atrito de civilizações e costumes diversos.



O povo japonês, por motivos psicologicos e de ordem material, sacudiu mais cedo que a China o torpôr que o immobilizara e entrou orgulhosamente na civilização europeia, ajudando os outros países a forçar a muralha em que o Celeste Imperio se isolara.

Batida por todos os lados, abertas as brechas formidaveis por onde se estabeleceu a comunicação exterior, a China compreendeu que tinha de mudar os seus costumes e as suas leis, como o seu visinho Japão, ou resignar-se á servidão e á morte

E como a vida reage sempre da morte e eternamente se renova e remoja para o triunfo da existencia, este povo caminhou em vinte anos o que levou seculos a compreender a outros, porventura menos preparados.

Sob o ponto de vista que especialmente nos interessa, basta que se saiba que foi pouco mais ou menos ha vinte anos que as mulheres chinêsas começaram a fazer a propaganda contra o terrivel costume de se aleijarem os pés, desde criancinhas, ás damas das altas classes, que o mesmo era dizer a quasi todas as mulheres, porque na China, como na Europa e em todo o mundo, a maioria tem sempre a pretensão de imitar, ainda nos maiores destemperos, o que julga o privilegio dos nobres.

E este facto que fez sorrir os outros povos e inspirou a critica facil dos muitos graciosos, que apanham no ar as ideias e os acontecimentos sem reflectirem nos motivos que os provocaram e no que significam para o futuro, foi o inicio duma grande revolução moral na sociedade chinêsa.

«Ha pouco mais de vinte anos dizia-nos o illustre escritor dr. Camilo Pessanha por nós interrogado curiosamente sobre a questão feminina nesse país, que ele conhece como poucos europeus, tentando penetrar o misterio da sua alma

estranha pelo conhecimento da lingua e da literatura — quando cheguei á China poucas mulheres se viam na rua. Sómente as do baixo povo e as nobres levadas em palanquins ou cadeirinhas fechadas.

Hoje, desde que a mulher tem pés para andar, nas ruas de Cantão e de Pekim e de todas as outras cidades importantes, as mulheres formigam por toda a parte, trabalham, agitam-se e estudam. Muitas percorrem a cidade em bicicleta, tomam os carros, teem já um ar decidido e autonomo de criaturas que sabem o fim da propria existencia.

Ha' ainda milhões de pobres criaturas que existem dentro da casa e da familia na condição de animal domestico, sem outro ideal que não seja a obediencia passiva ao esposo e senhor, que em geral tem dez mulheres que lhe dão as duas duzias ou mais de filhos, que é o orgulho do verdadeiro pai de familia.

Mas, a par dessas, ha uma minoria sempre crescente que se não conforma já com a condição em que viveram as avós e por ventura as mães... já revoltadas interiormente, mas soffrendo a dolorosa existencia das gerações de transição, presas ao passado pelos costumes e preconceitos tradicionais, empurradas para o futuro pela marcha triunfante das ideias.

O fenomeno não é estranho para nós, que a ele assistimos, mais ou menos diverso na forma, mas igual na essencia, neste recanto da velha terra europeia.

Chamada á comprehensão dos seus direitos pela força das circunstancias, a mulher chinesa entrou — como as mulheres, sempre, e em todos os países e raças teem feito — no movimento revolucionario e libertador que levou a nação á vida comum dos outros povos.

— Só em Cantão, diz-nos ainda o dr. Camilo Pessanha, teem sido degoladas anualmente centenas de raparigas revolucionarias.

Calcule-se o que terá sido em todo o país, desde que os livros da sua infancia têm belas lições patrióticas e libertadoras como estas, que a nosso pedido foram traduzidas directamente de um pequeno compendio chinês espalhado largamente pelas escolas, inclusivè das cidades sujeitas ao dominio estrangeiro como Macau, Hong-Kong e outras e devem ser apreciadas na Europa como uma verdadeira revelação.

### Primeira lição

— *Homens e mulheres*

— Pelo estudo se fazem gente.

— *A origem é a mesma.*

— *Não ha distincção.*

— Vós ó raparigas

— Não fiqueis sentadas a comer.

— Ou desmanchai os casulos de seda ou fiaí ou tecei.

— Quando o trabalho manual é muito também o proveito é grande,

— Quem quiser levantar casa deve trabalhar com grande deligencia.

— Dentro de cada casa todos devem ser muito unidos, a alegria ser comum a todos e todos compartilharem das tristezas.

— *Entre uns e outros não deve haver distincção.*

### Segunda lição

— Estudai bem a fundo os deveres femininos e então sereis gente.

— Vós, ó raparigas, fixai desde pequenas isto: *Não deformeis os pés! Não vivais sómente de mexericos futeis!* Dêstes dois males o damno é bem grave.

— Vós, ó raparigas, *deveis estudar.*

— *Senão estudardes, como podereis lér?*

— *Se não estudardes, como podereis ter a razão clara?*

— *Senão estudardes, como instruireis os vossos filhos?*

— Quem não estuda fica ignorante e sendo muitos os ignorantes a nação abate-se e perde-se.

— No antigo reino de Li, Perfeitura de Taisat, houve uma rapariga que presentindo os perigos da Patria rompeu em clamoroso choro e alvorotou a visinhança.

— Vós, ó raparigas, também sois povo da nação.

— E' preciso que conheçais a situação da Patria chinesa.

— Para a conhecerdes careceis de estudar.

— *No abatimento da China tereis também o vosso quinhão de miseria,*

— A sua extrema fraqueza também deve envergonhar-vos.

— Esta vergonha deveis transmiti-la a filhos e netos.

— Que nunca isto vos esqueça.

### Terceira lição

— A vós, ó raparigas, isto interessa fundamentalmente.

— O solo onde poisais os pés é a nação chinesa.

— O seu territorio é imenso, a população numerosissima.

— Se formos a contar os homens são 400 milhões, se formos a medir a sua área são quatro mil dezenas de milhões de lis.

— Nos tempos remotos chamavam-lhe o grande Imperio, nos tempos actuais só é famosa a sua degradação.

— Portugal apoderou-se de Macau, a Inglaterra de Hong-Kong, a França de Conchôane.

— E ainda fôra isso : o Japão tomou a Formosa. A Alemanha arrebatou Kianchan e a Rússia tomou a Mandchuria, mais e Turkstan, bem como parte de Sechunn; o Anam foi-se! Perdemos o reino feudatario do sul. A Coreia esvaiu-se-nos.

— Cortaram-nos as asas. A decadencia da nação é enorme.

— Quem se compadece ?

— As nações poderosas falam sem rebuço em nos retalhar o sólo e fazer de nós escravos.

— O povo da nossa terra deve mutuamente amar-se; eu amar-te a ti; tu amares-me a mim.

— Não importa que seja homem,  
 não importa que seja mulher,  
 não importa que seja velho,  
 não importa que seja moço,  
 num coração só conjugai o esforço.

— Em cada povo todos somos irmãos.

— Somos do mesmo leite, importa que o lembreis.

— Sirva-vos de exemplo: no continente de Africa ha o povo boer cuja população conta 18 dezenas de mulheres, de homens, cujo exercito conta apenas 50:000 homens.

— Mas teem um só coração, poderam defender-se nobremente.

— A nação inglesa é a mais forte nação naval do mundo; quiz escravisa-los, mas eles resistiram,

— O que não poderá a China com um territorio tão vasto, com riquezas naturais tão abundantes, com homens tão numerosos?

— Se quizer fortificar-se é como voltar as palmas das mãos.

— E vós, ó raparigas, como podeis ter a *razão clara se não estudardes?*

— Como ensinareis os vossos filhos? Os que



não estudam ficam estúpidos e se os estúpidos forem mais do que os inteligentes a nação será esmagada.

— Vós, ó raparigas, também sois povo da nação, importa que conheceis os negócios que interessam á Patria. Quem quer conhecer as coisas tem que se informar e estudar».

Eis algumas das lições repetidas e marteladas indefinidamente, conforme o método chinês, ás pequenas que em vinte anos se fizeram mulheres e são as que formam metade, ou mais, da população chinesa de hoje.

Apesar da pouca importância que se dá á influencia e educação feminina no extremo ocidente em que vivemos, não compreenderão alguns... *tradicionalistas*, o que representou para a transformação social da China a propaganda de que estas lições são a amostra?

Compreendemos que os subditos do senhor D. João V que Deus haja, contrariem a acção libertadora da mulher, que nesse tempo ainda tinha Odivelas e outras casas para recolhimento e socegado abrigo; mas que contrariem a libertação feminina no nosso país, os homens do nosso tempo, ultrapassa a nossa compreensão.

\*

\*

\*

«*A mulher nos negocios*», é o título do artigo publicado num jornal de modas, que uma leitora desconhecida nos envia para que lhe respondamos, dizendo a carta que o incluía numa pergunta que é uma doce queixa:

— Envio esse artigo que encontrei num jornal de modas; não merecerá algumas palavras de aprovação ou desagrado? V. escreve tão bem e sabe dizer o que tantas mulheres sentem e não

podem ou não sabem exprimir!... — Aprovar ou desaprovar um artigo como o que nos enviam, publicado especialmente para as habituais leitoras de jornais de modas, confessamos que é uma coisa superior á paciencia com que nos temos couraçado para a vida. Começa o articulista, que por signal assina um pseudonimo feminino, por entender que as mulheres «são obrigadas ás vezes a envolver-se em negocios porque o pai ou o marido lhes deixaram uma herança complicada...»; ora nós devemos partir do principio exactamente oposto ao criterio do jornal de modas, isto é, que a mulher «é obrigada sempre» a tratar dos seus negocios porque ela é, cada vez mais, um ser individual, que tem a necessidade absoluta de cuidar dos seus proprios interesses — e ás vezes até de muitos que pertencem a outros, ainda mais fracos e desprovidos de recursos do que ela — a cuidar da sua vida e do seu futuro, na certeza de que o tempo passou em que o homem era o seu unico amparo.

Os pais que tentam resistir ás ideias do seu tempo e na hora que vai correndo deixam as suas filhas sem um modo de vida, ou fortuna, que as habilite a viverem a sua propria vida, são verdadeiros criminosos, que sacrificam á sua imprevidencia egoista, e ás vezes á sua vaidade e convencionalismo ridiculo, a felicidade daquellas, que tinham o dever de proteger.

Eles, que teem a experiencia da vida, bem sabem como é dura e difficil para todos, e principalmente para uma mulher que á morte dos pais se encontra na mais dolorosa miseria, sem uma profissão que lhe dê os meios de ganhar o pão de cada dia, sem habitos regulares de trabalho, cheia de preconceitos de modas e futilidades, que lhe afirmam ser o encanto feminino, mas um encanto só apreciado a quem não tem de o pagar... Educar hoje uma mulher para viver unicamente na tepidez e aconchego dum lar em que o homem seja o unico productor é cor-

rer um risco que os pais honestos não devem sequer admitir.

Eles bem sabem que um rapaz que hesita e deixa de casar com uma rapariga sem dote nem profissão não é um egoísta, nem sequer um ambicioso, mas sim uma criatura ponderada que se não resolve a tomar uma responsabilidade superior ás suas forças, isto dando mesmo de barato que houvesse tantos homens como mulheres, o que não succede na Europa e agora muito menos, com esta guerra que mais sacrifica os homens novos e solteiros.

Responder a um artigo destes é tarefa inútil.

Quem o lê, tendo bom senso, imediatamente o põe de lado com um sorriso de desdem. Se as suas ideias e conselhos assentam bem ao seu criterio não lerá a nossa resposta, ou se a ler não a comprehende.

Pois se nele se afirma com ar dogmatico e romantico que: — a mulher não deve apaixonar-se pelas vis coisas materiais... — o que lhe podemos responder a serio?

Na hora tremenda que atravessamos, quem pode deter-se a ouvir e responder a tais banalidades, caídas na poeira bolorenta das velhas coisas inúteis?

A guerra, revolvendo e modificando completamente e estrutura moral das sociedades de hoje, como as granadas revolvem o chão dos seus campos de batalha, não nos dá tempo para palavras inúteis. O que se reclama é trabalho, é iniciativa, é energia para a luta e para o triumpho; é força individual para juntar á força colectiva que nos dará a victoria.

Estamos certas, e com profunda magua o confessamos, que o nosso país será o ultimo a comprehender esta verdade e sendo assim, o que menos possa beneficiar do mal da guerra.

Quando em todos os outros povos se aceita a cooperação da mulher para o trabalho de resis-

tencia e de progresso, ainda se está entre nós a limitar as profissões femininas, a fechar portas á sua concorrência, a protestar contra as que nobremente reclamam o direito ao trabalho, que é o mais sagrado de todos os direitos.

Já não falamos da Inglaterra onde a mulher era de ha-muito um elemento productivo, não só nas profissões inferiores e no proletariado, mas nos altos lugares de administração, do ensino, da industria e da burocracia; nem mesmo na França onde, pela força das circunstancias, é hoje empregada em todos os serviços; nem na Italia, nem na Russia, mas sim nos Estados Unidos onde elas representam, mais ainda do que o homem, o sentimento nacionalista e patriótico.

Se houve uma senhora que chorou ante a responsabilidade de votar a guerra, mostrando possuir uma consciencia que hesita em sacrificar milhares de vidas dos seus irmãos ou confessando implicitamente o trabalho de propaganda germanica, houve logo no principio da guerra muitas que se encontraram tão contrárias aos alemães que um proprio americano comentava os seus sentimentos a proposito dos manejos germanofilos do conde Bernstorff: — A Alemanha possui nos Estados Unidos numerosos propagandistas, mas a França tem muitos mais porque as mulheres americanas estão com ela.

E a mulher americana sabe tão bem tratar dos seus negocios e tornar-se util, que desde a primeira hora da guerra o governo substituiu todos os officiaes de terra e mar por senhoras nos serviços administrativos. São elas que andam fazendo o trabalho oficial de propaganda e recrutamento, que trabalham em todos os officios, que tomam conta de todas as empresas e industrias.

Ao atirarem para a fornalha da guerra com os seus milhões e os seus homens, os Estados Unidos proclamam pela bôca do seu presidente:



E' necessario produzir, produzir, produzir sempre!

E' que atrás dos seus homens eles sabem que teem as suas mulheres capazes de trabalhar, senhoras da terra e da industria, seres de energia, de nobreza e de força, que não deixarão paralisar as suas industrias, nem afrouxar o seu commercio, nem deixar esteril a terra que é o seu orgulho.

E é que atrás ainda das suas mulheres eles sabem que teem as suas crianças bem alimentadas, bem cuidadas, bem fortalecidas, para entrarem na vida com a coragem e a energia precisa para garantirem o futuro.

E' necessario produzir, é necessario criar riqueza e força, dizemos nós tambem; mas para que isso suceda é necessario que as mulheres portuguezas compreendam o momento historico em que vivem e tenham a consciencia de que do seu trabalho, da sua intelligencia e da sua acção individual depende a felicidade da Patria e a sua propria felicidade.





## Trabalho feminino

Mais ou menos sabem todos que houve agora em França uma gréve que deslocou milhares de trabalhadores... femininos, reclamando melhoria de pagamento para as operarias, de variadissimas e numerosissimas industrias e trabalhos, que empregavam mulheres antes da guerra, porque o seu salario é sempre inferior, que as empregaram depois da guerra, pela falta dos homens chamados ás armas.

Pelos jornais de França conhecemos as suas reclamações e sorrimos ao ver que pediam 1 fr. e 50 de aumento, pela carestia da vida. O franco e cincoenta de aumento é ao cambio da moeda portugueza mais do que ganha a maioria das nossas mulheres operarias; é quasi tanto, e ás vezes mais, do que ganham as nossas empregadas do commercio, as nossas professoras, a legião das nossas patricias que as circunstancias economicas obrigam a um labor remunerado.

Pela estatistica que se tem vindo a fazer oficialmente, constatamos a falta de educação e conhecimentos da mulher que trabalha no nosso país, que tem, muitas vezes, vergonha de o fazer e por isso se recusa a dar indicações precisas. Outras, apavoram-se ante o fantasma do fisco e não comprehendem a necessidade que o governo do país tem de procurar saber o que ganham os seus elementos productores e como vivem, perante o dever que lhe assiste de evitar

a exploração do trabalho. Outras, mal orientadas por elementos perturbadores, respondem com insolências, tornam-se agressivas e irritantes, somente conseguindo dificultar a realização de um plano, posto em pratica para as beneficiar. Ha ainda as que teem o medo apavorado do patrão que é para a maioria destas pobres criaturas, saídas ontem da secular escravidão, o *senhor*, o *dono*, que discrecionariamente lhes pôde tirar o pão de cada dia.

Portugal é, talvez, o ultimo país da Europa, em que as mulheres compreenderam a necessidade absoluta de trabalhar para a sua independencia economica, e está ainda para ser o ultimo em que os homens aceitem a colaboração laboriosa da mulher.

Até hoje o que vemos é apenas isto: — Ha um lugar de 30\$00 para um homem? Pois colloca-se uma mulher e dá-se-lhe 15\$00, embora o trabalho produzido seja o mesmo ou mais.

Uma mulher que pede trabalho, considera-se *filha familia*, para o efeito da paga, e dá-se-lhe para os *seus alfinetes* uma bagatela.

E a mulher sem educação social nem solidariedade, não compreende que o seu gesto infeliz vai prejudicar outra que não tem familia que a sustente e que necessita do produto do seu trabalho, não para se vestir de *fidalgas*, o que é ridiculo e imoral, quando se ocupam certos lugares, mas para o seu sustento, para casa e vestuario decente, alem da familia que tem ás vezes a seu cargo.

As mulheres que aceitam pagas ridiculas para os *seus alfinetes*, cometem um crime comparado ao dos homens que não teem pejo de pedir para os livrar do serviço militar em tempo de guerra, sabendo bem que para o lugar de perigo que porventura a sorte lhe destinára vão empurrar outro que não tem covardia ou empenhos e que será a victima do seu egoismo e da sua inconsciencia.

O que até hoje estamos vendo no nosso país é que as mulheres, por mais valôr intelectual que tenham, se não dispozerem de fortuna pessoal ou familia que as sustente, teem de se deixar morrer de fome ou sem tratamento nas suas doenças, porque ninguem se lembra de lhes recompensar condignamente os seus serviços.

Seja qual fôr o seu nome, a sua obra, o seu talento, se oficialmente forem nomeadas para empregos publicos hão de ser sempre em lugares subalternos, ridiculamente pagos, em que só fazem bom serviço aqueles que nasceram para executar e não para pensar autonomamente. Se ha falta de pessoal atraza-se o serviço, ou os homens acumulam lugares, pode dispensar o trabalho, mas empregar mulheres em igualdade de circunstancias economicas não se faz, não pode ser, porque é contra os preceitos da *galanteria postica* da nossa bôa gente, a quem repugna ver a mulher trabalhar... quando o seu trabalho representa igualdade de direitos.

As mulheres operarias de França fizeram uma grêve para conseguir aumento de salario; nós, mulheres portuguezas, teremos talvez que fazer grêves... para conseguirmos que nos considerem seres humanos com direito ao trabalho remunerado, tendo, como temos, o direito, ainda não completamente contestado, de viver.

Em França pede-se o aumento de 1 fr e 50 a pretexto da vida cara, e esta importancia corresponde agora na nossa moeda a \$45, que é mais do que] ganham a maioria das nossas operarias, que se julgam felizes quando attingem um salario de \$60 a maioria delas indo de \$12 a \$40 nas industrias regularmente pagas.

A vida está cara em França, não ha duvida, mas não está barata em Portugal. O que vale é que de ha muito que nos vamos contentando com a luz do nosso sol glorioso e o azul do nosso céu sem manchas. E vive se do ar... e da fome. Por isso as mulheres são essas po-

bres flores fanadas antes do tempo, que a anemia esteriliza e a tuberculose espreita; por isso as crianças são essa coisa dolorosa e miseravel, que se mostram pelas ruas sem pejo; por isso uma raça que foi robusta e forte, tem hoje uma tão grande percentagem de imprestaveis!

Ha só no meio de tudo isto, um misterio que desejamos ouvir explicar por um economista, porque nós não o sabemos decifrar: é o motivo porque sendo a mão de obra tão miseravelmente paga no nosso país, as nossas industrias também miseravelmente se arrastam e vivem á custa de favores officiais e beneficios pautais, a maioria delas.

Bem sabemos que virão alegar a falta de materias primas para grande parte das industrias; mas não temos a terra que tanto pode produzir? Não temos colonias que nos dão o que, por exemplo, a Suissa não tem para as suas florescentes industrias, em que entram o cacau, o assucar, o algodão e outras? Não temos mercados certos nas nossas possessões e nas ricas e laboriosas e patrioticas colonias portuguezas, espalhadas pelo mundo?

O que nos falta pois? Não o sabemos explicar scientificamente, mas afigura-se-nos que sob o ponto de vista moral um dos nossos grandes males é que tres milhões de portuguezes, que são as mulheres, são, pela falta de cultura, de instrucção e respeito pelo trabalho, elementos improductivos para uma acção intelligente e progressiva.

A vida é cheia de surpresas, não ha a menor duvida, e entre as muitas que os ultimos



tres anos de pavorosa guerra teem trazido á gente civilizada e semi-civilizada á moda europeia, uma das maiores, talvez a maior de todas, tem sido a acção extraordinaria da mulher nos varios campos da actividade laboriosa e altruista.

Dir-se-ia que a mulher não é a parte feminina da humanidade e sim um animal estranho e misterioso, que só agora moralmente foi conhecido pelo homem.

Dir-se-ia — e mais no nosso país do que em qualquer outro — que a mulher ao alvorecer glorioso do seculo XX, que vinha coroar a obra admiravel do precedente, rasgando horizontes novos á força de vapor e de electricidade, era ainda aquella moirinha encantada e dormente, de que nos falam os contos do nosso povo, e que figurava duma forma materialmente grossieira, mas suggestiva no significado, nas «danças de moiros» que ainda se repetiam com frequencia, ha vinte anos, nas terras altas da nossa Beira.

Ao contacto abençoado de uma espada victoriosa de guerreiro cristão, um rochedo se abria como uma concha, onde a vida se conservava pura e imaculada para o grande triumpho do amor.

Assim, ao contacto, não diremos abençoado, tão grande é a dôr que nos traz, desta guerra espantosa em que os homens por seu orgulho e ambição desmedida se lançaram, a mulher entra na vida cheia de abnegação, de intelligencia e de energia, disposta a aguentar todos os encomodos e o peso de todas as responsabilidades para que não desapareça da terra uma parcela de civilisação e de progresso, que custaram milhares de anos a alcançar pelos filhos de seu sangue e de sua alma.

A' mulher parece estar destinado neste momento o papel que bem cabe á sua grande missão dentro da Natureza, que é a de ligar indes-



trutivelmente o passado ao futuro, guardando com energia as qualidades e as aspirações da sua raça para as transmitir intactas ás gerações, que dos seus flancos hão de sair, para continuar a obra de cada povo e de cada raça.

E isto que para nós, homens e mulheres de pensamento, é tão natural e tão logico que nem chega a admirar-nos, é para a maioria da gente uma verdadeira surpresa.

Como explicar esta anomalia do genero humano, que será, talvez, o unico animal da criação em que as duas partes do seu todo se desconhecem e injustamente se caluniam, criminosamente lutando, uns pela força, outros pela astucia, para conseguir dominar?

Não se explica, na verdade, e é tão injusta e tão contra a natureza, que se diria que há efectivamente uma lei reguladora dos actos humanos que determina o equilibrio da justiça, embora á custa do sofrimento e do mal, que os proprios beneficiados são os primeiros a lamentar.

Não havia mulher no mundo que aceitasse o triunfo da sua causa á custa de tantas dores humanas, mas a verdade é que a guerra causada e feita pelos homens só á mulher vem beneficiar.

O que em parte alguma, excepção feita aos Estados Unidos e alguns povos escandinavos, se tinha concedido á mulher no campo das suas reclamações sociais, politicas e legais, está sendo dado com uma generosidade, que até em certos países de grande cultura intelectual e moral, como a Inglaterra e a França, excedem os desejos da massa feminina.

As grandes dirigentes da opinião feminista quasi não tem que defender teorias, bastando-lhes sómente orientar e disciplinar os acontecimentos de modo a que não volte a injusta subalternisação feminina, passado este enorme sobressalto da vida colectiva.

No nosso país bem pouco ainda se tem concedido á mulher, apesar mesmo da guerra que nos tem levado uns poucos de mil homens, que tudo nos faz supôr, não lazaronavam ao sol, inúteis e improdutivos para a economia nacional.

E' para nós uma dolorosa surpresa, quando nos dizem que não ha braços para os trabalhos agricolas e por isso a terra fica improductiva, esta terra que é nossa e á qual a mulher portuguesa tão entranhadamente quer! Não ha funcionarios para as estações dos caminhos de ferro e fecham-se as bilheteiras por não haver mãos masculinas que cortem e vendam bilhetes! Os carteiros atrazam o serviço porque não é bastante o seu pessoal masculino! As crianças têm escolas fechadas porque muitos professores são mobilizados! As industrias e o commercio perturbam-se, porque os homens são chamados ao cumprimento do dever que mais os tem sempre orgulhado e aparentemente justificado o seu predomínio social, o dever militar!...

Por acaso não ha mulheres em Portugal que reclamem o direito de servir a Patria, substituindo os homens no trabalho e preparando para a sua volta uma riqueza e uma alegria mais farta e mais fecunda?!

Por acaso os homens de Portugal desprezam tão fundamente as qualidades de intelligencia e as qualidades de trabalho das suas mulheres que não lhes confiam tão somenos tarefa, na luta pelo triunfo da nossa raça e da nossa Patria?!

Acredita lo seria duvidar em absoluto do futuro da Patria e, apesar de tudo, o instinto sagrado da vida faz-nos continuar a ter fé nas qualidades nativas da raça portuguesa.



de mulheres da mesma raça, qual a soma de pesados e serios deveres que a sua missão resume.

As senhoras portuguesas que se propõem seguir para França no desempenho da sua alta missão de enfermeiras sabem, com certeza, que a sua nova e voluntaria profissão as coloca perante a nação que as envia e os aliados que as recebem, embora para trabalharem só ás ordens de portugueses, numa situação de tal destaque e de tão grandes efeitos morais, que os seus deveres excedem, porventura; os dos homens que se batem pela defesa da nossa causa.

Porque elles são muitos e ellas são poucas, mais em destaque se collocam.

Porque elles foram obrigados pela lei e ellas voluntariamente se ofereceram, mais delicada é a sua situação.

Porque elles dão o seu sangue — e a quem se pede o maior sacrilicio humano não se exigem tantos pequenos mas continuos sacrificios — é que maior precisa de ser a coragem moral das enfermeiras, que não sabem até onde chegará o cumprimento da sua nobre missão.

Nós não tinhamos enfermeiras, como de resto não tinhamos coisa nenhuma organizada, especialmente no que se refere á educação moderna e pratica da mulher, vivendo ainda hoje, a maior parte, na asfixiante atmosfera moral da tradição mourisca. A bem dizer, a guerra veionos encontrar numa casa desarrumada onde, verdadeiramente, *todos ralham e ninguem tem razão...*

E' absolutamente necessario ter um corpo de enfermeiras que siga para junto dos nossos expedicionarios e faça nos hospitais de sangue portuguezes o que as mulhieres de todos os outros países, até dos neutros, tem feito, honrando as raças e nacionalidades a que pertencem.



Nós todos em Portugal temos a certeza absoluta, que os soldados cumprirão nobre e heroicamente o seu dever e saberão honrar os seus avós; precisamos de ter a mesma certeza sobre as senhoras que forem, no voluntario cumprimento da sua difficil missão, para tratarem os feridos e doentes.

O trabalho material que se lhes exige é enorme, será por vezes superior ás suas forças físicas, mas acima desse está o dever moral que lhes impõe a missão gloriosa de representar junto dos que sofrem, o carinho maternal da Patria, que lhes aceita o sacrificio, sangrando em seu coração altivo e amantissimo por cada filho que tombar vitima das armas inimigas.

As senhoras portuguezas vão sofrer o confronto com as nobilissimas enfermeiras inglesas e americanas, com as devotadas francesas, belgas e até dinamarquesas que em Paris mantem desde o principio da guerra um hospital, que representa a carinhosa amizade da Dinamarca pela França martirisada.

Madame Tscherning instalou a sua casa hospitalar em frente do parque de la Muette, num lindo predio novo onde nada se assemelha ao horror de um hospital, antes mostra, nos mais pequenos detalhes, a graca, a elegancia, o carinho e amor que as mulheres de coração e de intelligencia põem em todas as coisas que as interessam profundamente.

Mostrando a uma jornalista francesa a casa por onde já passaram 800 feridos, a illustre mulher que assim soube realizar uma obra, que mereceu do governo francês a *Legião de honra*, explica: «dois grandes cirurgiões e algumas enfermeiras vieram da nossa terra.

«Estas são poucas, relativamente, mas conhecem muito bem a sua profissão. A enfermagem é no nosso país uma profissão que se ama e que se *respeita*, uma profissão escolhida pelas meninas da burguesia e da mais alta aristocra-



cia. De resto, entre nós, respeitam-se todas as profissões e estimam-se todos os que trabalham, só sendo mal vistos os ociosos. Ignora-se o trabalho de *amadores* e ninguém pensa em ter vergonha de ganhar a sua vida».

Ora nós, que fomos obrigadas pela chicotada formidável da guerra, a apetrecharmo-nos rapidamente para nos apresentarmos com honra junto dos outros povos da Europa, precisamos de ter uma soma incalculável de valores individuais para compensar pela intelligencia e pelo orgulho nacional as deficiencias de uma absoluta falha de educação profissional.

Temos fé nas mulheres portuguezas, não só nas que forem para a espinhosa missão de enfermeiras no campo de guerra, como nas que ficarem no país e por todas as fórmias possíveis lhe prestem a sua já hoje indispensável colaboração.

E' necessario que todas as mulheres de Portugal se compenetrem de que os deveres do cidadão não pertencem sómente aos homens e são equivalentes para os dois sexos. Ha muitas coisas que sem sairem de casa, mesmo as senhoras fracas e doentes, podem fazer para aliviar o sofrimento alheio.

Lembramos, por exemplo, que algumas senhoras que de outra fórmula não possam dar o seu concurso para a grande obra que a enfermagem e reeducação dos feridos e mutilados representa, podem aprender a escrever para os cegos copiando as obras que lhe dêem toda a consolação espiritual que necessitam para se adaptarem á sua nova existencia. A percentagem dos cegos nesta guerra, de uma barbaridade sem precedentes, é enorme. A Inglaterra, nossa aliada e que em muitas coisas devia-mos tomar por mestra, elevou as pensões aos soldados cegos, refez-lhes a sua educação e tem-nos empregado a todos em novas profissões, depois de os ter ensi-

nado a ler e escrever pelos métodos mais conhecidos.

E não é só desta forma que a missão da mulher portuguesa se pode exercer, pois desde que todas ponham a sua boa vontade em servir a Patria com intelligencia, estamos certas que nenhuma deixará de ter ocasião de exercer uma util tarefa, neste nosso lindo país, em que tudo está por fazer e tudo é necessario que se faça em pouco tempo, para nos collocarmos á altura da nossa missão historica.

Isto que aconselhamos á mulher da nossa terra, com toda a ansia que corresponde ao nosso orgulho de portugueses, não é mais do que o minimo do esforço que os outros países em guerra estão fazendo.

Ainda ha pouco *Le Journal*, a folha parisiense que menos suspeita pôde ser de partidatismo «feminista», trazia um curioso e belo artigo, que demonstrava terem as mulheres francesas enviado para a defesa da Patria um bello exercito de 140:000 soldados.

«Um exercito de mulheres — diz Maurice Waleffe que subscreve o artigo — Sim! ele existe ( Sem barulho, sem reclame, sem discursos; bastaram algumas vontades energicas para o porem de pé. Desde o primeiro de dezembro de 1916 que se começou a organizar e atinge agora o bonito efectivo de 150:000 homens em sentido eliptico, porque este numero enorme de soldados foi enviado ao *front* pelas mulheres que os substituíram no trabalho.

«Não se trata das operarias das fabricas de munições e outras, porque assim o numero atingiria *meio milhão*, mas sómente das mulheres que foram chamadas a substituir os militares nos depositos e serviços necessarios nos corpos do exercito, Metade deste numero entrou nas secretarias onde presta as melhores provas e com uma discreção que desmente em absoluto a aleivosia, que se tem feito correr como axioma,

de que a boca da mulher é «cestinho roto onde não coalha segredo». A outra metade está empregada nas rouparias, cozinhas e lavandarias, etc.».

O que nos sugere o artigo a que nos vimos referindo, não sabemos bem expressá-lo com palavras *neutras*, visto a maneira clara, precisa, definitiva, como nos acostumamos de ha muito a encarar os nossos assuntos e a sobre eles dar a nossa sincera opinião.

Desde o princípio da guerra, e já lá vão quasi tres anos, que andamos a dizer a necessidade, e mais ainda o dever da mulher portugueza se preparar pela adaptação ao trabalho, ás novas condições que a sociedade humana tem de aceitar, após este formidavel abalo.

Salvo uma minoria, que podemos quasi considerar excepções, nem a mulher portugueza tomou ainda a serio o papel que as circunstancias lhe distribuem, nem os homens se convenceram de que está definitivamente morto aquele tempo em que a parte masculina da humanidade se encarregava de todos os trabalhos e de todos os encargos e responsabilidades sociais em troca da submissão, mais ou menos hipocrita, do sexo feminino.

Por egoismo e por comodidade nunca a mulher sairia em massa do seu *dulce far niente* se não fosse obrigada pelas necessidades terriveis que a guerra tem determinado.

Mas, visto que os acontecimentos vieram dar razão ás que defendiam a sua qualidade individual de seres humanos, de ha muito que no nosso país (que é, positivamente, o que acima de tudo nos interessa), as mulheres se deviam ter habituado á ideia de que a Patria precisa do trabalho e da dedicação de todos os seus filhos e que não é justo que os homens partam alegremente e nobremente a dar o seu sangue pela defesa do nome portugûes e as mulheres se quedem indecisas, apavoradas, julgando a vida como era no

tempo em que os cavaleiros de Cristo e S. Tiago partiam para a conquista e defêsa da Patria e as damas e donzelas se ficavam ao abrigo das necessidades e lutas da vida nos claustros floridos de Santos e da Encarnação, enquanto a mulher do povo, verme miserando, se perdia na labuta ingloria de pedir para os filhos o caldo da portaria.

A vida das modernas sociedades complicou-se por tal fôrma, que a mais pequena falha na engrenagem administrativa levanta protestos e cria más vontades.

Porque não conta o governo da Republica com a colaboração dedicada e patriótica das mulheres, a que deu igualdade de direitos pela sua constituição?

Porque não apela para o serviço gratuito das que não precisam de ganhar o seu pão e estão prontas a trabalhar pela Patria, considerando nobre todas as missões, desde que beneficiem e tirem de embaraços o país?

Por acaso serão as mulheres portuguezas menos amigas da sua terra e menos ciosas do triunfo da sua raça do que o são as inglesas, que voluntariamente e gratuitamente, inumeras, trabalham, com uma persistencia admiravel, nos campos, nas oficinas, nos hospitais, nos asilos, nas proprias casas, no estrangeiro mesmo, para valorizar e secundar o trabalho dos homens?!

Não o acreditamos, antes nos parece que o trabalho da mulher continua a ser desdenhado pelos homens portuguezes, que o aceitam com o sorriso de tolerancia com que se aceita nas familias o trabalho—às vezes bem util!—das crianças.

Pois só do trabalho e do esforço conjunto do povo portugûês se póde esperar a hora magnifica de resurgimento e grandeza moral, que é o nosso sonho e a nossa ambição.



## Questões de educação

---

Todas as pessoas que se interessam pela questão de justiça que é a reivindicação de direitos de cidadão que as mulheres em toda a parte reclamam, e já não são tão poucas como muita gente supõe, esperariam, decerto, que este livro publicado depois de estar definitivamente conferido o sufrágio ás nossas colegas inglesas, dedicasse a esse triunfo da causa feminina algumas paginas de regosijada prosa.

Mas, a época não corre propicia a manifestações que são inoportunas, por mais justas que sejam, quando tanto e tanto ha que trabalhar e produzir para ganhar o tempo perdido e remediar a falta de tantos braços e tantos cerebros que nesta hora só teem um fito: a guerra!

A justiça souo para as mulheres inglesas, que bem a teem merecido pelo seu trabalho intelligente, pelo seu patriotismo e pelas provas admiraveis com que se souberam impôr aos homens, áqueles mesmos que ha bem pouco ainda defendiam pela força o privilegio politico do seu sexo.

Estamos satifeitas com esse resultado, mas nos tempos febrís que vão decorrendo não podemos manifestar o nosso aplauso senão por uma forma: que é trabalhando para que todas as mulheres sigam o seu exemplo, esperando que os homens dos outros países sigam igualmente o caminho que a nobre e justa Inglaterra lhes mostra.



As mulheres portuguezas teem nesta hora uma missão grande e difficil a cumprir, que não é inferior á dos povos em mais directa participação na guerra.

As nossas irmãs teem as suas terras invadidas e as suas casas ameaçadas pelo inimigo de ao pé da porta; mas nós temos o inimigo dentro da nossa propria alma, precisando refazer uma Patria que encontrámos profundamente dezorganizada e vencer esse inimigo que vem de seculos de imprevidencia e de messianismo, deixado pela educação fatalista de um *âmanhã* sem realidade pratica.

E' absolutamente urgente que a mulher portuguesa se convença de que o trabalho individual e productivo é já uma necessidade a que não pôdem fugir, seja qual for a sua posição social, porque a Patria assim o exige, reclamando para a sua defesa o sangue dos seus filhos.

Apesar da opinião, ao que nos afirmaram, exposta triunfalmente no parlamento por um vulgo conhecido da politica portuguesa, de que «a mulher se está dando instrução de mais», nós entendemos que é pouca e bem pouca a que se lhe tem dado até aqui, e que é necessario que este vergonhoso estado de coisas termine para que a nossa raça não baixe até á selvageria em que caiem todos os povos, cujo elemento feminino se anula pela falta de instrução, de cultura e de trabalho, que lhe dê autonomia e uma forte e sadia influencia na educação da criança.

Perder o trabalho productivo e inteligente da mulher é um crime, que os governantes não teem o direito de fazer, e é sobretudo — elas que o compreendam — inferiorisar a portuguesa perante os olhos dos seus proprios irmãos, que *âmanhã* hão de voltar dos países onde a guerra os levou cantando louvores ás mulheres das outras raças que tanto teem já feito e estão para fazer para a libertação das suas patrias e para

a sua riqueza e prosperidade futura, pelo trabalho de hoje.

O que se torna preciso é que esse trabalho seja dirigido de modo a honrar o nosso sexo em geral, e muito especialmente a nossa raça, tornando-se productivo para o país.

E não esperem as mulheres que os homens sejam em Portugal diferentes dos outros homens, aguardando assentadas á lareira que elles lhes vão entregar os lugares que podem desempenhar e pedir-lhes, por favor, para os auxiliarem e substituirem, porque isso só se faz em países em que as mulheres já teem dado as suas provas, como na Inglaterra, ou em face de um perigo immediato, acorrendo de todos os lados como na França, para a salvação comum.

Entre nós o caso é diferente. O trabalho deixa de fazer-se, a maior parte das vezes porque as nossas necessidades são muito atenuadas pela doçura deste lindo sol, que é a nossa riqueza e a nossa perdição.

Depois, antes de se chamar a mulher á actividade duma vida productiva e autónoma todo o portuguezinho, de tradicional e mourisco sentimento, achará conveniente utilizar menores, como está succedendo em varias casas comerciais, ou chamar estrangeiros, nem se lembrando, sequer, de que as mulheres teem competencia e aptidões para a maioria dos serviços, especialmente para os que dependem de facil adaptação e rapida comprehensão.

E' pois necessario que elas se mobilizem espontaneamente e se preparem para o trabalho, conquistando o direito de o realizarem pela serenidade e firmeza com que o reclamarem.

E' quasi exclusivamente para o ensino que as mulheres até aqui teem orientado a sua educação, mas é principalmente para o ensino que mais mal preparadas se encontram, por deficiencia de educação especial, de propaganda e orientação pedagogica e civica.

Numa entrevista publicada nos jornais, dizia um pedagogo conhecido da nossa terra: — «que, logo que se ponha em execução a nova reforma das escolas normais, que centralisa nas tres principais cidades do país o ensino profissional dos professores, difficilmente poderão frequentar esses estudos meninas que não sejam os grandes centros urbanos.

Se assim é, nenhuma reforma podia vir menos a proposito contrariar o grande ideal des-centralizador, que representa o futuro resurgimento da terra portuguesa.

Nós precisamos antes de mais nada, criar o tipo perfeito da professora rural, que se adapte ao nosso meio e á nossa psicologia e exerça a acção moral que se perdeu por muitas e variadas razões.

E' necessario reunir um corpo de professoras, mulheres inteligentes, bem orientadas, bem instruidas e bem victivas do seu alto dever civico, que se espalhem por esse país fora para erguer do abatimento e da rotina um povo adormecido, que não acredita na riqueza e no progresso senão baloçado nas tabuas movediças dos navios de emigração.

Do que nós precisamos é de professoras orientadas e instruidas de forma a serem em cada pobre terra da provincia as boas fadas que levem as noções de cultura, de progresso, de hygiene e de educação civica, que deem a este povo, de tão nobres e belas qualidades inactas, armas de combate e de defesa para a luta de amanhã.

O país não pode adeantar um passo na alta comprehensão do seu dever e do seu nobre destino, emquanto não tiver professoras primarias; e não pode ter professoras primarias emquanto essa profissão for o miseravel fio de agua onde se dessedentam as pobres meninas sem futuro, que desejam fugir á escravidão da agulha.

Ser professora primaria num momento de transformação social como o que atravessam todos os povos, e o nosso em especial, é sem duvida, uma profissão, mas tem de ser, acima de tudo, um sacerdocio.

Ao sair das Escolas Normais como existem hoje, e talvez não possam organizar-se melhor, a menina que se propõe ir educar a sociedade de amanhã, mal tem adquirido elementos para fazer a sua propria educação, no estudo quasi exclusivamente teorico que é o vicio das sociedades latinas.

Essa personalidade que se deveria afirmar e impôr pelos seus conhecimentos, pelo seu character e pela sua consciencia civica, provados num estagio que abrangesse uma inteligente pratica de enfermagem e um estudo suplementar em escolas profissionais e agricolas, para se lhe poder entregar o futuro dum nucleo de cidadãos que representam uma força social, que ninguem pode saber até onde chegará numa democracia racional; pode bem dizer se que não existe hoje, senão excepcionalmente, nas candidatas ao magisterio primario que dia a dia vão saindo das escolas nacionais.

As nossas pobres professoras, já hoje quasi exclusivamente recrutadas entre as populações urbanas, pela dificuldade que ha nas provincias de vencer os preconceitos arreigados em seculos de obscurantismo e pelas terriveis condições economicas e morais que as familias tem de vencer para instruir convenientemente uma menina, aceitam por *castigo* a nomeação que as leva para as vilas, aldeias e logares onde a sua acção mais necessaria se torna.

Para evitar esse *castigo* tudo se faz e tudo se consegue, desde que haja bons *padrinhos*, que é a formula mais depressiva do fatalismo nacional.

E assim, as que são despachadas para as escolas rurais são as pobres meninas desprote-



gidas que saiam da Normal sem a mais leve compreensão nem conhecimento da alta missão que lhes compete desempenhar, como cidadãs de uma patria livre e orgulhosa do seu passado e absolutamente crente no seu futuro de honra e de opulencia.

Os grandes orientadores da pedagogia não saiam nem saíram nunca das Escolas, como os grandes renovadores sociais nunca saíram da rigidez escolastica e formalista.

Que seja Cristo ou Budha, Mahomed ou Inacio de Loyola, S. Francisco de Assis, Lutéro ou Santa Tereza, os orientadores são sêres de excepção que formam um novo sistema através da sua propria psicologia e oimpõem aos outros como religião ou organização, disciplina a seguir pelos continuadores da sua ideia.

O que a Escola nos pode e deve dar é mulheres orientadas para a missão patriotica que temos o direito de exigir ao professorado quando lhe facilitem as condições de trabalho e se lhe garanta economicamente os sacrificios feitos.

As escolas ruraes, numa inteligente e patriotica remodelação do ensino primario, seriam dadas como premio e não como castigo, ás mais distintas e mais dignas professoras, compensando-se-lhe o sacrificio do isolamento por uma paga mais generosa, pela facilitação de livros e material escolar e pelo carinhoso interesse que deviam merecer, tanto maior quanto mais pobre e desamparada fosse a escola que lhe coubesse por sorte.

Mas essa professora havia de ter para guiar e vigiar a sua acção alguém que tivesse, por assim dizer, a inspecção e orientação moral das professoras primarias, visto que temos partido do principio que o professor primario será uma excepção em poucos anos, já porque de facto em todos os países civilizados a instrução das crianças está a cargo das mulheres, já porque a guerra, valorizando o trabalho masculino, hade arran-



car definitivamente o homem a profissões em que não possa auferir quanto lhe basta para o aumento progressivo da vida economica.

O professorado primario feminino entregue aos caprichos das influencias estranhas e desorientadas, que desorganizam a sociedade portuguesa, não é nem pôde ser o elemento de progresso que se torna necessario emquanto não tiver uma autoridade superior encarregada de lhe servir de fio conductor no trabalho a realizar e de protecção e amparo contra as injustiças e prepotencias, que tantas boas vontades inutilisam.

Emquanto não tivermos um corpo de professoras primarias que sejam um verdadeiro «exercito de salvação» para a Patria Portuguesa, devotadas ao ideal educativo como novas missionarias duma pura e elevada crença no resurgimento nacional, escusamos de pensar em nos afirmarmos como colectividade digna do seu papel na historia da Civilisação.

A descentralisação funcional e economica da escola primaria, um dos erros cometidos em obediencia aos principios, não era o meio de orientar o ensino rural mas sim o de colocar a professora na dependencia de todas as mesquinhas intrigas do localismo, sempre irritante e malevolo.

E' necessario descentralisar o ensino mas duma forma inteligentemente estudada, de modo a levar o amor e o trabalho á nossa linda terra portuguesa, que nossos avós conquistaram palmo a palmo e que nossos filhos nos pedirão mais engrandecida e melhorada.

Cada região representa um problema especial a estudar carinhosamente, orientando desde logo o trabalho e o ensino em harmonia com a exploração industrial e agricola e com os ideais e o interesse da região em que é necessario enraizar o povo.

Com a maior surpresa lemos ha tempo num jornal uma entrevista com um sr. deputado em que estas palavras ressaltaram aos nossos olhos e se fixaram no nosso espirito de forma a jamais as podermos esquecer : «Como se vê, a maxima parte das escolas novas são mixtas, cabendo 118 a Braga, 95 a Coimbra, 88 a Aveiro e 84 a Bragança. Ora como estas escolas mixtas e, evidentemente, as femininas, são regidas por professoras, acentua-se a notavel percentagem de mulheres encarregadas de ensino. *Serão elas as mais aptas a formar vontades e espiritos fortes?* O problema está posto e anda em estudo noutros países, neste momento, em que se pensa a serio no futuro, que tem de ser resolvido por *almas energicas*. Não o devemos nós considerar tambem?»

E duvida um homem português que o problema possa ser resolvido por nós, mulheres portuguesas, cuja *alma energica* jámais foi posta em duvida através da historia, cujo coração jámais se acovardou e estremeceu vendo partir os filhos para a guerra, substituindo, em quatro seculos de emigração, os maridos e os pais, que abandonam a terra amada de Portugal?!

Duvidam os homens que representam o povo da *alma energica* da mulher portuguesa?

Pois nós não duvidamos dela e se temos confiança absoluta na *alma energica* dos nossos soldados não temos menos confiança no espirito patriotico, na disciplina e na inteligencia da mulher da nossa raça, quando haja vontade de aproveitar o seu trabalho, a sua dedicação, o seu amor e o seu orgulho patrio.

Queria dizer o illustre entrevistado que a mulher portuguesa, até mesmo a professora, não tem dado ao país tudo quanto é licito esperar das suas altas qualidades, por falta de estimulo, de direcção intelligente, de apoio moral e reconhecimento dos seus serviços?

Se era isto que queria dizer, concordamos plenamente com a sua opinião, e dizemos-lhe mais :

Se querem uma nação digna e forte que corresponda dentro do país ao glorioso esforço dos nossos soldados, dêem-nos poder para orientarmos a mulher educadora, entreguem-nos a alma das crianças e nós lhe daremos os fortes e laboriosos cidadãos de amanhã.

A falta de confiança que alguns homens das classes dirigentes teem na mulher da sua terra, não a partilha o povo, não entra no coração dos nossos soldados que alegremente, serenamente, nos veem dar os seus nomes para que lhes enviemos noticias da Patria e nos entregam os seus filhos para que olhemos pelo seu futuro, consolando as velhas mães que aguardam as noticias com o coração apertado, mas sem desesperos nem revoltas inuteis.

Pois ha nesta hora quem duvide da *alma energica* da mulher portuguesa quando ela consegue erguer, apesar de todas as dificuldades e entraves que lhe veem do meio ambiente e da propria educação, essa obra de disciplina e de força moral, que é a Cruzada das Mulheres Portuguesas nas suas comissões de assistencia, propaganda e instrucção ?!

Compreendessem todos o nosso esforço, dessem todos o seu auxilio á nossa obra, no seu grande conjunto, que representa a assistencia feminina em todo o país, por meio das sub-comissões, do professorado, das camaras municipais e dos senhores administradores, e tinhamos, sem papeladas inuteis nem entraves desconsoladores, a organização disciplinada da assistencia de guerra como base da educação futura.

O que nós, pretendemos com a nossa organização descentralista, é educar os filhos da terra para a terra.

O que nós não queremos, o que não podemos consentir que se faça, é drenar para os

grandes centros urbanos os filhos daqueles que à guerra foram arrancados pelo dever e honra da nossa raça.

Desde o principio da guerra que vimos insistindo e repetindo sempre na conveniencia de educar os filhos dos soldados para a honra e proveito da nossa terra, criando pequenas escolas agricolas em todos os concelhos dando ao professorado rural uma orientação disciplinada e firme, que o coloque no lugar em já devia encontrar-se, como dirigente moral do povo.

Para conseguir este fim, que é a salvação da terra portuguesa, precisamos absolutamente que os politicos não duvidem da *alma energica* da mulher da sua raça, mas nos ajudem a conseguir rapidamente o pouco que nos é preciso dos governos para que a nossa obra frutifique.

O que seria preciso é que nos atendessem um pouco quando trabalhamos para a organização futura do país, por meio de escolas e colonias agricolas e profissionais, que chamem a mulher á comunhão da vida nacional, pondo-se absolutamente de parte interesses particulares e mesquinhos.

Ha para tudo almas energicas de mulheres em Portugal,

Deixem-nas trabalhar a todas, cada qual seguindo o pendor do seu temperamento e a orientação do seu espirito. Enquanto as enfermeiras estenderem sobre as cabeças enfebrecidas dos doentes as suas mãos dulcificantes e outras ensinarem pacientemente os que a guerra tenha devolvido feridos e mutilados, deixem algumas encarregar-se das crianças, preparando com elas o triunfo de amanhã e ainda outras organizar as escolas e os trabalhos agricolas e as pequenas industrias, como na Belgica tinham feito as suas laboriosas mulheres.

E senão é muito exigir, numa época em que as mulheres de todo o mundo mostram saber



compreender o seu dever de cidadãos não lhe fechem os logares de administração publica, onde, muitas fariam, não haja a menor duvida, mais e melhor do que se tem feito até aqui.

\*

\*

\*

A ideia das «Escolas agricolas femininas» vai entrando no ciclo daquelas que o grande publico aceita como básicas, duvidando até, depois do seu convencimento e realisação, de que fossem necessarios anos e anos duma luta persistente no campo das propagandas idealistas para que se chegasse á simplicidade pratica que todas reclamam para se transformarem em factos.

Antes da guerra, muito antes da guerra, por uma presciencia que não nos orgulha, porque mais parece instinto do que raciocinio, começamos a interessar-nos e a falar na urgencia de orientar o trabalho da mulher para um caminho pratico e urgentemente necessario, como seja esse da valorisação da terra pela agricultura inteligente e pelo desenvolvimento das pequenas industrias, que delas derivam imediatamente.

Tanto mais que a agricultura e as pequenas industrias rurais não são uma novidade para a mulher portuguesa, simplesmente se tratando de valorisar e disciplinar o seu esforço, tornando profissionalmente inteligente o que apenas é filha da tradição rotineira.

Um país que tem as laboriosas agricultoras do Minho e da Beira, as sirgueiras de Traz-os-Montes, as queijeiras da Estrela e tantas outras laboriosas e pequenas industriais, que para serem o que mereciam ser sómente lhes falta o impulso e a disciplina do ensino profissional,



tinha o dever naturalmente indicado de cuidar a serio da educação da mulher nesse sentido orientada.

Pensando assim e tambem pelo desejo de dar ao nosso sexo uma nobre independencia pelo trabalho productivo, não esmorecemos nem desistimos um instante da nossa campanha, que já para muitas pessoas se afigura uma especie de ideia fixa.

Ainda antes da proclamação da Republica, e porque ela nunca foi para nós uma ideia abstracta e sentimental mas um meio — o unico — de salvar o país da abjecção moral em que o tinham lançado todos os incapazes e todos os ambiciosos sem ideal, que assaltaram o constitucionalismo desvirtuando a sua missão, começamos a nossa propaganda mansamente, mas duma forma persistente e tenaz, que difere um pouco das qualidades fulgurantes do temperamento latino.

Com as Escolas agricolas femininas temos vindo a fazer ha anos a mesma propaganda que ha muito vinhamos fazendo das escolas profissionais de enfermeiras. Para essas parece-nos que alvorece agora tuma esperanza com a publicação dos decretos que criaram a enfermagem de guerra em Portugal e consequentemente a autorização que hade ser garantida á «Cruzada das Mulheras Portuguesas» para fundar e dirigir uma escola de enfermagem que tenha o fim, entre outros precioso, de preparar pela instrução e pela disciplina as enfermeiras que se possam colocar sem vergonha ao lado das mais admiradas profissionais da enfermagem, quer sejam inglesas, americanas, suizas ou outras.

Se nos tivessem escutado quando trabalhamos com a dr.<sup>a</sup> Carolina Angelo, dr. Bombarda e outros medicos illustres, para criar as escolas profissionais de enfermeiras, os serviços de assistencia hospitalar e infantil não teriam sofrido as perturbações na sua boa ordem, que estão na

memoria de todos ao serem dispensadas as congreganistas.

Da mesma forma, á nossa propaganda do ensino profissional agricola feminino não se deu aquella atenção que era licito esperar dos poderes constituidos e aquele entusiasmo do publico, que faz triunfar as ideias e as iniciativas e era muito mais bem cabido e util neste assunto de que é na repetição dos grandes exemplos da revolução francesa, que já foi ha mais de um seculo e actuava sobre ideias e preconceitos bem diversos dos nossos.

Os exemplos historicos são bons para educar o espirito, mas é preferivel fazer historia a repetir exemplos.

E sobre escolas agricolas e profissionais femininas nada ainda conseguimos, apesar do apoio de muitos e distintissimos profissionais e illustres agronomos e veterinarios, que fazem a propaganda com a autoridade scientifica que não temos.

Mas não importa, continuaremos imperturbavelmente porque não tendo o temperamento e o verbo dos propagandistas arrebatados e brilhantes, tambem não temos os seus desfalecimentos e desanimos.

Satisfaz-nos ter as qualidades daqueles que foram sistematicamente espoliados dos seus direitos de dirigir, mas que não foram, porque o não podiam ser, do seu direito de raciocinar e ver com intelligencia os assuntos.

Como a heroica e tenaz e nobre raça judaica, nós, as mulheres, só individualmente podemos triunfar numa sociedade injustamente masculinista, quando usêmos das armas dos escravizados inteligentes, que são a hipocrisia traduzida numa falsa modestia.

A nós, porém, individualmente, sobra-nos consciencia dos nossos direitos, neste alvorecer do seculo XX, que por triste destino humano impõe o triunfo da mulher sobre um rio de san-

gue e montes de cadaveres, para aceitar estas condições de trabalho.

Convencidas de que é necessario fazer da mulher um elemento productor para a riqueza agricola nacional, ha anos que vimos preconizando e defendendo as nossas ideias em conferencias, em artigos e até na coragem com que arrostámos com todos os usos e preconceitos para fazermos parte do congresso municipal de Evora onde levámos a tésé que só por si reproduz todo o nosso ideal: «A mulher na agricultura e nas industrias regionais», modesto trabalho que serve apenas para documentação de uma campanha em que as mulheres hão de entrar mais tarde, não tenhamos a menor duvida, mas tendo perdido anos e anos que se não recuperam.

O interesse que ainda não conseguimos eficazmente despertar nos governos da Republica, nem entre as mulheres do nosso país, começa a interessar o grande publico pela pena dos escritores que o levam para os jornais.

Eis a primeira dificuldade vencida.

Continuemos, pois, mas dentro da orientação absoluta e intransigentemente portuguesa, fazendo profissionais, como as podemos fazer, se os senhores agronomos e veterinarios quizerem auxiliar o país, como os seus colegas da Belgica o fizeram, instruindo eles proprios as agricultoras e as operarias na pratica de todo o intelligente trabalho e industria agricola.

Este ensino, que as necessidades da guerra já teriam imposta num país em que se falasse menos e trabalhasse mais, teve agora o seu inicio na criação official a requerimento da «Cruzada», fortalecida por todas as colectividades locais, da primeira colonia agricola feminina que hade funcionar no posto de Alcobaça, a riquissima região pomicula que é uma bela esperança para o futuro,

Para honra da Patria e satisfação ao nosso desejo de bem a servir, só esperamos que o exem-

plo frutifique e se multipliquem escolas semelhantes, com isso nos dando por bem pagas do nosso trabalho e desinteressado esforço de muitos anos.

As escolas profissionais femininas representam nos grandes centros urbanos o paralelo indispensável ás escolas agrícolas regionais.

Para se poder impedir a exploração e demoralisação que representa a aprendizagem da costura em toda a parte, e principalmente em Lisboa, é indispensável instituir as escolas profissionais, que diplomem as costureiras que assim entrarão nas oficinas ganhando um salario compensador.

O trabalho dos menores é proibido como os serões, e tantissima coisa que, sem embargo, se continua a fazer, por se lhe não encontrar o remedio apropriado, não havendo autoridade de evocar a lei quando nenhuma compensação benéfica nos traz.

Só a escola profissional soluciona o problema, e, vê-las criadas em todos os bairros como em todos os grandes centros urbanos, é um dos nossos mais queridos ideais, já posto em pratica com a bôa vontade, ordem e economia, que caracteriza as obras femininas, pela comissão especial que foi nomeada para esse fim pela «Comissão de Propaganda» da «Cruzada».

A «Escola Profissional n.º 1», já a funcionar, é uma bela obra, que só por si atraíria sobre esta agremiação o aplauso de toda a gente inteligente e bem intencionada. Resta que o publico veja o seu resultado prático.



## *Mobilização feminina*

A mobilização, mais ou menos voluntaria, do trabalho feminino, tem-se vindo a fazer duma forma lenta, mas progressiva, dentro do nosso país.

Com vontade ou sem ela, forçados pela necessidade, todos chegam á compreensão nitida de que nesta hora suprema para a honra da Patria a ninguem é licito negar o seu trabalho á causa da justiça e do dever.

O admiravel movimento feminino, obedecendo inconscientemente, na sua maioria, á grande lei progressiva que empurra a humanidade para um destino superior, faz-se sentir em todo o mundo como reflexo da propria guerra, que a todos os povos interessa.

Essa mobilização, que em alguns países, como os Estados Unidos, por exemplo, se fez de tal forma rapida e expontanea que mais parecia que as mulheres estavam aguardando a hora prometida para se pôrem imediatamente em marcha, armadas e equipadas para a luta e para o dever, como os homens se preparavam voluntariamente para entrar em combate á voz dos dirigentes do alto destino da sua joven Patria, obedeceu em outros países a uma necessidade fortemente sentida e nobremente executada, como na Inglaterra, ou dolorosamente reclamada como na França, na Belgica, na Servia e na propria Russia, feridas nos seus corpos mutilados e sangrentos; isto sem querermos falar da acção das



mulheres dos países inimigos, que logicamente odiamos, porque sem ela, certamente, a acção guerreira dos exercitos estaria bem diversamente enfraquecida.

Mas outros países houve, como a Italia, por exemplo, que fez a sua mobilização feminina de uma forma cavalheirosa e sentimental, logo que os primeiros canhões começaram a sua erupção de fogo e de morte, antes mesmo do seu país ter dado a ultima palavra diplomatica sobre o rompimento das hostilidades.

Em Portugal esse movimento fez-se tambem desde logo, mas não abalou fortemente a alma entorpecida da maioria feminina portuguesa, deixada em pousio por largos anos.

No entanto, a hora aproximou-se vertiginosamente e hoje todos compreendem como é triste e vexante para os homens a inacção indifferente ou apavorada das mulheres.

E' certo que o governo da Republica não tem orientado a sua acção official no sentido de aproveitar largamente o trabalho e as aptidões da mulher, que são muitas. Mas, com justiça se deve dizer, que se ela se mostrasse mais preparada para o trabalho na propria lei encontraria a sua força, pois que a substituição decretada nos empregos para as parentes dos mobilizados, apenas até hoje foi requerida por duas senhoras.

Como, porém, todas as horas chegam, por mais afastadas que á nossa paciencia se atiguem, tambem a da mobilização voluntaria, mas oficialmente solicitada e bem vista por todos, chegou, finalmente, para as mulheres.

Os homens portugueses encontram-se já aos milhares sofrendo o embate terrivel da guerra pavorosa que será o assombro dos seculos futuros, mas ao lado deles, nos hospitais de campanha, não se encontra um coração de mulher da sua raça que receba os seus gemidos e as suas palavras de saudade, nem labios femininos que lhes digam frases consoladoras e maternais, que

tanto agasalham o espirito combatido dos enfermos e das crianças, na lingua musical em que chorou e cantou Camões.

Milhares de homens portuguezes estão nesta hora de tragedia afastados da Patria, longe dos seus affectos, longe do recanto abençoado da terra que nenhumã iguala, defendendo a honra e o futuro de uma raça que tem dado á historia moderna os nomes mais gloriosos e os factos mais decisivos para a civilização ; mas, a secundar a sua obra, poucas são ainda as mulheres que se encontram a trabalhar, sem a necessidade esmagadora da fome, com a ideia alevantada e altiva de lhe entregar uma Patria redimida, digna do seu esforço e da sua heroicidade.

Para as mulheres de Portugal bateu a hora tremenda em que o futuro da sua raça está em jogo, e da sua energia e da sua consciencia depende, tanto como do esforço heroico dos homens, o destino que nos hade manter como nação digna de respeito entre as nações que sabem cumprir o seu dever e têm o direito de existir e impôr o seu valor.

Não ha nesta hora egoismos desculpaveis ; não ha nesta hora transigencias nem hezitações ; não ha nesta hora pequenos deveres.

Por mais infima que pareça a nossa parcela de trabalho, ele é devido á Patria, é devido aos homens que sacrificam o seu sangue para deixarem aos nossos filhos a honra suprema de pertencerem a uma terra de herois, não já herois fechados na historia, como lendas gloriosas de antepassados, mas herois da hora difficil que passamos.

E' pois o momento da mulher portuguesa aceitar com nobre coragem o dever, que é igual para todos, e tomar o seu logar na mobilização voluntaria que foi decretada pelo ministro da guerra sr. Norton de Matos, para o corpo de saude, que não pode dispensar o concurso feminino, tanto em campanha como dentro do país.

Como tudo quanto se faz na nossa pobre terra, sem educação e disciplina filosofica, essa mobilização apresentou-se de uma forma tão urgente que não havia um momento a perder nem uma hesitação a desculpar.

Reclamou-se a inscrição de todas as mulheres de bôa vontade para o serviço de saude, que para todas deve haver lugar conforme as suas aptidões, a sua idade e robustez.

Nos hospitais militares de campanha, como nos territoriais, nas casas de convalescença, nas escolas de reeducação de mutilados, como no proprio serviço de correspondencia entre os que partem confiados na dedicação feminina e das familias espalhadas por toda a linda terra portuguesa, em toda a parte é urgente o concurso da mulher para aproximar a hora do triunfo. E serve-se a Patria de qualquer forma dando trabalho, dando carinhoso interesse pelos que sofrem, cuidando das crianças, amparando as mulheres, creando riquezas, desenvolvendo o trabalho, amando e cultivando esta terra sagrada, que desejariamos poder levantar nos nossos braços como uma custodia refulgente, de modo, a impôr a todo o mundo a sua gloria deslumbrante.

Para as mulheres portuguesas chegou a hora em que hão de responder ao chamamento da Historia. E que elas responderão dentro e fóra do país, com a serenidade e a fé com que os homens responderam, não queremos ter a menor duvida.

\*

\*

\*

Para as mulheres portuguesas chegou o momento em que já lhes não é permitida a mais

pequena hesitação no alistamento de honra que se faz urgentemente mistér.

A falta de um corpo de enfermeiras de guerra, que imediatamente se preste a tomar o seu lugar junto dos nossos soldados feridos, é uma verdadeira vergonha nacional!

Irmãos nossos estão já hoje em terra estranha sofrendo as consequencias dolorosas desta guerra atroz; e ao lado deles ouvindo as suas palavras de febre, cuidando das suas feridas, inclinando-se sobre os seus labios de moribundo para ouvir a ultima palavra de saudade á mãe estremecida, á mulher amada, á Patria sempre presente no coração do homem portuguez, aos filhos que são a eternidade da vida, sómente se encontram estrangeiras que por melhores que sejam, por mais piedosas e humanitarias que as vejamos apregoar, não são da nossa raça, não sabem a nossa lingua, não comprehendem o nosso amor, não sentem o nosso orgulho de pertencer á Patria dos homens que trouxeram ao conhecimento da Europa o caminho do velho mundo e o esplendor de continentes novos, como lhe deram o maior dos poemas da historia moderna.

E' tarde, é já muito tarde para evitarmos a surpresa, e, porventura, o sorriso de ironia, das mulheres dos outros países beligerantes, ao saberem como os nossos soldados entrando em combate com aquella heroicidade e rigesa de animo que os faz conhecidos em toda a parte, serão por elas recolhidos e tratados nas mesmas dolorosas condições morais em que se encontram os soldados das colonias asiaticas ou africanas da Inglaterra e da França.

Este facto é por tal fórma vexante para as mulheres de Portugal, que não ha hoje homem nenhum, encontrando-se lá fóra, que o não reconheça e não se penitencie de ter consentido que chegasse-mos a esta hora suprema da defeza da civilização latina tendo ligado á edu-



cação civica das mulheres tão somenos importancia.

E pode acaso haver uma grande e forte nacionalidade sem o esforço conjunto de todos os seus filhos?

E' acaso possivel que Portugal se levante nesta hora em que se faz o balanço geral das energias nacionais dos povos, que hão de vencer na monstruosa luta de hoje e na concorrência formidavel de amanhã, continuando a inconsciencia e indiferença das mulheres, perante o trabalho a realizar?

Pois não veem as mulheres da nossa terra, que se não vive eternamente de pensões de sangue, nem são os homens da nossa raça valores que se descontem em tão mesquinha troca?

Não comprehendem, porventura, a necessidade urgente de estar ao lado dos homens que tão alto levantaram o nome da sua terra, tratando-os nos hospitais, substituindo-os nos seus empregos, lançando mão ás suas industrias, cuidando da terra, que é a certeza do futuro honrado, velando pelas leis, reclamando as que são urgentes, prestando-se a um trabalho que as honra e nobilita, garantindo a certeza do pão dos seus filhos, que precisam ser educados e instruidos para compreenderem o sacrificio dos pais e valorizarem a sua grande e bela acção de hoje?

Pois será possivel que as mulheres de Portugal sejam hoje mais timoratas e indiferentes á causa comum do que o eram outr'ora, em perigos mais terriveis e emprezas mais dolorosas, constatadas pela historia da colonização ultramarina?

Não o acreditamos!

Houve para o nosso país um periodo de hesitação e quebra de energias, do qual, ainda combalido, agora se está erguendo.

Os homens, forçados pela necessidade, foram os primeiros que se aprontaram para a luta,

mas a hora chegou tambem para as mulheres, em que, voluntariamente embora, elas teem que dar á Patria o seu trabalho e a sua intelligencia.

O corpo de Enfermagem de Guerra que a «Cruzada» necessita fazer reunir para corresponder á confiança da Republica e salvar a honra nacional nesta hora tremenda, tem de organizar-se com o auxilio e a bôa vontade do país inteiro.

As condições morais e materiais em que as senhoras, que se prestam ao nobilissimo trabalho da enfermagem, se vão encontrar são por tal forma honrosas e dignas do brio nacional, que todo o desconfiado retraimento da educação portugûesa deve ser vencido de pronto.

O país precisa absolutamente e urgentissimamente de enfermeiras de guerra que sigam para os hospitais militares do exercito em campanha, já provisoriamente servidos por enfermeiras inglesas, como precisa de enfermeiras que tomem o seu lugar de carinho e de dedicação nos hospitais de convalescentes, no Instituto de Reeducação dos Mutilados, e em tantas, tantas obras que as necessidades da guerra nos vão reclamar.

Para todas as mulheres de bôa vontade haverá nesta hora um posto de honra a entregar; que sejam pobres ou ricas, que se digam fidalgas ou bôas e honestas mulheres deste bom e honesto povo portugûes.

Nós temos o dever de contar com os medicos de todo o país, que em todo eles nos podem auxiliar criando pequenos cursos de enfermagem, que rapidamente valorizem as aptidões naturais da mulher portugûesa.

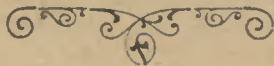
Temos o direito de esperar que os srs. commandantes dos regimentos e os srs. governadores civis, que representam nas capitais dos distritos o poder central, auxiliem esta grande obra dignificadora, prestando-lhe toda a atenção e au-

xilio; e que os srs. administradores dos concelhos, compreendendo bem as necessidades e o meio em que vivem, nos dêem o apoio que lhes pedimos constantemente, para a criação de pequenos nucleos da «Cruzada» encarregados de inscrever nos seus registos todas as familias dos soldados que partem em defesa da honra nacional, dando-lhes aquele auxilio e orientação moral, que se faz urgente, para que desta hora de sacrificio colectivo, colectivamente saia uma forte e valiosa consciencia nacional.

Cumpre-nos esperar, que as familias daquelles que servem o Estado e as daquelles que partem para se bater peia honra da Patria não hesitem em se juntar para o cumprimento de um tão alto dever.

Mas, sobretudo, nós temos o direito de esperar do coração e da intelligencia das professoras portuguezas um auxilio moral que nos habilite a dar a todos os filhos desta terra, por mais humilde que seja a sua condição, por mais ignorado que seja o lugar em que nasceu, o carinhoso interesse da nossa fraternidade, humanizada perante a dôr e o interesse colectivo.

E se ha alguém em Portugal, que ainda não compreendeu o seu dever nesta hora sagrada, esperamos que esse alguém não pertença ao professorado feminino português, que tão nobres exemplos pôde tirar da acção das suas colegas dos outros países em guerra.



## Assistencia feminina

---

A patriótica agremiação que se chama a «Cruzada das Mulheres Portuguesas», tem um núcleo constituído com toda a legalidade numa das maiores capitais dos Estados do Brasil, naquella que pela sua cultura, a sua riqueza e as suas relações com a Europa e com a America do Norte é considerada como a maior, depois do Rio de Janeiro, capital da grande federação brasileira.

E' pois em S. Paulo, a linda cidade que a tradição altiva dos bandeirantes considera como o elo mais forte da cadeia admiravel de audacia e de persistencia da raça portugêsa, na colonisação do mais vasto e mais opulento país da America, que as mulheres portugêsas primeiro souberam sentir e compreender a necessidadê de se agruparem para secundar a acção forte, autónoma e intelligente das suas irmãs de Portugal.

Mais uma vez a tradição se cumpre : e é de S. Paulo que parte a iniciativa para uma obra, que hade influir no futuro da raça portuguesa, e imprimir nas suas proprias relações de emigrantes, uma orientação de verdadeira fé nos destinos da raça, de orgulho do seu passado e crença absoluta no seu futuro, como só o coração das mulheres o sabe sentir.

E' pois de S. Paulo, donde ha seculos partiram as *bandeiras*, capitaneadas pelos mais illustres nomes portugêses, a rasgar o caminho á civilisação europeia e que tantas nobres mulhe-



res conta na sua historia de colonia de Portugal, que um grupo de senhoras se juntou num lindo movimento de comunhão sentimental para formar o primeiro nucleo da «Cruzada» em terras de Santa Cruz, logo secundadas por outras sub-comissões organisadas em diversas cidades do Estado e em especial na linda e progressiva cidade de S. Carlos, que não quiz ficar atraz da capital estadual.

De todos os lados do Brasil nos tem vindo a simpatia e o auxilio material, que mostra bem evidentemente como os nossos irmãos, que se encontram na grande Republica, bem sentiram e bem compreenderam o pensamento admiravel da sr.<sup>a</sup> D. Elzira Dantas Machado chamando a si as mulheres portuguezas, para que elas realisassem a obra que o movimento historico lhes impunha, marcando a sua inteligente iniciativa, nesta hora em que o esforço feminino é reconhecido e admirado em todo o mundo.

Mas, se é de muito numerario que se necessita para a obra social, que é urgentissima, mais ainda se precisa do auxilio moral que vem da comunhão de pensamento e da grandeza dum ideal comum.

Apesar do muito que os nossos patricios teem feito, provando que o sentimento da Patria não esmorece nunca no coração dos portuguezes, nenhum grupo de senhoras se tinha ainda formado para nos estender as mãos atravez do espaço e atravez do Oceano e dizer com o coração cheio de entusiasmo:

— A vossa obra e o vosso pensamento encontram éco nos corações de todas aquelas que á Patria portuguesa pertencem pelos laços indissoluveis do sangue ou, pelos mais tenazes ainda, do sentimento.

Este gesto tão lindo e tão comprovativo das altas qualidades civicas da mulher portuguesa vem pôr num belo relevo moral a grande acção das sub-comissões da «Cruzada», que tão neces-

saria se torna em tempo de guerra como o será no tempo de paz. A acção intelligente da mulher, que tão urgente se tornava no continente como nas colonias portuguezas e nos países estrangeiros, de forte corrente imigratoria, como o Brasil, a America do Norte e outros onde os nossos patricios se perdem absorvidos pelo meio ambiente sem o mais pequeno élo moral que os ligue á Patria longinqua, que os deixou partir sem uma lagrima e os recebe sem um sorriso desde que não tragam o oiro que representa os melhores anos das suas existencias sacrificadas será efectivada depois pela acção dos nucleos locais.

Confiêmos que tendo por ponto de partida esta hora de angustia e sofrimento colectivo as mulheres portuguezas onde quer que se encontrem se unam numa acção descentralisadora, moralisante e civica, de modo a ganhar a confiança do povo que já sabe onde encontra almas generosas, que comprehendem as suas dôres, e espiritos claros e energicos que defendem os seus legitimos interesses.

A assistencia local por intermedio do generoso coração da mulher, á qual de facto a assistencia publica devia estar entregue, hade impôr-se duma fôrma que venha atestar as suas qualidades de intelligencia, energia, bondade e senso pratico.

Fugindo quanto possivel á assistencia dada sob a fôrma de esmolos e subsidios, que só fomenta e alimenta a preguiça nacional, alguns nucleos intelligentemente orientados, como o de Viana do Castelo, por exemplo, trabalham para o futuro erguendo num esforço digno da atenção de todo o país as industrias femininas artisticas e regionais, de rendas, bordados e tecidos, que se iam perdendo levadas pela onda banalizante do industrialismo a que não escaparia aquele bom povo minhoto, tão simpatico e tão explorado na sua ingenua bondade.

Todos os grupos locais trabalham numa grande acção harmonica, profundamente des-centralista e fundamentalmente tradicional.

Uma outra fôrma simpatica da assistencia feminina é sem duvida a das «madrinhas de guerra» lançada ao grande publico portugûes, como instituição especial, por duas distinctas senhoras que merecem toda a nossa simpatia.

Madame Alfredo Bensaude, lembrando a acção feminina a desempenhar desta fôrma, veio estabelecer em bases precisas e dar uma larga propaganda individual, ao que desde o principio da guerra a «Cruzada das Mulheres Portugûesas» tinha estado a fazer.

Quando as primeiras tropas partiram, respondendo aos ataques germanicos ás terras portugûesas de Africa, a «Comissão de Assistencia aos Soldados Mobilizados» entregou a todos os que foram cartões já endereçados, onde enviassem as suas noticias e os seus pedidos, esta mesma «Comissão» se encarregando de saber e enviar ás familias quaisquer informações.

E assim, vai para tres anos se tem continuado a fazer, sendo incalculavel o esforço moral dispendido por um grande numero de senhoras da «Cruzada», para procurar satisfazer a ansia de noticias das familias dos nossos valentes expedicionarios do ultramar, encontrando uma nunca desmentida bôa vontade nas respe-

ctivas repartições de onde dependem estes assuntos.

Mas, já pelo nosso feitio sentimental e heroico, tornando os expedicionarios de França mais interessantes pela novidade da acção, já porque a nossa participação na guerra europeia interessa directamente a todas as familias de Portugal, o que é certo é que a acção individual das «Madrinhas» se ligou mais fortemente aos corações femininos, ainda retraídos, que desta forma tomam uma acção mais directa num acontecimento de que depende o futuro da raça e da Pátria portugueza.

Todos os louvores são poucos á acção entusiastica da bonissima senhora, que é madame Bensaude, por ter conseguido, sómente armada do sentimento de ternura, admiração e reconhecimento, que os nossos valentes rapazes inspiram á sua alma de francesa, levantar e individualizar a acção um tanto acanhada, das mulheres portuguezas, para com os soldados que vão dar o seu esforço heroico á nobre causa da justiça e da liberdade.

Lançada a ideia levantou aqui, como na propria França, reparos e dispertou sorrisos, sobresaltando um pouco as familias acostumadas a considerar as cartas como documentos perigosos, ainda influenciadas pela ideia, que foi geral entre os nossos avós, de que para as não ler e escrever, melhor seria as mulheres não aprenderem a arte de transmitir ao papel o seu pensamento.

Mas, o impulso estava dado; e qualquer que seja a resistencia do meio, quando as ideias veem numa rajada forte e persistente, todos os preconceitos caem por terra e a grande nivelção libertadora torna se um facto historico e social.

«Deus escreve direito por linhas tortas» dizem os crentes. E de facto; que importam as



palavras, que importam as pequenas acções isoladas a embaraçar o triunfo da ideia inicial? Tudo isso representa apenas elementos e factores, de que se serve a Natureza para cumprir o seu grande fim de progresso e de justiça.

E esse fim grandioso e belo é, nesta ocasião, representado pelo triunfo da democracia universal.

Pôr em comunicação directa a alma do soldado, do filho do povo, deste povo altivo e simples, ao mesmo tempo, heroico e tímido, sentimental e alegre, com as classes mais fechadas e privilegiadas, por intermedio do espirito e do coração da mulher, é manter as tradições de perfeita democracia, que foram sempre as bases e o equilibrio da sociedade portugêsa.

Aqui, neste recanto de terra fronteiriça ao mar, tendo só por limites da patria estranha o orgulho e o sentimento da nossa altiva independencia, sempre, desde o principio da nossa constituição, todos nos irmanámos no mesmo ideal e na mesma ambição de grandeza, que nos levou á maior acção colectiva da historia moderna.

E assim, nesta hora em que mais uma vez um só coração bate em todos os peitos portugêses a acção das *madrinhas de guerra* é tão grande, é tão bela, é tão nobre, que nem mesmo chega a ser nociva a daquelas, poucas e pobres senhoras de minguado sentimento da Patria, que por acaso tentassem desvirtuar uma tão bela ideia tornando-a num manejo de baixa politica.

A «Cruzada das Mulheres Portugêsas» individual e colectivamente, pelos seus nucleos centrais, como pelas suas sub-comissões, espalhadas por todo o país, constituiu-se desde o principio a *madrinha de guerra* de todos os soldados, que combatem em nome da Patria, e de todas as familias que se lhe dirigem pedindo o auxilio moral, que um irmão nunca deve recusar a

outro irmão, quando o sentimento e o sofrimento é comum.

Desdobrando a sua «Comissão de Assistência aos Mobilizados» criou a secção dos «Afilhados de guerra» que inscreve todos os que a procuram, fazendo quanto é possível por bem cumprir a sua missão, enviando agasalhos, tabaco, jornais, livros e tudo quanto representa o interesse por aqueles que longe da Patria por ela se sacrificam. Todos os correios trazem da Africa, de França e de Inglaterra e todos levam para lá as palavras de sentimento e de carinho que fortificam a fé em que todos vivemos de que chegou a hora de cumprir mais uma vez o destino glorioso que a Historia sempre nos tem carinhosamente guardado.

A Patria reclama nesta hora o esforço moral e material de todos e não ha acção que seja inutil ou mesquinha, se com ela se levantar a alma do soldado português e recompensar o sacrificio, que pelo futuro e grandeza da raça está realizando.

E se os outros não compreendem a grande acção moral da «Cruzada», os soldados que a procuram, e aqueles que já do campo de batalha lhe escrevem a pedir que os inscrevam nos seus registos, bem no fundo do seu coração a sentem e abençoam.

A pequena chapa de metal, que sob a forma duma pulseira de identidade os afilhados reclamam com tanto interesse, levará a toda a parte as letras simbolicas que abreviam o nome desta agremiação em que todas as mulheres portuguesas tem lugar.

E nós, mulheres portuguesas, e nós que assumimos a responsabilidade deste parentesco moral, tornando-nos *madrinhas de guerra* de todos os que partem e de todos os que eles deixam, sabemos cumprir a nossa missão, secundar com o nosso trabalho, com a nossa dedica-

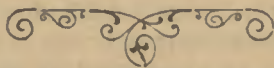
ção e com a nossa fé o esforço heroico dos nossos homens,

Eles erguem lá fóra o nome imorredoiro de Portugal, nós, secundando o seu esforço e o seu sacrificio, dêmos á terra o nosso labor, sacrificuêmo-nos pela Patria, que eles defendem, e organizemos a sociedade pela educação e pelo trabalho para que eles encontrem a prosperidade e a alegria, quando regressarem aos lares.

Eles — já ninguem o duvida! — sabem cumprir o seu dever.

Agora — que as mulheres portuguezas o compreendam! — para sermos dignas dos nossos *aflhados* tenhamos nesta hora um só pensamento firme e decidido:

«Secundar a obra dos soldados e cumprir o nosso dever no grande momento historico a que o destino nos chamou».



## Raça portuguesa

---

No meio deste turbilhão de sentimentos e paixões em que o mundo está vivendo, as grandes qualidades raciais afirmam-se, depuram-se e marcam para o futuro o caminho que os diversos povos teem de seguir.

Esta guerra que veio, que se mantem e durará, como todas as outras, implacavel e fatal como um fenomeno da Natureza, é o grande cadinho onde se vão purificar os povos que teem o direito de viver nobremente uma existencia afirmativa.

Entre os que nela participam, uns forçados pelas circumstancias, outros num impulso grandioso da consciencia nacional, o nosso povo é aquele que mais representa na historia da civilização moderna, como iniciador de uma nova fase na actividade humana.

Desde que se encetaram as descobertas sob uma persistente e solida orientação, que nada teve de aventureosa e imprevista como por muito tempo literariamente se proclamou, mas sim foi o resultado do estudo, do trabalho e da serena coragem atávica de uma raça, que entre dois abismos — a absorção iberica e o mar — soube fugir do primeiro pela consciencia nacional e servir-se do outro como estrada larga para a afirmação da sua existencia autónoma, nunca o povo português teve, como hoje, uma ocasião mais pro-



picia para mostrar quanto podem e valem as suas grandes qualidades individualistas.

Quando o grande Oceano se tornou, para os novos argonautas da Lusitania, *via lactea* gloriosa por onde marchamos á descoberta de novos mundos e ao conhecimento de velhas civilizações milenarias, iniciando com o nosso feito a era triunfal da Renascença, os portuguezes puderam repetir a frase romana do *mare nostrum* alargada a todos os mares da terra.

Cançados de tão grande esforço, generosos e imprevidentes como todos aqueles que teem muito alto o pensamento e o sentir, abrimos largamente as portas por onde todos os outros se precipitaram á conquista do vélo de oiro e ficamos absorvidos no sonho, satisfeitos com o quinhão de gloria, que a historia não pôde negar-nos.

Faltou-nos o senso pratico, a legião de pacientes e laboriosas obreiras que ficassem no cortiço cuidando na riqueza interna e da providencia do futuro, enquanto o espirito alado da rainha mestra sóbe, num rasgo de beleza, para a consumação gloriosa da continuidade da raça.

Fomos todos, no mesmo impulso divino, e realizamos a obra mais bela da civilização europeia, contando, talvez, com o eterno reconhecimento, que em nossa consciencia nos era devido pelos outros povos.

Mas a aparente decadencia, que adentro de fronteiras já fazia murmurar sentidamente o grande Camões, verberando em seu verso imortal «a apagada e vil tristeza» que mais o magoava pela comparação com a alegria triunfal, do que bem poderemos chamar o *Século luso*, não era como tanta gente o supoz, o marasma da morte, mas o tranquilo dormir de quem cumpriu uma grande e pesada tarefa e se prepara ao acordar para a continuação da sua obra

Nenhuma das grandes qualidades da raça

se perderam e todas elas se renovam e despertam para a nova hora gloriosa que se aproxima.

Os nossos soldados, que vão para a Africa combater os inimigos da Patria ou os inimigos da raça humana, como seja a sêde, a febre e a fadiga esgotante do clima, ou que vão para essa lendaria França, para essa Flandres gloriosa, onde tanto já brilhou e influiu uma nobre mulher portuguesa, que bem secundou a acção admiravel dos irmãos os «inclitos infantes», eles partem na serenidade calma de quem vai cumprir uma sagrada missão e escrevem logo com a firmeza convicta de quem sabe que representa o maior nome da Historia.

*Ser português, mostrar que se é português, dar bem a nota de que se sabe o que é ser português, é a preocupação de todos os soldados que diariamente escrevem do campo da batalha.*

O que pedem é noticias da terra, «deste jardim de flores», que nenhum iguala por mais belo e mais rico que se lhe apresente — diz-nos um.

Outro, só pede que digam á familia e aos amigos, que hade cumprir o seu dever que o passado nos garante,

Mais outro grupo, sentimental e aventureiro como guerreiros da nova ala da madresilva supplica ás senhoras que lhe entreguem uma bandeira da Patria para os guiar ás avançadas em sertões de Africa, e que na volta será entregue como um penhor de honra.

E ainda outro afirma, que a Patria lhes dirá, quando voltarem cheios de honra e de gloria: «abençoada terra que tais filhos possue».

E todos, todos repetem o mesmo estribillo de força e de consciencia: «nós cá estamos e o inimigo hade saber o que são portuguêses».

«Nós cá estamos ao lado dos nossos fieis aliados, que bem sabem quem somos».

Os soldados portuguezes — escreve sorrindo um official comandante — portam-se como eu sabia que se haviam de portar, de uma forma digna dos companheiros dos «Doze de Inglaterra».

A impressão consoladora que nos vem da guerra não a devemos nós amesquinhar pela repetição do erro já cometido, após o esforço imenso das descobertas.

A consciencia da responsabilidade humana é agora maior, porque se estende a todos os individuos e a todos reclama deveres.

Os nossos homens partem serenos, fortes e calmos para o cumprimento do grande dever, que impunha á nossa raça a obrigação de levantar a voz pela civilização, que tão alto e tão longe levamos; mas a nós todos que ficamos em terra, acenando-lhe com a saudade alegre da esperança, um dever mais alto e mais forte se impõe nesta hora de sacrificios e de generosidades! Esse dever é o mesmo para nós todos, homens, mulheres e crianças, velhos ou novos, fortes ou fracos. Esse dever consiste na fé soberba nos destinos da Patria e no trabalho, sem hesitação nem desanimo, por secundar dentro das fronteiras portuguezas a acção heroica dos nossos soldados.

Que todos se lembrem de que o sacrificio de sangue dos nossos irmãos será inutil, se o trabalho energico e paciente dos que ficaram não corresponder á sua nobilissima acção!

Que todos se lembrem de que o mal que aqui se fizer, é uma punhalada traiçoeira nas costas do nosso glorioso exercito!

Que todos, e principalmente as mulheres que tanto se orgulham dos filhos da nossa terra, pensem com firmeza, que a hora presente é de acção, de energia, de sacrificios continuos, e que ficamos por fiadoras da grande obra a realizar, perante aqueles que nos tomarão rigorosas contas, para a historia do futuro.

Lembremo-nos todos, que se outras nações defendem tão somente a sua integridade nacional, nós portugueses do seculo XX, combatemos pela continuidade e livre desenvolvimento duma raça e de uma lingua proprias, assim como duma civilização a que imprimimos um novo rumo no seculo XVI.

Entre as lutas, os horrores, as lagrimas e desgraças provocadas por esta monstruosa guerra, alguns factos ha que nós consolam de viver nesta hora de espanto e de tragedia, em que não se sabe calcular com precisão qual o dever, qual o sacrificio, que a hora seguinte nos exigirá.

É um desses factos que avultam e se fixam na memoria, como balisa de referencia a atestar a superioridade da raça humana, é sem duvida a solidariedade, que imediatamente quasi mecanicamente, se estabeleceu entre os individuos, que um ideal de tradição historica, de linguagem, de sangue ou de sentimento, agregam no mesmo instinto de defesa colectiva.

Ante a ameaça imperativa e brutal do germanico absorvente e destruidor, os organismos sociais, que tinham em si proprios energia para reagir, imediatamente se levantaram no mesmo impulsivo gesto da desafronta.

É nós assistimos com alegria a esse lindo movimento de solidariedade, que logo na primeira hora do perigo afastou a Italia de uma aliança hibrida e vexante, pondo-a ao lado da civilização mais uma vez ameaçada pelos barbaros. E vimos com orgulho a França, levantar-se como



um só homem para o arranco de defesa, que fez estacar a onda destruidora e assassina.

E o mundo viu com assombro que a Inglaterra, estendendo pelo globo a força civilizadora da sua bandeira, dos colonos fez amigos, que ao toque de reunir lhe vieram trazer a força material do seu braço e do seu dinheiro e a força moral da sua solidariedade para a grande obra de defesa em que, serena e conscientemente, tomou o lugar na mais perigosa vanguarda.

E nós, portuguezes, na hora historica do perigo e da gloria, sempre instinctivos na grandeza e na audacia, tivemos tambem a consolação maxima de ver ao lado da mãe Patria todas as suas colonias e todos os filhos do seu sangue e da sua alma.

Pela segunda vez no decorrer da nossa Historia ao brado — ás armas — da Patria, ansiosa de caminhar para o seu nobre destino, as colonias responderam com a sua adesão firme e o seu auxilio moral e material.

Colonos, em terra que é nossa, vivendo da vida administrativa e civica da metropole e colonos enriquecendo países estranhos com o esforço da sua intelligencia e do seu trabalho, todos no momento de perigo responderam ao — alerta! — com que a Patria os preveniu da ameaça inimiga.

E não só os homens se aprontaram para a luta sagrada da defesa da integridade da Patria, como as mulheres tambem, irmanadas no mesmo sentimento e dedicação, purificadas no amor e no orgulho da raça, acorreram ao chamamento sagrado.

Ao apelo das Mulheres Portuguezas dirigindo-se ao sentimento e ao coração de todas, apontando o simbolo sacrosanto da Patria, que está acima de todas as divergencias de pensamento e de interesses egoistas, raro foi o nucleo colonial que não respondeu com as provas materiais e morais da sua valiosa adesão.

Poderá bem afoitamente dizer-se no futuro, que a formidável obra de educação e reeducação, como de assistência moral e material, que a Cruzada lia de representar na sociedade nova e vigorosa, que levará Portugal ao seu mais alto destino, não teria sido humanamente realisavel sem a generosa cooperação de todos os portugueses espalhados pelas cinco partes do mundo.

Todos os que se encontram fóra da Patria, libertados do meio deprimente, e por vezes desolador, das miseraveis intrigas e vaidades pessoais, que tanta energia e bôa vontade aqui teem anulado, e que lutando e trabalhando pelo unico esforço da sua intelligencia e dos seus recursos pessoais, entre povos diversos, numa concorrência larga e forte de competências e de orgulhos, podem bem compreender, porque muito o teem sentido, quanto doi e faz sofrer no nosso legitimo orgulho e consciencia nacional, o sorriso de piedade ou a indiferença daqueles, que só pelo esforço material apresentado ou pela grandeza da nossa influencia moral nos poderão, efectivamente, conhecer e respeitar.

E foram esses que se encontram longe da terra portugûesa, mas tão perto dela pelo coração, que mais e melhor souberam compreender, nesta hora de afirmações raciais e defeza de direitos nacionais, o dever que nos impelia para uma colaboração efectiva com os nossos aliados e uma grande acção interna que bem demonstrasse a energia e lucidez com que soubemos encarar o futuro como vasta nação territorial, que efectivamente somos, e grande nação sob o ponto de vista moral e historico, como temos o direito de o afirmar e o dever de o mostrar,

As obras de assistência planeadas e levadas a bom caminho pela acção feminina em Portugal não se poderiam aqui esboçar sem o auxilio nobremente desinteressado dos nossos patriotas espalhados pelo mundo e residentes nas nossas colonias.

Se o «Instituto de Reeducação dos Mutilados da Guerra» é uma afirmação admiravel da intelligencia e da bôa administração feminina nas obras de assistencia, em grande parte se deve á espontanea contribuição da nossa colonia de Juís de Fôra e a muitos outros nucleos de patriotas exilados.

Se as «Escolas profissionais e agricolas» teem meios para se desenvolver e progredir é ao nucleo da «Cruzada» de S. Paulo, que em parte se deverão.

Se os orfãos da guerra tiverem uma casa maternal que os acolha, crie e eduque, para serem prestaveis cidadãos no futuro, deverão essa grande iniciativa aos portuguezes de Angola e em especial ás senhoras que para esse fim canalisaram a acção desse benemerito nucleo da «Cruzada».

Se uma larga acção social e de assistencia se tem podido dar aos soldados, ás mulheres e aos filhos dos que partem no cumprimento de um dever patriótico é, sem duvida, pela colaboração desinteressada e nobilissima dos portuguezes que se encontram fóra do país.

Do periodo das conquistas e navegações, que levaram para fóra os homens válidos de Portugal, algumas casas de asilo e educação de mulheres e crianças ainda hoje subsistem no país, a atestar a providencia, a generosidade e caridade dos nossos antepassados.

Hoje que a vida social é diversa e outros os nossos ideais e responsabilidades, necessario se torna que fiquem a atestar o esforço, a previdencia e a generosidade da nossa raça, obras que correspondam ás antigas, pelo seu alto valor moral, mas obedeçam á nova orientação das sociedades modernas.

As obras, que após esta monstruosa guerra, a «Cruzada» hade deixar bem alicerçadas para o futuro, darão aos descendentes a certeza absoluta de que muito pôde o coração e a intelligencia dos

portuguêses quando a Patria apêla para o seu coração e para a sua consciencia nacional.

+

\* \*

Faz precisamente um seculo que Gomes Freire de Andrade, o heroi de todas as batalhas em que a sua espada flamejou, foi levado ao sacrificio maximo da vida, atraçoado e vilipendiado como um Cristo, exposto á irrisão e ao desprezo dos maus, dos vendidos, dos ignorantes e atirado brutalmente para a gloria dum nome, que é um simbolo para a Patria portuguesa.

Liberal e progressivo, querendo arrancar a alma da Patria á servidão e ao desalento, Gomes Freire de Andrade estaria hoje conosco, não o duvidemos, nesta luta forte e austera em que nos encontramos, caminhando para a luz, embaraçados embora pelo espirito mesquinho das trevas, que atraçoã, conspira, conspurca e embeviliza uma parte da sociedade portuguesa.

Tristes tempos foram aqueles em que, ha um seculo, Gomes Freire passou na terra como um clarão de luz, deixando um rastro luminoso no caminho por onde seguiram os que amavam e queriam a Patria libertada e honrada.

Tristes tempos foram esses em que um tução de morte e de ruína passou sobre a terra amada de Portugal, razando, amesquinhando caratêres, esmagando consciencias, amalgamando em sangue e lama a historia gloriosa do passado.

E dêsse naufragio tragico duma nacionalidade, de que só por milagrosa resistencia do povo saímos victoriosos e purificados pela dôr, ainda até nós veem os brados da revolta da consciencia



nacional, ainda até nós veem os grunhidos desarmonicos dos que ha um seculo acusavam Gomes Freire, o simbolo da honra e da altiva franqueza da nossa raça, de traidor e de vendido!

Para se limparem da infamia da propria traição, acusaram e martirisaram Gomes Freire. A verdade, porém, é imortal e triunfa sempre, apesar dos tormentos a que por vezes é sujeita.

Mas... não nos iludamos; se hoje o espirito claro da justiça está triunfando na consciencia do povo, pelo esforço ingente de poucos, amanhã, se as fileiras desses rarearem, a reacção encontrará meio de se apossar de novo dos espiritos vacilantes, das alma hesitantes e fracas, sempre inclinadas á lei do menor esforço, que é a fé, cega, no destino e na providencia milagrosa.

A um seculo de distancia dos factos que produziram a tragedia da Torre de S. Julião, nós temos o dever de encarar com firmeza o estado actual da nossa sociedade e confessar, com a coragem que dá a força resistente da consciencia limpa, que hoje como ontem o grande mal da nossa terra é a falta de disciplina mental, ou antes, a falta de educação racionalista e filosofica que dê uniformidade á acção que desejariamos firme, serena e una para o triunfo dum só pensamento e dum só ideal — a grandesa da Patria!

Como ha cem anos ha por vezes hesitações e divergencias na maneira de encarar o dever e o interesse nacional, que dão a impressão lamentavel duma nacionalidade desagregada e inconsistente em que os individuos não teem uma força consciente de opinião que os mantenha na sua obra e na logica do seu pensamento.

Em parte por preguiça de aprofundar as questões, e em parte, tambem, por exagero emotivo, cada espirito se torna uma placa simpatica ás impressões de momento, raro se nos deparando convicções tão fundas e tão arreigadas, que dêem aos que as possuem capacidade para

sacrifícios por ideais, que não tenham num momento de entusiasmo, imediata realidade.

Toda a nossa historia, no seu esquêma de tão profundas curvas, é um exemplo deste nosso grande defeito.

Tão grande, que se não fosse ele seríamos, talvez, hoje, o povo arbitro do mundo civilizado.

Para vencer este mal que nos sobrecarrega e inferioriza é necessario apelar para a educação, que em duas ou tres gerações de esforço continuo para o mesmo fim, consegue modificar e corrigir defeitos, que se julgavam constitucionais.

Porque, nesta hora de afirmação vital para todos os povos, o nosso país encontra-se, felizmente, num regime novo, cheio de aspirações generosas, que num certo momento conseguiu romper com preconceitos, covardias e incertezas dubias, que ha cem anos toram a norma do governo absoluto, integral, monarquico e fanatico dos Braganças.

A Republica, acusada de levar o país para a ruína, pela sua attitude nobre e firme perante a guerra, representa hoje para os portuguezes a ideia da Patria livre e progressiva. Se defeitos tem, eles são dos homens que não dela e defeitos volver-se em virtudes quando para os vencer haja energia, vontade, persistencia e união no querer colectivo.

E' evidente que todos queremos uma unica e grandiosa coisa, que é o ideal duma Patria enobrecida e fortalecida para realizar a obra do futuro. Portanto, um meio se nos apresenta e dele devemos apoderar-nos sem hesitação nem desfalecimentos: que é unir fileiras, juntar esforços e caminhar para a frente.

A primeira parte do grande problema nacional está resolvida com a nossa nobilissima acção junto dos nossos aliados. Mas ao esforço magnifico dos nossos soldados, partindo satisfei-

tos para darem a vida pela honra do sangue português, mostrando-se os dignos descendentes dos portugueses do seculo XVI, tem de corresponder uma acção firme, disciplinada e laboriosa daqueles que ficaram.

O futuro da Patria depende tanto da coragem e valentia dos nossos soldados, como depende da correcção e do trabalho dos que ficaram.

Nuncã os nossos soldados deixaram de ser os melhores, os «demonios portugueses» como ha um seculo os classificavam, no campo da batalha, mas é preciso que esse esforço heroico não seja agora pago, como ha cem anos, com a devastação e a miseria que na volta os acolheu.

E' necessario que preparemos para os repatriados heroicos um meio por tal fórma modificado, enriquecido e enobrecido, que verdadeiramente seja digno dum povo de herois.

A mobilização forçada que levou a efeito o governo da Republica, é urgente que corresponda a mobilização voluntaria de todos os portugueses onde quer que se encontrem.

Para escaparmos á miseria e á vergonha de ha um seculo e merecermos a honra de ter como santo do nosso calendario o martir da Patria, Gomes Freire de Andrade, é preciso que todos, e cada um com a propria responsabilidade, dê á Patria o trabalho e o esforço consciente que puder.

Não mais intrigas, não mais maledicencias, não mais palavras inuteis ; factos, trabalho constructivo, dedicação e sacrificio á Patria.

Tenhamos bem presente que uma pessoa só é pouco, mas como a hostia consagrada que é uma pequena pasta de farinha e representa para os crentes, na sua essencia, a alma universal de Deus, assim cada um de nós representa uma força e uma consciencia. Saibamos, pois, disciplina-las para podermos vencer.

E' ás mulheres, principalmente, que temos o dever de nos dirigir reclamando trabalho e devoção pela Patria.

Não temos o direito de duvidar da sua bôa vontade e energia para a luta vendo-as acorrer numa ânsia de trabalho e de sacrificio a oferecerem-se para todos os trabalhos e, em especial, para a enfermagem de guerra.

Prova durissima, devemos confessa-lo, sabendo-se quanta relutancia os homens teem em aceitar o trabalho dignificado da mulher igualada em direitos e deveres e quanto a mulher está mal preparada, pela indisciplina da educação portuguesa, para se sujeitar ao regimen militar que essa profissão exige.

A Inglaterra levou 70 anos no trabalho meticoloso de apurar para a sua gloria de hoje o seu admiravel corpo de enfermeiras de guerra, nada pois devendo admirar que as nossas tenham ainda hesitações e incertesas, que uma natural selecção hade depurar.

Mas, não é só de enfermeiras de guerra que a nação precisa. Enquanto elas forem cumprir o seu nobre papel, temos o direito de esperar que as mulheres que fiquem nos ajudem, na obra de renovação patriótica que o país reclama.

A nossa acção representa, acima de tudo, a ideia dessa Patria engrandecida pelo trabalho inteligente da mulher, estendendo a sua influencia a todos os campos de actividade economica e educativa do país; é pois necessario que todas as portuguesas se juntem e o compreendam para que de facto se realise uma obra de construcção e de ordem, na desordem e na indisciplina nacional.

Com as enfermeiras de guerra demos o primeiro passo: com as «Escolas Agricolas e Profissionais», as «Casas de trabalho», o «Viveiro infantil», a «Casa maternal», as «Crèches», a «Casa dos orfãos», a «Hospedaria dos repatria-



dos» e tantas outras obras em projecto, havemos de preparar o amanhã desanuviado que desejamos para a nossa terra.

Trabalhemos todas sem desanimo, pensando no horror e na amargura dos nossos heroicos soldados se voltarem, como Gomes Freire, á terra bem-amada da Patria e só encontrarem, como ele, a ruina, a miséria, a ignorancia, a preguiça, a traição e a intriga inimisando e enfraquecendo as boas vontades, preparando a derrota para a concorrência futura.

Levantêmos os olhos para aqueles que pela Patria morrerem, e vivâmos todos pela gloria da Patria.



# Patria

Com o titulo *Patrie*, que nos acusa a origem comum da raça latina, acabam de ser lançadas em França as bases de uma grande associação que tem o sub-titulo de «União Francesa das Compradoras».

Os impressos que acabamos de receber não precisam de interpretação que revele ao publico as suas intenções, por tal fôrma as suas belas palavras se impõem a todos os patriotas, por tal fôrma elas devem ser comprehendidas e executadas pelos aliados.

O fim da guerra, em que todos tomamos parte, está previsto; hade ser fatalmente a derrota militar da Alemanha.

Que a guerra dure um mês ou um seculo, ela hade acabar por este resultado, porque outra coisa não seria possivel, desde que se jogam os destinos morais da civilização latina, ameaçada mais uma vez pela raça inimiga.

Mas, depois de vencida militarmente a Alemanha e os seus aliados, ou por outra, os seus domesticados, nós todos temos que contar com a luta que se seguirá no campo da concorrência comercial.

Nesse ponto os nossos inimigos teem vantagens que não devemos desconhecer nem desprezar, porque essas vantagens provêm da sua psicologia especial, do seu character, da propria

inferioridade espiritual e intelectual, perante a finura e vivacidade da nossa raça.

Nós, os latinos, esqueceremos depressa os agravos de hoje e ante o commercio facilitado que nos ofereçam não veremos o poder militar e a organização formidável da patria alemã; a sua ameaça constante, a irreductibilidade de raças, que não é possível fundir, como não é possível amalgamar e deixar de distinguir os lobos e os cães Unidos, por vezes, alguns individuos, dão exemplares com apreciáveis qualidades, mas as duas raças continuam a sua vida autónoma e diversa, inimigos encarniçados, sempre que as circumstancias o determinem.

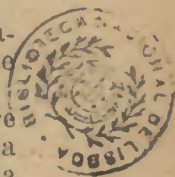
Ora é exactamente isto que as senhoras francesas compreenderam e o que querem manter, como defesa, na associação *'Patrie'*, á qual todos os aliados devem dar a sua adesão moral.

«Boicotar productos alemães é salvar soldados franceses». Estas palavras de Jean Herbetto podem ser a divisa da Patria.

E' preciso levantar uma forte barreira entre a Alemanha e os aliados, porque a perspectiva do triumpho do seu commercio é a continuação da guerra.

Os alemães não desarmam nem descançarão nunca no proposito de reconquistar as sympathias perdidas, nem desistem de invadir os mercados sem defesa e de se apoderarem do ouro que os ingenuos ou os sem-patria lhes levarão em troco das suas industrias, que não deixam de fabricar, levando amanhã formidáveis *stocks* para os mercados de todo o mundo. Já, mesmo, durante a guerra o commercio, por intermedio dos neutros se tem saturado de productos alemães que o freguês inconscientemente compra, sem ligar a esse acto o sentimento de traição ao espirito da sua raça, que efectivamente é.

Um grande movimento de organização commercial e industrial se está preparando em França e Inglaterra, opondo-se á feira de Lei-



pzig e outros manejos germanófilos a feira de Leão, e outros processos de propaganda comercial entre os neutros.

Mas a ultima palavra nesta luta formidavel pertence ao comprador, e as mulheres é que são em toda a parte as intermediarias entre o fornecedor e a familia. A's mulheres cabe, pois, a missão de defender a Patria no campo comercial, tanto ou mais importante ainda do que o campo da guerra, auxiliando de preferencia o comercio pátrio, e depois o dos aliados.

Da sua vontade depende, em grande parte, o levantamento industrial e a libertação do commercio ou a continuação do jugo moral que os barbaros nos vinham impondo antes da guerra.

Eis para que se fundou a associação feminina *Patrie* de cuja comissão dirigente tem a presidencia a distinta escritora madame Le Roy — Liberge, uma boa amiga de Portugal, que ha anos visitou, tendo escrito sobre as nossas coisas algumas palavras dum interessante livro de viagens.

Nas suas folhas de propaganda a *Patrie* diz claramente, o que é o perigo germanico, que nos ameaçava antes da guerra e mais formidavel será, ainda, depois da paz.

Num vibrante apêlo ao commercio e á industria, apresentando cifras, que são verdadeiras e apavorantes revelações, dirige-se aos compradores e mostra bem á evidencia que não valia a pena fazer o sacrificio horrivel de vidas e dinheiro, que representa esta guerra de defesa territorial, se havemos de ficar escravos das habilidades comerciais e da persistencia na luta do povo inia.igo.

Todos os que concordarem com esta iniciativa feminina, que bem demonstra a verdade que temos mil vezes repetido, de que as patrias interessam principalmente á mulher, que é a mãe, a dona de casa, a dirigente moral da familia e consequentemente da sociedade, e a ela compete



tambem a sua defesa, podem pedir estatutos e impressos de propaganda para a rua Notre Dame des Victoires, 42—Paris.

E' necessario que todas as mulheres dos povos aliados tenham bem presentes estas palavras:

« Dar o sangue para salvar a Patria é muito, mas dar-lhe a atenção e a defesa de cada hora no campo moral e material é ainda muito mais ».

Chegou o momento de só regatear á Patria o seu trabalho e a fé nos seus destinos, aquele ou aquela que não tem a consciencia do seu proprio valor individual ou estão registrados como factores reciaveis, no formidavel haver da escrituração germanica.

Para nós, os voluntariamente mobilizados, o alheamento, a indiferença e a má vontade dos nossos concidadãos, causa-nos arrepios, num momento como este em que mais de 60:000 homens portuguezes se batem com orgulho por uma terra, que não é valorizada pelos que ficaram; por um nome que anda nos dentes de todos os raivosos inimigos da Patria; por uma bandeira que os bandidos arrastam pela lama, num proposito molino de a tornarem desprezivel aos olhos daqueles, que por ela estão dispostos a dar a sua vida.

Nem se sabe o que mais nos espanta, nesta hora de tão grandes e graves responsabilidades para todos: se a coragem heroica dos que partem e lá fóra escrevem mais uma gloriosa pa-

gina da grande historia Patria, se o impudor dos que ficam com o riso da imbecilidade repuxando-lhes os musculos da face, só abrindo a bôca para espalhar boatos, criticar os que trabalham, desviar a acção productiva dos bons, desvirtuar movimentos generosos, impedir a acção individual, truncar e baralhar tudo, de modo a dar este conjunto de desordem, que faz do nosso país um cortiço de zangãos improduttivos e vorazes, esgotando criminosamente as reservas previdentes e inutilizando o trabalho honesto das poucas laboriosas obreiras.

Não se ouvindo nesta nossa malfadada terra senão desvirtuar e difamar os que alguma coisa fazem, ou desejam fazer, pelo bem e honra da Patria, bem util seria que todos aqueles que por ali se espreguiçam a criticar o trabalho alheio, nos ensinassem as medidas salvadoras que tão avaramente guardam nos escaninhos do cerebro, e nos dessem conta dos seus planos de melhor trabalho, quando dizem mal do que os outros fazem, apontando-nos o caminho a seguir.

Mas, não é a esses inuteis, quando não prejudiciais elementos, que nos devemos dirigir, mas sim ás mulheres da nossa terra, ás mães desses que lá fóra se batem, honrando a vida que lhes deram; ás esposas que vêm partir os seus companheiros, os pais dos seus filhos, sacrificando á Patria o maior amor da Natureza; ás filhas que uzarão com orgulho o nome honrado daqueles que erguem nas suas mãos o coraço ardente da Patria-Lusa; ás irmãs; ás noivas; ás proprias que nenhum affecto particular faz mover, mas comungam comnosco no orgulho e no amor colectivo dos herois.

E' a elas, ás mulheres da nossa Patria, ás fiadoras do futuro das raças, que nesta hora amargurada se pede responsabilidade e trabalho, para que sobre o seu nome não recaia o opprobrio de ver a nossa linda e productiva ter-

ra, a unica conservada maninha pela inconsciencia e indiferença humana.

Se os exemplos alguma coisa valem, nós queremos transcrever aqui, para o conhecimento de todos, uma carta particular escrita da Italia, por uma querida amiga de muitos anos e que nesta hora junta ao seu exaustivo labor de professora de uma Escola Normal Superior o trabalho nos hospitais, dando á Patria um excedente de esforço que é repetido por milhares de outras mulheres de Italia.

Perugia, 13—9.º—1917.

*Minha querida amiga*

Escrevo-lhe, finalmente!

Se não conhecesse a sua sincera amizade não teria coragem de fazê-lo.

A minha boa amiga hade ter lido as difíceis e gloriosas batalhas que os nossos valorosos soldados teem vencido.

Como italiana, como mulher pertencente a uma das nações que combatem o barbaro e irredutivel inimigo, sinto-me verdadeiramente orgulhosa. Esta victoria reanima o espirito dos combatentes e de todos os italianos, sendo um grande passo para a paz duravel e justa.

Tenho lido com prazer na *Semeadora* as novas victorias das mulheres portuguezas: a criação da colonia feminina agricola de Alcobaça, o pedido para não deportarem as mulheres condemnadas, a mobilisação das enfermeiras, etc. E outras vantagens virão, porque nós as mulheres, temos provado saber cumprir a nossa missão com dignidade e habilidade,

Queria escrever-lhe para o jornal tudo quanto temos feito e fazemos na Italia, mas é necessario tempo que não tenho, pelo extraordinario serviço escolar, para juntar as noticias.

Por dois artigos ha tempo publicados no «Jornal de Italia», de Roma, todos ficaram sabendo a acção das mulheres nos diversos ministerios e repartições officiais, de modo que o serviço não foi prejudicado em coisa alguma com a chamada dos mobilizados nêem mesmo nos mais difíceis trabalhos de responsabilidade.

As mulheres italianas teem provado nesta hora a maior capacidade e zelo no trabalho burocratico. Mas nas classes operarias não lhes ficam atraz, pois os operarios chamados ao dever que a Patria reclama, são por elas substituidos com facilidade.

Nas grandes cidades começaram o seu trabalho nos carros por venderem os bilhetes, mas agora já quasi não ha condutores que não sejam mulheres.

Como esses muitos outros serviços publicos estão a seu cargo exclusivo. Mas no que a mulher italiana se tem revelado inexcêdível é no fabrico de munições de guerra.

No principio nós não tinhamos exercito nêem munições. Deviamos armar os nossos soldados e não só não tinhamos preparação industrial como os maquinismos eram insufficientes. Com uma rapidez que roça pelo milagre e que revela o genio da roça latina, tudo se criou, sendo as mulheres preciosas e inteligentes auxiliares.

Em alguns estabelecimentos de munições de guerra o emprego das mulheres representa 95 por cento.

Mas não menos habeis se teem mostrado nos trabalhos dos campos, como o atestam as noticias officiaes publicadas pela imprensa e os louvores, medalhas e premios conferidos pelo ministerio de agricultura, industria e commercio.

E' executado por mulheres, pode bem dizer-se, tudo quanto é necessario em vestuario e munições, nesta guerra tão longa, aos soldados em campanha.

Entre as associações femininas muito e bom



trabalho se deve ao «Comité Nacional feminino intervencionista anti-alemão», cujo titulo diz os nobres ideais patrioticos que o movem.

A «Associação Nacional das Mulheres», que tem secções em cada centro importante da Italia, tem-se manifestado numa actividade multiforme, que varia segundo os lugares mas sempre utilissima e incançavel.

A mulher, cujo governo da casa muito bem prepara para ser previdente e economica, não podia deixar de fazer sentir a sua voz sobre a questão economica e por isso fundaram em Roma a «União Nacional de conferencistas pela disciplina dos costumes». Essa sociedade estendeu rapidamente a sua propaganda á resistencia moral da Nação durante a guerra e mudou o primitivo titulo pelo de «Propaganda pela disciplina nacional».

Em Italia, como em toda a parte ha inimigos da Patria, mas são factores de pouca importancia e que não alteram o belo encadeamento das almas unidas no unico desejo de vencer o terrivel e feroz inimigo que não suscita preocupações, todos confiando na energia do governo. E em Portugal o que se faz ?

Escreva-me depressa minha bôa amiga.

Abraça a sua dedicada

*Gemma Majonchi.*

Acrescentando uma nota vibrante a esta carta, que é um esplendido cantico de esperança, recebiamos na mesma ocasião um cartão patriotico, simples e sugestivo como o espirito claro da clara Italia, contendo os dez mandamentos que se impuzeram ao coração da mulher como uma oração á Patria ameaçada pelos barbaros, que mais uma vez tentaram vencer e des-

truir o espirito latino de que a Italia é um dos mais belos fiadores.

### Decalogo da mulher italiana

1.º Não falarás. Guarda para ti as impressões e apreensões.

2.º Não ouvirás os propaladores de noticias dos prisioneiros e semeadores do medo e do aviltamento: impor-lhe-has o silencio.

3.º Sê prudente nas despezas, nem gastos perdularios nem economia sórdida. Tudo quanto se refere ás tuas despezas diarias assume neste momento importancia politica.

4.º Auxilia a industria nacional renunciando a comprar productos estrangeiros, ainda que pareçam melhores e mais baratos do que os nossos.

5.º Não consideres como um abandono eterno a ida dos teus entes queridos para a guerra. Tem-nos presentes no teu pensamento em todos os instantes, como eles te teem a ti especialmente na hora do perigo e supre-os enquanto poderes no seu trabalho.

6.º Não lamentes as necessidades, dificuldades e privações derivantes da guerra. Pensa naqueles que pela Patria dão a vida e as queixas te morrerão nos labios.

7.º Multiplica a tua actividade dentro e fóra de casa para te tornares util á Patria com o trabalho das tuas mãos, com o ardor do teu coração, com a luz da tua intelligencia.

8.º Toda a coragem que o homem emprega no campo da batalha emprega-a tu, dia por dia, hora por hora, dentro das paredes da tua casa. Ensina quem não sabe, socorre quem vacilla, dá aos outros a tua fé.

9.º Por demorada que seja a prova sabe esperar com muita paciência a victoria.

10.º Se a desventura te atingir nos teus affectos mais santos, sofre nobremente para que as tuas lagrimas sejam dignas do morto heroico que chorares.

Que as mulheres portuguezas decorem este admiravel *decalogo* e que o apliquem á nossa propria Patria que tanto delas necessita.

Embora os homens que dirigem os negocios do Estado não chamem hoje a mulher para uma colaboração intelligente e eficaz, o paralélo com o que nos outros países fazem impõe-se e obriga alguns a perguntar como ha tempos o fez um distinto medico, num artigo da *Capital* referindo-se á falta de enfermeiras de guerra :

«Não ha mulheres em Portugal?»—Cheio de indignação, acrescenta : que era isto que lhe perguntavam em França e na Inglaterra, como naturalmente lho poderiam perguntar na Italia, onde tanto elas têm trabalhado na missão santissima de enfermeiras, como lho podiam perguntar na propria Alemanha onde de ha muito os hospitais são servidos por mulheres, e principalmente lho podiam perguntar nos Estados Unidos onde as mulheres são o nervo e a intelligencia que empurra para os melhores destinos um povo, ainda pela idade tão proximo da Natu-

reza barbaro, e pela cultura tão junto dos velhos povos civilizados.

«Não ha mulheres em Portugal?» — tinham tido o direito de lho perguntar aqueles que viram efectivamente a nossa cooperação na guerra e os nossos feridos e doentes começarem a entrar nos hospitais de sangue acolhidos e tratados por enfermeiras de outras raças, sofrendo e morrendo a ouvir bôcas estranhas de mulheres estrangeiras dizer-lhes palavras de carinhoso interesse, ouvidos fechados á sua lingua a escutarem as ultimas palavras para a mãe ou para a esposa ausente.

Tinham, efectivamente, o direito de perguntar: «Se não ha mulheres em Portugal?» todos os estrangeiros, que não conhecem o meio asfiziante e bolorento em que as mulheres portuguezas se criam e vivem e do qual só pela graça de Deus algumas conseguem escapar.

Mas para ser justo, para merecer o reconhecimento das mulheres do seu país, teria o nosso distinto patricio que pôr de lado a solidariedade de sexo, que tanta injustiça faz cometer aos homens e defender, como o nosso lendario antepassado defendeu a honra das damas inglezas, o procedimento, á primeira vista tão insolito e descarroavel das mulheres de Portugal.

E' que, para comprehender e desculpar a falta da mulher nos hospitais de guerra é necessario dizer aos estrangeiros como ainda hoje se educam e vivem as mulheres da classe, que naturalmente está indicada a ocupar os lugares de honra, que se encontram vagos pela sua falta.

Apavoradas pela maledicencia ambiente, aterrorizadas pela luta prevista, dentro da propria familia, ás primeiras palavras de individualismo consciente, paralizadas pela má vontade, claramente expressa, contra todos os actos e todas as palavras que denotem a aspiração duma independencia que faz prever uma concorrente



com que a preguiça do meio não concorda, a mulher na nossa terra está verdadeiramente encarcerada numa prisão celular de que só por escalada consegue algumas vezes fugir.

«Não ha mulheres em Portugal?» — Perguntaram lá fóra ao brilhante articulista, que não teve a coragem de responder: que não são as mulheres que faltam para o trabalho de honra que a Patria reclama, mas sim faltam os homens que acitem, respeitem e auxiliem aquellas que querem trabalhar.

Póde acaso dizer-se que é vergonhosa a inscrição de honra para enfermeiras de guerra, quando a «Comissão de enfermagem» da «Cruzada das Mulheres Portuguesas», tendo tomado nos primeiros dias de agosto a direcção deste grande movimento, tinha em 26 de novembro no seu livro, 165 senhoras que se inscreveram para servirem, como lhes fosse ordenado, na enfermagem de guerra.

E' pouco?

Em relação ás mulheres dos outros países é efectivamente pouco, mas olhando ao meio em que vivemos parece-nos que denota que ha, efectivamente, mulheres em Portugal.

E' necessario que destas 165 senhoras se tire a percentagem assustadora das que não teem fisicamente forças que corresponda á bôa vontade e energia do espirito; que se tirem, ainda, aquellas que foram forçadas a desistir pela opposição das familias, dos noivos e das proprias relações e sociedade em que vivem... e não são tão poucas, como poderíamos supôr; que se tirem tambem ás que por falta de meios não podem fazer o curso, não encontrando auxilio senão na propria «Cruzada», visto que até as repartições do Estado negam ás suas empregadas o auxilio de uma licença com vencimento, para frequentarem os cursos que bem se poderiam considerar serviço de guerra.

E se ás repartições publicas negam este

benefício, sómente a Casa da Moeda o tendo até hoje patrioticamente concedido, o que (diremos das casas particulares, que teem despedido as suas empregadas que lhes pedem a dispensa de algumas horas de trabalho?!

E é necessario que bem claramente fique expresso aqui — que não é ainda o ajuste de contas, que se fará depois da guerra — que a mobilização feita pela «Comissão de enfermagem» da «Cruzada das Mulheres Portuguesas» incide, principalmente, sobre as senhoras que vivem em Lisboa porque se difficil é a estas romper os preconceitos de uma educação freiratica em que as teem inferiorizado, quasi impossivel é ás que vivem nos meios ainda mais apertados e cheios de preconceitos da provincia.

Bem devem compreender os homens de boa fé a soma de coragem, de energia e de paciencia que tem sido necessaria á «Comissão de enfermagem» para conseguir em três menses de trabalho, que nenhum resultado teria senão tivesse a valoriza-lo a acção intelligente, persistente e firme do sr. Norton de Matos que sinceramente tomou a peito a criação duma enfermagem feminina de guerra em Portugal.

Bem o sabe o distinto medico, que tão apavoradamente pergunta: «Se não ha mulheres em Portugal» ou talvez não o saiba, porque nós o temos calado por solidariedade patriótica, o que tem sido a luta de cada hora contra a má vontade de tantissima gente, que ao nosso lado devia encontrar-se, e só vergada pela autoridade governativa cedeu, passo a passo, o campo onde nós deviamos actuar, fechando-se logo que uma vontade superior deixou de existir.

Quando de novo fôr ao estrangeiro, e lhe perguntem — «se não ha mulheres em Portugal?» — responda, para ser justo, que ha mulheres de tão grande coração e alma tão forte, que a todas as más vontades teem resistido e hão de resis-

tir para, sem amargura esteril, darem á Patria a sua alma e o seu coração no trabalho de honra que ela lhe reclama.

E, pode ainda dizer, que não será desmentido com justiça, que se ao lado das mulheres portuguezas se encontra uma minoria de homens conscientes e cultos, que honram e auxiliam o seu trabalho e louvam a sua acção, nada ellas teriam conseguido neste meio indifferente ou hypocritamente hostil, se a lei que criou patrioticamente a enfermagem feminina de guerra não tivesse tido o seu autor a mantê-la, a lembra-la, a impô-la, a honrá-la com uma nobreza que o torna crêdor de todo o respeito das mulheres, que sabem qual é o dever que a Patria lhes impõe e se sentem córar de vergonha perante o esforço admiravel das mulheres estrangeiras, que não lhes é permitido imitar, na frieza ironica com que a sua ardente fé, o seu desejo de bem servir a Patria, são recebidas.

Se mais não se fez nem se fará, talvez, não é por não haver mulheres em Portugal mas tão sómente porque a sua cooperação é dispensada sem a mais leve sombra de respeito e de interesse pelo seu desinteressado esforço.

\*

\* \*

De quando em quando vêm annunciadas pelos jornais preces em varias igrejas reclamando a paz!

Houve até uma vez em que telegramas de Braga annunciaram que o arcebispo primaz da-

que a diocese ordenara que em todos os templos se fizessem preces pela paz, nos domingos e dias santificados pelo culto católico.

Parece-nos que não é esta a ocasião mais própria para pedir a Deus, que tanto tem hesitado sobre o partido a tomar entre os contendores, mantendo uma neutralidade difícil, nos dê a paz, que seria o triunfo dos nossos inimigos, ainda fortes militarmente, muitíssimo fortes pela fé nos destinos da sua raça.

O que nós queremos não é a paz, é a victoria.

O que devemos pedir a todos os deuses da nossa crença e a todas as energias da nossa alma, é a força moral para resistir a todos os embates, com a ideia posta no triunfo da nossa causa, no triunfo da nossa raça e no triunfo da civilização latina, a que pertencemos.

Se nós fossemos arcebispo, ou bispo, ou, sequer, conego, vigario ou sacerdote de qualquer religião, o que não seria possível porque todas elas afastaram a mulher dos seus altos cargos dirigentes, como seres inferiores e até, por vezes, tão temíveis como o proprio diabo, nós não ordenariamos preces pela paz, mas sim pela victoria das nossas armas!

Mandariamos os nossos subordinados prégar em todas as igrejas, subir a todos os pulpitos, levar a todas as casas a palavra santa, que representa o orgulho da nossa raça, a fé nos seus altos destinos e a confiança absoluta no futuro.

Preces, sim, nós mandariamos fazer preces e ladainhas, em que as palavras fossem hinos de amor e dedicação, passeadas pelos campos, agora despertando alvoroçados para o eterno triunfo da vida.

Nós diríamos aos nossos soldados, que nunca Portugal pediu a paz e sim muitas vezes a impôz, lutando um contra dez.



Em nome da nossa terra bem amada, em nome da nossa honra, em nome do futuro que forçaremos a completar a obra grandiosa do passado, nós iríamos de cidade em cidade, de vila em vila, de aldeia em aldeia, confirmar o baptismo nacional, prégando a coragem, fomentando o trabalho, criando riqueza e força, educando, instruindo, cavando bem fundo na alma do povo, para que pudesse enraizar e desenvolver-se uma nova era de prosperidade e de nobreza para a nossa Pátria.

Nós iríamos dizer aos pais que seus filhos os enobrecem, caminhando com altivez para o triunfo e para a glória.

Nós iríamos dizer ás mães: que não chorassem seus filhos mortos no campo da luta, mas sim os deviam chorar criaturas miseráveis, enfraquecidas e hesitantes, escondendo-se covardemente para viver uma vida sem nobreza.

Nós iríamos dizer ás mulheres, que embebessem no coração incendiado de amor, as lagrimas de saudade e levantassem com orgulho no coração dos filhos um altar onde se erguesse como custódia deslumbrante o respeito pelos pais combatentes da civilização e da justiça.

Nós iríamos dizer a todas as mulheres, aos velhos como ás crianças, que a Pátria nos chama a todos e todos por ela nos devemos sacrificar e trabalhar.

E tanto se sacrifica o que se encontra no campo da batalha, como aquele que na propria terra prepara o futuro, semeando, produzindo, criando riqueza e força.

Cada soldado que saísse da nossa diocese comungaria conosco a hostia santa do amor e do orgulho pátrio.

Cada combatente que partisse para as fileiras, onde o dever e a honra nos chamam, levaria como reliquia sacrosanta, uma bandeira da Pátria.

Cada regimento que partisse, iria, sob o palio estrelado da nossa historia, jurar diante dos simbolos da Patria, que jámais um portugês amaria a vida sem honra nem gloria.

Cantando e sorrindo, com palmas e flôres, seriam levados juntos do tumulo de Camões para que a sua alma os abençoasse, na certeza de que não desmereceriam a fama do «peito heroico lusitano».

E aos que partissem como aos que ficassem, aos homens como ás mulheres, aos velhos como ás crianças, mais diriamos que tivessem diante dos olhos, como a oração dominical de verdadeiros cidadãos duma patria livre, as palavras tão simples e tão grandes, no seu laconismo revelador de uma grande consciencia nacional, com que lord Derby chamou ás fileiras o maior exercito de voluntarios que se tem organizado no mundo :

— Peça-lhe que pergunte á sua consciencia se deu á Patria tudo quanto lhe podia dar ?

E as nossas preces ardentes e cheias de religiosa fé seriam, como são, apesar de não sermos bispo, arcebispo ou coisa semelhante, não pela paz que seria a derrota, a vergonha e a inutilidade de tantos sacrificios e tantas vidas, mas pela victoria que vá até ao fim, pelo triunfo das nossas armas, que é a honra do passado e a garantia do futuro.

Não fariamos preces pela paz, porque a paz é a traição e a morte, e o nosso «Deus não o é de mortos mas de vivos», segundo as palavras do Evangelho.

Aos proloquios, proverbios ou anexins, que representam o resumo da intuitiva e critica observação do povo aos factos e erros em que frequentemente os individuos e as sociedades vão caíndo, sem embargo das experiencias e conselhos dos mais avisados, usa chamar-se: «Sabedoria das nações».

Pois, tanto mais do que as sentenças e proverbios, são os contos populares o comentario alegre ou triste dos casos que mais ferem a sensibilidade intelligente dos raros, convencidos como estamos de ha muito de que o «folk-lore» das nações não representa o espirito inconsciente das massas, mas sim a vergastada dos criticos ou a sensibilidade dos poétas, que tiveram a felicidade de encarnar no momento preciso o pensamento comum e deixaram de ser individuos para serem a grande alma colectiva dos povos.

E se defeitos tem havido na educação das classes dirigentes no nosso país, em especial de ha dois seculos de tirania jesuitica para cá, o maior, talvez, tem sido a desintegração da alma infantil do espirito tradicional da raça.

Por sequidão e aridez metódica, conduzindo á passividade e resignação fatalista, campo apropriado para germinar a herva de mil raizes e tentaculos, que conduz ao mundo espiritual, que foi o sonho grande de Loiola, em que se deixaram envolver e asfixiar as sociedades racionalistas da Renascença, já combalidas pelo luteranismo, as tradições e contos populares, os

casos de maravilhas e de encantos, que são o melhor exercício do raciocínio e da imaginação infantil, foram contrariados e expulsos como obra de critica demoniaca, da educação da infancia portuguesa.

E a Republica, que veio pelo esforço intelligente e patriotico de uma pequena minoria, que fez a propaganda agitando ideias e sentimentos, propondo problemas, criticando e rindo, falando e amando a Patria acima de tudo, respeitando a tradição e a raça, fazendo da instrução um lábaro redentor e de cada nova e progressiva ideia a impôr a uma sociedade anquilozada, o golpe de martelo que a abalava até ás mais fundas raizes, ainda até hoje não pôde cortar com decisão as fachas perfumadas com que a tentaram embalsamar, logo á nascença, os sacerdotes magnos que pontificam no misterio dos tabernaculos.

Esses que a não fizeram, mas achando-a feita nela se meteram sem integração nem sentimento republicano, teem volvido o regime de esperanças, de regeneração e patriotismo que o povo reclamou e impôs, numa continuação com semelhantes processos e melhores intenções daquelle que foi deposto por não ter sabido corresponder ás aspirações e ao nobre direito de um povo; que tão grande foi no passado e tantas e tão belas qualidades tem para lhe garantir um nobilissimo futuro.

Nós não sômos — felizmente! -- daqueles que por aí andam a chorar nas muralhas ideais de uma Jerusalem de fantasia a marcha de uma Republica, que não é a que sonharam.

Tambem — felizmente! -- não somos daqueles que desarmam e desanimam ante a má vontade e a opposição franca ou hipocrita dos inimigos, e, vencidos e não convencidos, recolhem ao silencio e á passividade egoista e criminosa da propria existencia desagregada da colectividade.



Foi em nome da Patria, que estivemos ao lado dos que mais trabalharam na propaganda da Republica.

Foi em honra da raça, que é o nosso orgulho, que lutámos dia a dia no campo das ideias e conseguimos levantar na alma de uma geração, que vai entrar na vida pratica, o sentimento tradicional do povo português, dando-lhe na leitura dos contos e tradições o fio condutor que nos hade levar a mais nobre destino, sem embargo das insignificantes agitações e variedades de sentimento, que são a pequena febre eruptiva das sociedades que se agitam para uma vida nova.

Pois é em nome da Patria e em nome da raça, que tanto vale, que nos julgamos no indiscutivel direito de falar bem alto aos que mandam e aos que obedecem, contrariados, que na hora presente ha só um interesse e uma só vontade na alma da nação:—vencer na guerra os inimigos da Patria, vencer cá dentro os que opõem ao nosso desejo de trabalhar e progredir a vontade morta de nada fazer.

Se ha crime neste momento que mereça o julgamento severo da Historia e deva ser classificado como uma traição vilissima, esse crime comete-o todo aquele que oponha á vontade energica dos que querem trabalhar uma resistencia passiva de preguiça e má vontade.

Para corresponder ao esforço imenso da nação, que dá serenamente o sangue das suas veias para que esta hora seja marcada como um ponto de partida para novos e mais belos destinos é necessario que todos, mas todos sem excção, voluntariamente, se forem conscientes, forçadamente se o não forem, sejam compelidos a um esforço suplementar que valorise a nossa terra, que enriqueça a nossa Patria, que justifique o nosso sacrificio.

Nem mulher, nem velho, nem criança, tem neste momento o direito de se julgar inutil dian-

te do sofrimento da Patria que é a mãe comum, da Patria que necessita de todos.

Apelando para a «Sabedoria das nações» podemos repetir o proverbio que nos ensina uma bem clara verdade :

«O trabalho do menino é pouco, mas quem o perde é louco».

Para levantar num mesmo impulso grandioso uma nova e grande Patria futura, nós precisamos que todos carreguem a sua pedra, que todos nos tragam o seu concurso.

E as mulheres, mais ainda do que os homens, exactamente porque são poupadas pelo serviço de guerra, é que mais devem pensar a serio no futuro da Patria, e que mais devem trabalhar para aumentar a sua riqueza e o seu prestigio.

Bem sabemos que ha criaturas de tanto juizo e *previdencia* que já estão a pensar na perturbação futura da sociedade, quando acabar a guerra e os homens voltarem aos lugares já hoje hesitantemente ocupados por esta pobre e acanhada mulher, que é a portuguesa.

Vêem tudo estas *santas criaturas*, tudo as apavora e horrorisa, só não veem a desvalorisação do sólo portuguez, só não comprehendem que é um crime de lesa-Patria o continuar este povo a preguiçar ao sol, com uma população laboriosa proporcionalmente insignificante.

Em vez de encararem com energia o momento presente e atacar a situação com a coragem que era de esperar de todos, *estas gentes de juizo* estão como os pais na «Historia da machadinha» de tradição popular, que ainda os filhos não estavam casados já eles, *previdentes*, estavam a pensar em que teriam um filho que podia ir á adega, passar por baixo da machadinha, que desprendendo-se do tétro fatalmente o mataria...

E a matutar neste mal futuro o vinho ia

correndo da cuba e o noivo fartava-se de esperar e... resolvia-se a procurar no mundo gente que fosse ainda mais tola do que aquela, para assim, á falta de melhor, se resolver a tolerar a sua... *previdencia*.

E por este conto se prova que a «sabedoria das nações» não é uma coisa inutil... pois nos seus casos, proloquios e anexins encontramos o comentario ironico ou tragico aos factos dos nossos dias.

Mas, não só como comentario ironico os devemos conhecer, mas tambem como expansões sentimentais que bem fundo se arreigam na alma colectiva, dando a nota orientadora da existencia afectiva e moral duma sociedade, reflectindo num certo momento o dever colectivo e unico.

Eis, por exemplo, esta linda frase: «*Duas almas num corpo só*» que na sua manifestação de ternura sentimental nunca teve, como agora, tão grande urgencia de ser bem interpretada nem uma tão bela occasião de se tornar realidade para a maior grandeza e honra da Patria.

«*Duas almas num corpo só*» diz-se de duas pessoas que se amam e respeitam profundamente e embora compreendam e pensem, por vezes, de maneira diversa o sentimento as liga no mesmo trabalho harmonico e no mesmo esforço de realização.

«*Duas almas num corpo só*» diz-se daquelles que actuando e trabalhando em campos, que ás vezes parecem opostos, o mesmo ideal liga e fortalece para o triunfo da grande obra inicial.

«*Duas almas num corpo só*» diz-se daquelles que o interesse material liga estruturalmente, e, embora discordem em sentimentos e ideias, juntando esforços e energias conseguem fazer vingar empresas e acumular forças para o triunfo final.

«*Duas almas num corpo só*»... eis o que faz a grandeza de uma obra dando-lhe o conjunto, completando-lhe o desenho, amaciando-lhe as arestas e apresentando ao publico, que a admira, tão sómente um corpo uno, admiravel de força, de energia e de graça.

«*Duas almas num corpo só*»... eis o que é preciso ligar dentro do ideal da Patria, nesta hora em que se joga o destino da raça e se define para sempre o caminho aberto para um maior Portugal.

A grande historia do povo português bi-partese nessas duas almas ambas gloriosas, ambas dignas de todo o nosso carinhoso interesse, ambas indispensaveis para levantar este edificio admiravel, que são oito seculos de nacionalidade autónoma, politica e moralmente, grande entre as grandes, bela entre as mais belas.

Essas duas almas que batem as asas da sua aspiração dentro de nós, teem em duas figuras grandiosas da historia o desenho simbolico da sua expressão maxima.

O infante D. Henrique, o navegador, o audaz, o sonhador de imperios, o visionario duma vêrdade apenas suspeitada pelos sabios, atirando para o mar e para as areias de Africa o melhor sangue de Portugal, é o maior santo do calendario glorioso da expansão portuguesa, que teve em Afonso de Albuquerque a sua formidavel expressão de audacia e de grandeza consciente.

O infante D. Pedro, seu irmão, aconchegando-se ao respeito enternecido desta terra de amoroso enleio, tremendo de aventuras que trocariam o bom «capuz» que servira a pais e a avós, por uma grande «capa» roçagante que mal lhe parecia poder abrigar o dônó, enfunada pelos ventos da ambição e da gloria; representa a alma cativa á terra, a raiz que nos prende á



tradição, o traço forte que dá á nossa raça qualidades de tão grande resistencia étnica, que nenhuma influencia extranha consegue jámais alienar.

Camões, o instrumento psicologico de mais fina vibração que ainda tem nascido em terras portuguezas, pôs no anseio palpitante com que se desfraldaram as vélas das naus do Gama e na fala tragica do velho de Restelo a simula viva dessas duas correntes, que formam as duas almas, que ás vezes, passageiramente se desligam e descontentam, embaraçando e perturbando o caminhar audaz do povo portuguez, mas que juntas num corpo só fazem a sua invencivel força e a grandeza com que temos realizado sempre um ideal colectivo.

Porque, sempre o povo portuguez teve, intuitivamente, a noção do caminho que devia seguir nas grandes emergencias tragicas da sua historia.

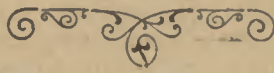
Perturbem-lhe embora o juizo com visões de tragedia e de pavor; ordenem-lhe, embora, atitudes contrarias á nitida consciencia do seu dever, ele, embora vagamente, comprehende, e sente mais do que comprehende, qual o caminho que conduz ao seu ideal de liberdade e de grandeza e, sem ouvir conselhos nem ordens, segue-o e triunfa.

Foi assim que firmou a nacionalidade com a resistencia á absorção espanhola em Aljubarrota e toda a campanha gloriosa dessa época; foi assim que marchou á conquista de Ceuta, ás navegações e descobertas; que se libertou de Espanha em 1640; que resistiu a Napoleão no principio do seculo passado; que impoz o governo liberal; que se constituiu numa Republica, é que é a expressão da consciencia de um povo livre, e que serenamente tomou o seu lugar na grande guerra, em que os nossos homens são já herois entre os soldados de todo o mundo.

E agora que a alma heroica de Portugal está já cumprindo tão nobremente o seu alto destino, levantando o pendão que representa a Patria de nós todos, que perante o mundo, nos queria esquecer, preciso se torna que as duas almas lusitanas se unam definitivamente num corpo só, para dar á nacionalidade portuguesa a terra fortalecida, opulenta e progressiva, que corresponda ao ideal magnifico que tem sido sempre a nossa estrela dirigente.

Que os soldados admiraveis que se encontram a defender o sólo portugûes em ferras de Africa, como aqueles que defendem os interesses da Patria na guerra da Europa, sintam que a sua alma gloriosa habita no mesmo anseio e na mesma fé naqueles que ficaram a guardar-lhes o lar carinhoso e naqueles que, espalhados pelo mundo, lutam e trabalham pela honra do sangue lusitano.

Portugueses somos todos, irmanados no mesmo interesse de levantar bem alto o nome da nossa Patria e onde quer que se encontre um homem ou uma mulher que fale a nossa lingua, ahi se ergue um hino á gloria da raça que soube criar para a civilização o mais formidavel movimento da Historia moderna e deixa para o futuro a expressão da sua grandeza e da sua energia na imensidade do sólo brasileiro e nas terras do grande futuro humano, que são as nossas possessões de Africa.



## Que fazer?

E' a pergunta que se dirigem uns aos outros, alvoroçados pela hora tragica de miseria e de fome que será a de amanhã, todos aqueles que no nosso país pensam com lucidez e calculam com serenidade as consequencias de uma luta, que tudo faz prevêr ainda demorada em sua resolução definitiva e perturbada e dolorosa nas suas immediatas consequencias.

Que fazer perante a fome que até aqui se tem iludido pelo sacrificio das nossas finanças, importando o que talvez pudessemos exportar ou, pelo menos, ter que suprisse as nossas necessidades reduzidas de momento?

Que fazer perante a inconsciencia de um povo, que da guerra ainda não compreendeu senão a sua parte sentimental e epopaica e está dando o seu sangue e o sacrificio maximo de vidas, sem calcular o que desse esforço ingente lhe pôde advir em males e em bens, que todos são logicos dos actos humanos?

Que fazer perante a opinião da maioria que tudo sacrifica á satisfação e necessidades da hora presente, sem querer ver o que será a consequencia logica dos seus gestos e palavras, que mais parecem a caricatura tragica de caprichos infantis?

Que fazer perante uma sociedade bizantina, que perde tempo e esforço a esvurmar mesqui-

nhos odios de comunidade para comunidade, de conventinho para conventinho, puxando aguas para os muinhos das suas cercas, sem grandeza de animo nem devoção patriótica?

Que fazer perante a minoria que se arvora em dirigente e gasta o tempo, de tanto valor nesta hora de afirmações e de perigos, em miseraveis lutas de palavras que nenhum sentido tem para a maioria, que deseja trabalhar e progredir, e que só reclama acção consciente e disciplinada para um unico fim, que é o fim supremo da nossa raça, vencer na guerra, triunfar na paz?

Que fazer perante a resistencia passiva de uma raça, que dá sorrindo a propria vida, o maior valor humano, e recusa e regateia a acção que se lhe pede para dignificar, para valorisar esse sacrificio?

Que fazer perante o egoismo sórdido de alguns, que neste momento em que a acção tem de ser conjunta e formidavel, tudo e todos sacrificam a miseravel ganancia, ao gesto adunco e repugnante de aferrolhar capitais nos proprios cofres, sem calcularem quanto é vã e transitoria uma opulencia, que não tem passado nem futuro, que não se apoia na riqueza e no bem estar colectivo?

Que fazer?

A pergunta, quando não representa a inutil acção dos Jeremias, que se comprazem nas lamentações liturgicas dos males passados, sem nenhum esforço para os remediar e transformar em bens, é de toda a justiça e de todo o interesse que mereça a nossa resposta precisa, clara e nitida.

Que fazer?... Trabalhar!

Trabalhar!

Eis o remedio unico que se nos apresenta sem hesitação nem trepidação.

Mas trabalhar não é a agitação nervosa e exgotante de um ou de poucos dias e horas.



Trabalhar, não é o gesto caprichoso das crianças esfalfando-se a tirar uma gota de agua do fundo do poço, onde a roda do engenho mal consegue embeber-se, para o resultado mesquinho de regar um pé de mangerico.

Trabalhar é a consciencia do esforço e do proprio valor individual calculando em perda de energia colectiva a hora inutil que passou.

Trabalhar conscientemente é sempre uma glorificação do proprio individuo, que se honra e respeita a si proprio, mas, na hora presente, é, acima de tudo, um dever individual perante aqueles que estão em terra estranha levantando a toda a altura o pendão glorioso da Patria, honrando mais uma vez a raça que iniciou os tempos modernos e garantiu á velha Europa a hegemonia espiritual que esta disfrutando.

Não ha hoje ninguem no nosso país que tenha o direito de dizer, ou de sequer pensar, que o seu trabalho é inutil ou pôde ser dispensado.

Que procure, cada um, consultando-se a si proprio conscienciosamente, de que modo pôde dar á Patria o seu trabalho; e certamente todos se encontrarão com alguma capacidade produtora que os valorize perante a Patria a que tem a honra de pertencer.

O esforço desacompanhado de um só é doloroso, esgotante e quasi inutil; o esforço coligado e combinado de muitos é colossal no resultado e duradouro nas consequencias.

Uma formiga só, labutando, esforçando-se, cansando-se, consegue apenas levar um bago de semente para o celeiro; mas o trabalho de milhares de formigas consegue essa coisa extraordinaria, esse verdadeiro milagre de disciplina, de labor, de ordem, que são os formigueiros das saúvas e outras raças da mesma especie, que todos que teem ido a Africa ou ao Brasil bem presentes devem ter em sua memoria.

Esses formigueiros que se estendem debaixo da terra a profundidade e distancia espantosas, para o tamanho das obreiras, elevam-se na superficie do solo a alturas, que calculadas e comparadas com o tamanho do produtor, são maiores que o maior monumento humano.

E' um exemplo que não deve esquecer, não havendo homens nem mulheres, velhos ou crianças que na hora presente possa ser considerado um factor inutil na necessidade suprema de aproveitar a riqueza inexplorada do nosso país preparando a felicidade e a alegria daqueles que cumprem o seu dever batalhando, como nós devemos cumprir o nosso trabalhando.

\*

\*

\*

No meio do turvelinho causado pelo vento de insania que tem perturbado a vida portugueza, soprando de quando em quando e agitando os espiritos fracos, não como um bom vento natural e forte, que levante e espalhe as sugidades do grão, nesta epoca de ceifas e colheitas, mas como o agitar febril de ventoinha em logar apertado e insalubre, erguendo poeiras que se introduzem nos pulmões, agitando o ar, que sem renovação mais viciado se torna, acudiu-nos ao bico da pena a pergunta: — que fazer?

E logo a seguir a resposta que se condensa numa palavra unica que é o nosso bordão, que é o nosso crêdo, que é a nossa firme certeza de um futuro melhor e mais digno para a Patria portuguesa: — *Trabalhar!*

*Trabalhar* é hoje, para o nosso país em guerra, um dever tão alto e tão sagrado como combater nas trincheiras ou partir, cheio de respeito pelo bom nome da Patria, para a defesa das nossas terras de Africa.

*Trabalhar* é, neste momento de perturbação e crise mundial, a rigorosa obrigação de todos nós, sem exclusão de sexo, sem desculpas de idade, sem privilegios de casta, de posição ou de fortuna.

A Republica ao proclamar-se em Portugal, como regimen de egualdade perante o dever e perante o esforço individual e nobilitante, prescreveu nas letras bem claras da *Constituição* o serviço militar obrigatorio para todos os cidadãos, com saúde e idade legal.

Mas para a mobilização voluntaria de todas as vontades e de todas as energias conscientes, postas no alto ideal do triunfo da Patria e da afirmação das grandes qualidades da nossa raça, ninguém tem o direito de se eximir, porque não pode haver tracos nem fortes perante esta suprema verdade: — todos trabalhando para o mesmo fim, cada um prestando á Patria, na sua hora de sofrimento e de perigo, o esforço que humanamente lhe possa dar.

Os nossos soldados partem com a serena e firme coragem dos herois do passado, e das proprias trincheiras nos escrevem frases que repucham aos olhos mais secos as mais comovidas lágrimas de orgulho: — «Os nossos teem-se batido como os antepassados do seculo XVI, o grande seculo lusitano, com uma granada na mão direita e as tripas na esquerda. Ao lado dos nossos amigos ingleses, os nossos rapazes são hoje os melhores granadeiros do mundo».

E todos, soldados e officiais, teem nas suas palavras, vindas do campo da honra, a mesma vibração heroica, o mesmo anseio de renovar para a Patria portuguesa as paginas gloriosas do passado.

Mas de que servirá todo esse nobre esforço, esse sacrificio de sangue arrancado á parte mais viva e mais sã do nosso organismo, se dentro do país ele não fôr secundado e apoiado pelo esforço individual, ligado num mesmo fim de grandeza colectiva?!

« Bem pôde um homem carrear riqueza para a sua casa, que nada lhe ficará nos bolsos se a mulher da janela lha estiver deitando para a rua, pela sua inconsciencia, desgoverno e inactividade », diz a filosofia pratica do povo.

Paraphraseando o sentido destas palavras, nós podemos bem repetir, dizer a toda a gente da nossa terra, gritar bem alto para que nos oiçam, escrever bastas vezes para que nos leiam: de que serve o doloroso sacrificio da nossa gente, se pela falta de trabalho e de consciencia dos deveres civicos, ninguem neste país quer sinceramente, honestamente, obscuramente, secundar a sua bela obra?!

De que servirá o sacrificio de tantas vidas, que desaparecerem no martirio inutil e sentimental, se dentro da nossa terra em tudo se pensa menos em valorizar o que eles foram defender?!

O que se pede nesta hora tragica, em que se joga o destino da nossa raça? A consciencia do dever, igual para todos, e o seu cumprimento rigoroso e simples.

O trabalho metodico e disciplinado é a unica chave maravilhosa que fará abrir para o nosso país uma nova era de prosperidade e de gloria, secundando cá dentro o esforço admiravel do nosso exercito.

E quando falamos no trabalho a realizar ou naquêle que vemos por fazer, no desespero da nossa impotencia de individuo perante uma tarefa que deve ser de todos, não queremos de modo algum dizer que não haja entre nós quem trabalhe bem e muito, por iniciativa propria ou necessidade de condição, mas sim queremos



expressar a ideia de que a realização pratica do trabalho, mesmo quando é muito e violento, não é acompanhada pelo esforço colectivo e fecundo do conjunto.

Num país de *seis milhões* de habitantes no continente e illhas, e onde bem á vontade se poderiam sustentar *vinte* dos seus recursos proprios, vê-se com repugnancia campos sem cultivo, braços sem trabalho, bôcas sem pão, gente sem fé, crianças sem escola, mulheres sem a consciencia da sua propria dignificação pela independencia criada pelo trabalho remunerado, egoistas que se desinteressam da felicidade colectiva, criminosos que põem acima da honra nacional a satisfação de mesquinhos interesses e odio inconfessaveis, porque odio sem treguas só nesta hora devemos ter contra os que estão matando os nossos soldados e contra os traidores que vendem o sangue dos seus irmãos.

Olhemos para o esforço unido e grandioso da Inglaterra, em que homens e mulheres são um todo unico para a salvação da Patria e o seu triunfo pelo trabalho tão glorioso e tão util como o triunfo das armas.

Ponhamos os olhos no movimento admiravel da America do Norte, onde os cidadãos productivos são tanto os homens como as mulheres. Sem distincção de sexos nem de classes, o que se pede ao cidadão livre da livre America é o esforço consciente do seu trabalho, da sua intelligencia e da sua fé absoluta nos altos destinos da sua Patria.

Nós precisamos convencer-nos todos de que não é mais possivel existir um país em que só uma decima parte trabalhe e pense e todos os outros queiram viver desse trabalho e desse pensamento, sem o menor esforço proprio.

Quem dentro do país não der á Patria o trabalho que lhe consentirem as suas forças, pôde considerar-se com tanta razão como o que foge ao dever militar, um verdadeiro refractario,

um traidor á sua raça, um criminoso sem perdão.

E as mulheres portuguesas, chamadas á responsabilidade e á luta pela vida, numa hora tão minguada e escurecida de presagios, têm de arcar com a responsabilidade dum futuro que bem delas depende.

Sem educação profissional para um trabalho independente, sem estar preparada para assumir a consciante responsabilidade dos seus actos cívicos, a mulher portuguesa está sendo empurrada para a vida, como um mendigo despedido á porta dum casal, onde tinha fartura e agasalho, sem uma capa que o abrigue das inclemencias da invernía e sem bordão a que se arrime e lhe sirva de defesa contra os ataques inimigos.

A sociedade de amanhã, comparando a acção da mulher dos outros povos com a nossa, julgará, porventura, com severidade a mulher portuguesa e classificará de mingua de sentimento e incapacidade intelectual o que tão sómente foi falta de educação pratica e de energia para se insurgir contra o crime moral de que foi victima.

Chegou o tempo de se não perguntar razões, nem se poder aceitar desculpas. A Patria exige trabalho e acção inteligente, e precisa de muito amôr e muita coragem individual para se erguer á altura do seu papel historico.

Assim como se pede a todos os homens uma nova e violenta adaptação á vida militar, que para muitos não era a que voluntariamente tinham procurado, assim á mulher se reclama trabalho e se mostram novos deveres que a maioria nem sequer sonhava que existissem para o seu sexo.

O caminho é largo e os horizontes muito vastos, mas é necessario que ninguem se acovarde e todos cumpram a sua missão para chegarmos ao triunfo da causa comum.

A mulher portuguesa tem belos exemplos a seguir na atitude, um tanto diversa, mas sempre digna de respeito e elogio, das mulheres dos outros povos aliados, como nós, para a defeza da santa causa.

Mas afigura-se-nos que será na Italia, tão nossa irmã pela raça, pelo sentimento, pela educação e pela Historia, que melhor procuraremos o paralélo para uma acção em harmonia com as nossas qualidades e defeitos.

A propaganda italiana dirige-se mais ao sentimento intimo, á intelligencia e ao orgulho dum povo que tem de honrar pergaminhos historicos, de que verdadeiramente ao traumatismo sentimental da exposição das miserias, das violencias e dos crimes, materializados pela imagem, para a visão dolorosa.

A propaganda, que mais sensibilisa os nossos espiritos de latinos e mais fundo penetra no nosso coração, é feita pela palavra escrita mais do que pela grafia plastica.

Um simples cartão postal com quatro letras iniciais que significam: *Liga Nacional Semeadora de Coragem* tem para a facil imaginação dos povos meridionais uma fulguração tão deslumbrante e sugestiva, como para as fortes raças nozdicas, de compreensão pratica e fraca imaginativa, a larga exposição documentada e illustrada.

Este simples cartão impresso, acrescenta ás iniciais a frase imperativa, dirigida á compreensão dum povo que tem espirito para seguir um grande artista, que o leva para a dôr e para o sofrimento da hora presente, com os olhos fitos num grande futuro:

*« Uname-nos todos concordes num unico pensamento, numa unica fé e num igual trabalho e encontraremos a força para resistir até ao dia da victoria ».*

A Italia insurgiu-se contra a rigidez dos tratados politicos porque acima de todas as ra-

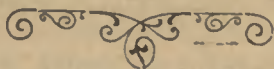
zões de Estado está a razão suprema do sentimento e do instinto salvador dos povos emotivos. Gabriel de Annunzio, pondo de parte toda a sua vida de egotismo intelectual e de grande artista que todo o mundo aclama, para sacrificar á Patria a sua vida, o seu tempo e a sua arte, com a compreensão patriótica do mais simples soldado e a mais superior idealisação do sentimento nacional, é bem o simbolo do povo latino, é bem a imagem da alma rediviva da grande civilisação romana, erguendo-se e purificando-se pela dôr e pelo sacrificio na hora suprema de provação e sobresalto.

Como na Italia, o povo portuguez tem o sentimento da palavra, que é uma força invencivel na sua alma sentimental e é a mulher que cumpre dizê-la nesta hora da grande perturbação e sacrificio, em que o seu pensamento se tem de fixar no dever de legarmos aos nossos filhos um Portugal que se estenda moralmente a todos os recantos da terra em que palpita um coração lusitano e uma bôca portuguesa, que fale a nossa lingua.

E' necessario que as mulheres portugesas chamando a si o rigoroso cumprimento do seu dever patriótico, avoquem o justissimo orgulho da nossa raça e lancem generosamente á terra a semente duma nova era de prosperidade, que não nos amesquinhe perante a gloria do passado.

E' ás mulheres portugesas, em grande percentagem, que caberão, no futuro, as responsabilidades das faltas cometidas hoje.

E' a ela que cumpre erguer nas suas mãos purificadas pela fé no futuro o simbolo da Patria, e liberta-la para a honra e para a gloria dos seus filhos.





## *Na inauguração da primeira Casa de Trabalho da "C. M. L."*

O acto, verdadeiramente civico, a que vimos assistir, enche-nos de satisfação porque ele representa mais um passo andado no caminho que a nossa agremiação se propoz seguir para corresponder ao movimento admiravel, que levou a alma da nossa raça a procurar o seu verdadeiro norte, seguindo o ideal colectivo da civilização latina.

Porque a obra desta instituição é, sem duvida, de piedade, de amor e de assistencia, mas será, acima de tudo, uma obra de patriotismo para verdadeiramente se tornar grande e bela em todo o seu conjunto e corresponder, nesta hora de sacrificios, ao dever que a todos os cidadãos se exige, cada um conforme a sua responsabilidade social.

Depois de um esforço persistente de mais de um ano cabe á «Comissão de assistencia ás mulheres dos mobilizados» a justa satisfação de poder inaugurar a sua primeira «Casa de Trabalho», não com a grandeza que seria o desejo de nós todas, mas com a modestia que atesta as dificuldades de toda a ordem, que uma iniciativa destas representa num meio deseducado como o nosso.

E ao apresentar desta forma a realização minima dum plano largamente esboçado, esta «Comissão» encobre no seu sorriso de intima sa-

tificação as lutas de cada hora e os desanimos, felizmente momentaneos, que são o Jardim das Oliveiras, que todos os que teem um ideal e por ele trabalham e lutam, fatalmente têm de sofrer.

Mas, o segredo do exito duma obra só o poderiam dar os seus fundadores se eles, por uma faculdade inherente ao esforço superior do espirito sobre a materia, não tivessem a felicidade de esquecer, na hora satisfeita do triunfo, as amarguras da luta.

Só quem sabe o que é trabalhar anos e anos consecutivos na propaganda dum ideal; só quem sabe o que é repetir, em palavras sem significação para os outros, as verdades já evidentes para o nosso espirito, vendo-as receber com o sorriso irônico e a indiferença de quem ouve o recontar dum sonho, pode bem avaliar e compreender, em toda a sua grandeza, o esforço ingente, que a realização duma ideia representa, quando chega ao campo da experiencia pratica. Dizer, que a obra realisada nos satisfaz plenamente, não seria falar verdade e, pelo contrario, iriamos de encontro á aspiração de melhorar e progredir que é o nobre e insatisfeito anseio de todas as sociedades, que teem em si elementos de vida.

Fez-se já alguma coisa, mas queremos fazer mais e melhor, para que desta hora de provação saia a hora de resurgimento, que esperamos tenha soado para nós, no grande relógio que marca os destinos dos povos.

E dizendo estas palavras, justificamos a opinião daqueles que nos accusam de nunca estar satisfeitos com as obras realisadas. E' certo! A cada passo andado, sem olhar para o caminho percorrido, pomos, o pensamento mais alto e julgamos pouco, muito pouco ainda, tudo quanto se faça para levar este povo, de tão nobres tradições, a corresponder ao momento que a civilização europeia representa na historia da humanidade.

E' preciso que nos convençamos todos, tanto

faz que tenhamos nascido homens como mulheres, que o dever nos obriga a cumprir a sagrada missão de afirmar as qualidades superiores de uma raça, que tem conseguido resistir a seculos de depauperamento material e moral, causados por uma emigração desordenada e por uma incuria criminosa na educação geral, e muito especialmente, na educação feminina.

Quando o destino, sob a fôrma brutal da guerra, chamou a mulher á comprehensão da igualdade de direitos perante a igualdade do perigo e do sofrimento, nós vimos com tristeza, como em Portugal era inferior a educação practica do nosso sexo e como o preconceito feminino encara, com certo desdem, as poucas que se apresentam prontas para trabalhar, desconfiando e contrariando a sua acção, em vez de a acolher com entusiasmo e simpatia. Que seja nas altas classes, que seja no povo, só por excepção a mulher portuguesa estava preparada para aguentar com energia e calma um tremendo combate como este.

Diplomada: vêmos como são poucas as medicas, as professoras de cursos superiores, as advogadas; nenhuma agrônoma, nenhuma veterinaria, nenhuma engenheira, que exerça a sua profissão, como seria necessario, para suprir na sociedade portuguesa a falta que os homens deixam na vida colectiva.

Funcionarias: todas as que estão empregadas se encontram em logares tão inferiores e dependentes, que nenhuma pode mostrar superioridade de espirito e disciplina para orientar um trabalho, por maior que seja o seu valor intelectual.

No commercio: não passam do servilismo de empregadas inferiores sempre mais mal pagas do que os seus colegas.

No operariado... será inutil talvez dizer o que é a instrucção da mulher portuguesa como operaria, se afirmarmos que é talvez a que me-

nos sabe fazer e menos sabe ganhar, não por falta de intelligencia e de habilidade, mas por falta de aprendizagem e de comprehensão dos seus deveres individuais e dos seus direitos de ser consciente, com uma vida autónoma de responsabilidade propria.

Quem estuda um pouco as questões economicas e sociais depara muitas vezes com phenomenos injustificaveis, como este: se ha industrias em Portugal que não dispõem de materias primas, o que pôde dar razão ao seu pouco desenvolvimento, ha outras que não entram no mercado mais cara do que nos outros países e não sofrem, depois de completas, a concorrência estrangeira, sendo a mão de obra mais barata do que lá fóra. Qual o motivo? Afiguráse-nos que ele é, sobretudo, causado pela desorganisação e falta de ensino profissional, que fez a força da Alemanha, que tão custosamente hade ser vencida.

Porque nos alegra ver fructificar a semente lançada á terra, esperando que este gesto fecundo, transformará a sociedade portugueza numa colmeia de trabalho produtivo, em vez duma portaria de convento, onde sem nobreza nem orgulho se sustente uma vida miseravel, á custa duma esmola ratinhada e avara.

As «Casas de Trabalho» são um elo da cadeia em que a nossa assistencia se hade manifestar, preparada pelas «maternidades», «viveiros infantis» e «Jardins de infancia» e completada pelas «Escolas profissionais» que são a base duma sociedade equilibrada e forte.

As obras de beneficencia simplesmente caridosas não são uteis e fecundas, porque a ausencia dum fim social enfraquece e deprime, desmoralizando quem a exerce e principalmente quem as recebe,

Ao egoismo revoltante dos felizes que se julgam libertar do remorso fazendo algumas boas obras, junta-se a indiferença resignada dos po-



bres, que não sentem dentro de si o fogo sagrado, que faz de cada ser humano um cidadão e de cada cidadão uma criatura capaz da mais energica defeza perante a inferioridade individual, convencidos do que ela acarreta immediatamente a inferioridade da raça e o vexame da Patria. E' da soma de energias individuais, que se faz a força colectiva dos grandes povos.

E' da consciencia dos deveres de cidadão que se fórma a grande consciencia nacional, que pode despertar numa hora de perigo colectivo, como succedeu na França neste grande momento historico, que salvou a civilização latina, mas que pôde tambem estar tão adormecida que já nenhum estímulo a faça resurgir, como succede nos povos que teem os seus dias contados e entram na escuridão e na morte.

Ora nós, que nos orgulhamos justamente de ser portuguezes, devemos criar no nosso país a assistencia e a instrucção, de modo a habilitar-nos a segurar com força, nas mãos nervosas, o poder colonial que nos coloca em terceiro lugar entre as grandes nações europeias e pela nossa situação admiravel nos destina a ser um grande entreposto comercial entre a America que descobrimos e a Europa que nos deve a sua grande civilização expansiva.

O momento que atravessamos é unico na historia, cumprindo a cada um conhecer o seu dever e desempenha-lo sem hesitação nem adiamento.

Cada um de nós deve responder pelas suas obras, sem averiguar se os outros cumprem ou não cumprem o seu dever, porque o tempo que se dispende a criticar o esforço alheio melhor o aproveitamos em procurar fazer mais e melhor.

E' preciso que todos nos convençamos de que a guerra actual hade terminar pela derrota militar dos alemães, nem outra coisa se podia admitir da aliança de todos os povos de civilização latina contra o predomínio germanico, mas

é necessario tambem, que tenhamos a certeza que a luta não acaba com a guerra e aquella que se lhe hade seguir, no campo da concorrência commercial, hade ser ainda mais tremenda, mais dura, ainda mais dolorosa.

O sonho da hegemonia alemã não ficará extinto com a derrota do seu poder militar, porque eles teem força bastante para desdobrar a sua acção e pôr na propaganda do seu commercio e no trabalho da sua industria o mesmo espirito metódico, o mesmo orgulho, a mesma energia e persistencia, que pozeram em se fortificar para esta guerra de esterminio em que o mundo se renderia escravizado, sem a acção admiravel da Inglaterra, o heroismo da França e o martirio da Belgica e da Servia.

Todos os povos nesta hora de balanço geral deitam contas ao seu passado e, fortalecendo-se pela concentração da propria consciencia, se preparam para a luta de amanhã.

E assim a guerra é hoje o que sempre foi, a grande, a pavorosa, a tragica despertadora de energias. E' ela que abre as portas do futuro ás raças que teem coragem e força para a defesa e fecha sem piedade as do passado aos que não resistem á absorção e á morte.

Ora nós devemos tirar desta hora tremenda a lição que nos sirva para um futuro digno do passado.

Que não seja a nossa obra inconsistente e superficial como tem sido até aqui, antes lance fundas raizes na estrutura moral do nosso povo, porquanto, aquilo que hoje não ficar definitivamente caboucado na sociedade portugnesa passará com a guerra, deixando a desolação e a miseria, enquanto os outros continuarão a triunfar e a progredir.

E' principalmente da acção disciplinada e firme da mulher que todos os povos hoje esperam a reorganisação da sociedade futura, sendo pois, bem justificado todo o interesse que á «Cru-

zada das Mulheres Portuguezas» seja dada para que possa cumprir a sua missão social, educando e libertando a mulher para o trabalho remunerado, protegendo as crianças para a força do futuro.

Acusam-nos de enveredar sempre para o campo das reivindicações femininas, quando nos forçam a erguer a voz, seja qual fôr o assunto de que se trate.

Mas será por acaso um crime, que mereça o castigo de ser lançado ás fêras ou purificado pelas chamas, o falar em nome da justiça que é a causa da mulher, explorada no seu trabalho, explorada na sua consciencia individual, vitima de todos os preconceitos, acusada de todas as inferioridades e de todos os crimes, afastada de toda a colaboração inteligente e nobre, dentro das sociedades de que faz parte?

Será por acaso um crime desejar que a «Cruzada das Mulheres Portuguezas» compenetrando se do ideal patriótico que a formou trabalhar por dar uma patria civil ás mulheres que tanto amam e tanto se sacrificam pela terra em que nasceram e á qual dão toda a sua alma e o seu sangue, dando-lhe os seus filhos?

Depois desta hora de luta pelos interesses colectivos, a palavra feminismo já não apavora ninguém, porque tendo representado durante muitos anos a revolta e o protesto de poucas, contra a maior injustiça social, ela representa hoje em todo o mundo o interesse de cada raça, representado na palavra *Patria*, que a mulher tanto ou mais do que o homem, simbolisa e que por instinto ela defende para a continuidade da raça.

Esse termo a que os ignorantes quizeram dar um significado ridiculo para afastarem da solidariedade do seu sexo as senhoras pertencentes ás classes elevadas, ou que a elas pertencerem tem o snobismo de aspirar, deixou com a guerra de corresponder a uma nobre campa-

nha em que o maior inimigo a vencer era, por aquele motivo e pela ignorancia e dependencia economica do nosso sexo, a propria mulher.

Hoje ninguem já se atreve a sorrir duma ideia que foi a impulsora do admiravel esforço da mulher em todos os países civilizados.

Como sempre o previmos e preconisamos, a palavra integrou-se na moderna vida social, com o alto significado que sempre lhe attribuímos, não para criar uma sociedade feminina paralela á masculina mas para integrar os sêres humanos na vida comum, num paralélo de esforço inteligente para a felicidade do maior numero.

A' custa de lagrimas e de sofrimentos incontaveis a justiça veio ao nosso encontro e, como sempre o proclamamos a nobre acção social da mulher, consciente dos seus deveres e direitos, deixou de poder classificar-se de *feminismo*, para ser o que em verdade sempre entendemos que devia ser: *Humanismo*.





# INDICE

---

Antes de abrir.....	5
A nossa missão.....	7
Portugal na guerra.....	11
Acção feminina.....	15
Libertação feminina.....	27
Trabalho feminino.....	41
Questões de educação.....	55
Mobilização feminina.....	70
Assistencia feminina.....	78
Raça portuguesa.....	86
Patria.....	100
Que fazer?.....	125
Na inauguração da Primeira Casa de Trabalho da « C. M. P. ».....	135







